

Relação da jornada D'EL-REI D. SEBASTIÃO quando partiu da cidade de Évora

1573

João Cascão

Edição de Rui Manuel Loureiro & Daniela Nunes Pereira



João Cascão

**RELAÇÃO DA JORNADA D'EL-REI D. SEBASTIÃO
QUANDO PARTIU DA CIDADE DE ÉVORA
(1573)**

Edição de Rui Manuel Loureiro & Daniela Nunes Pereira

Faro – Direção Regional de Cultura do Algarve – 2023

Projeto Magallanes_ICC



Interreg
Espanña - Portugal

Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



UNIÓN EUROPEA
UNIÃO EUROPEIA



MAGALLANES_ICC

INDÚSTRIAS
CULTURAIS
& CRIATIVAS

Ficha Técnica

Título:	Relação da jornada de el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora (1573)
Autores:	João Cascão; Rui Manuel Loureiro; Daniela Nunes Pereira; Maria Augusta Lima Cruz; Luís Costa e Sousa
Edição:	Direção Regional de Cultura do Algarve Projeto Magallanes_ICC
Design da capa:	Alexandra Santos
Data:	Julho 2023
ISBN (edição digital):	978-989-35136-6-8

O projeto 0752_Magallanes_ICC_5_E é Cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional FEDER, através do Programa Interreg V-A Espanha-Portugal (POCTEP) 2014-2020.

ÍNDICE

NOTA DE ABERTURA	5	
Rui Manuel Loureiro & Daniela Nunes Pereira		
INTRODUÇÃO	13	
Rui Manuel Loureiro		
RELAÇÃO DA JORNADA D’EL-REI D. SEBASTIÃO QUANDO PARTIU DA CIDADE DE ÉVORA (1573)	23	
João Cascão		
ESTUDOS COMPLEMENTARES	123	
A VIAGEM DE EL-REI D. SEBASTIÃO AO ALENTEJO E ALGARVE		125
- Maria Augusta Lima Cruz		
DO ALGARVE PARA MARROCOS: A JORNADA DE 1573		141
- Luís Costa e Sousa		
BREVE GUIA DE LEITURAS	149	
Rui Manuel Loureiro & Daniela Nunes Pereira		

NOTA DE ABERTURA

RUI MANUEL LOUREIRO & DANIELA NUNES PEREIRA

Nota de Abertura

RUI MANUEL LOUREIRO & DANIELA NUNES PEREIRA *

A passagem do quinto centenário da primeira circum-navegação do globo serviu de pretexto para um projeto designado como *Magallanes_ICC*, que teve como objetivo dinamizar a temática das Indústrias Culturais e Criativas (ICC) nas regiões do Algarve, do Alentejo e da Andaluzia, fazendo a ponte com a investigação histórica mais recente sobre a época de Fernão de Magalhães. O projeto *Magallanes_ICC* foi cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional FEDER, através do Programa INTERREG V-A Espanha-Portugal (POCTEP) 2014-2020. Este projeto transfronteiriço, desenvolvido em 2021-2023, teve a Direção Regional de Cultura do Algarve como

* RML: Professor do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes; Investigador do CHAM, NOVA FCSH; Coordenador no Algarve da componente de investigação histórica do Projeto *Magallanes_ICC*.
DNP: Doutorada em História; Contratada Juan de la Cierva, Universidad Complutense de Madrid.

parceira, em articulação com várias outras entidades das referidas regiões ibéricas.

O célebre navegador português Fernão de Magalhães, conhecido na historiografia espanhola como *Magallanes*, largou de Sevilha em 1519 no comando de uma histórica expedição marítima patrocinada por Espanha (ou antes, por Castela), que tinha o propósito de tentar alcançar as ilhas de Maluco, na extremidade oriental da atual Indonésia, seguindo uma rota ocidental. Nessas longínquas ilhas cultivavam-se algumas das mais valiosas especiarias, como o cravinho e a noz-moscada, que chegavam à Europa em reduzidas quantidades e a preços elevadíssimos, depois de percorrem as demoradas rotas simultaneamente marítimas e terrestres que ligavam a Ásia mais longínqua ao mundo mediterrânico.¹

Nas décadas anteriores à viagem magalhânica, Portugal tinha lançado sucessivas expedições marítimas com rumo à Ásia, e tinha conseguido, em finais do século XV, com a histórica viagem de Vasco da Gama, estabelecer uma rota marítima direta entre Lisboa e a costa ocidental da Índia. A nova rota do Cabo, que seria controlada em exclusivo pelos portugueses nas décadas seguintes, permitiu a Portugal o acesso ao lucrativo comércio de mercadorias orientais (especiarias, drogas, sedas, porcelanas, etc.). Os portugueses rapidamente estabeleceram bases sólidas em diversos pontos do extenso litoral asiático, e atingiram por volta de 1511-1512 as ilhas de Maluco, onde uma década mais tarde construíram uma fortaleza.²

¹ A respeito do comércio destas especiarias antes e depois da viagem de Magalhães, ver Teresa Nobre de Carvalho, «The depictions of the spice that circumnavigated the globe. The contribution of García de Orta's *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563) to the construction of an entirely new knowledge about cloves», *Abriu*, n. 6, 2017, pp. 187-212.

² Sobre a história da expansão portuguesa, ver a síntese recente de Luiz Filipe F. R. Thomaz, *A Expansão Portuguesa: Um prisma de muitas faces* (Lisboa: Gradiva, 2021).

Após a morte de Fernão de Magalhães numa das ilhas do arquipélago mais tarde designado como Filipinas, a viagem de circum-navegação seria concluída em 1522 pelo navegador de origem basca Juan Sebastián Elcano, originalmente embarcado como mestre de um dos navios da expedição.³ Magalhães não pretendia navegar em torno do globo, mas o seu nome ficou para sempre ligado a este empreendimento, e também ao processo da primeira globalização que nessa conjuntura teve o seu arranque. Pela primeira vez, todos os mares da terra eram regularmente navegados, todos os continentes ficaram a partir de então em permanente contacto. E o mundo nunca mais seria o mesmo.

No âmbito da componente de investigação histórica de um projeto que visava divulgar temas de investigação histórica sobre a época de Fernão de Magalhães e a primeira globalização, junto de um público não especializado, pareceu oportuno proceder à reedição da *Relação da jornada d'el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora*, da autoria de João Cascão. A régia viagem ao Alentejo e ao Algarve decorreu ao longo das primeiras semanas de 1573, e o relato da mesma foi preparado por um dos membros da larga comitiva que acompanhou o monarca lusitano. El-rei D. Sebastião, ao longo de um mês e meio, viajou desde Évora até às regiões mais meridionais de Portugal, num périplo que teve dois objetivos essenciais. Por um lado, visitar muitas das fortificações existentes, avaliando o respetivo estado de conservação; por outro lado, inspecionar as tropas que em cada localidade se conseguiam mobilizar, no contexto da reorganização das forças militares então em curso em Portugal.

Embora esta fonte histórica tivesse sido anteriormente publicada, uma nova edição da *Relação da jornada d'el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade*

³ Sobre a viagem de Fernão de Magalhães, ver Luiz Filipe F. R. Thomaz, *O Drama de Magalhães e a Volta ao Mundo sem Querer* (Lisboa: Gradiva, 2018), e também Rui Manuel Loureiro, *Em demanda da biblioteca de Fernão de Magalhães* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 2019), que referem a bibliografia fundamental.

de Évora foi sugerida e debatida por ocasião de duas jornadas de trabalho organizadas pela componente de investigação histórica do projeto *Magallanes_ICC*, que em 2021 e 2022 reuniram um alargado conjunto de especialistas de história do Algarve. E o trabalho editorial da obra de João Cascão foi tomado a cargo pelos signatários da presente introdução. A edição que o leitor agora tem entre mãos contém uma nova lição do texto da *Relação da jornada d'el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora*, em português modernizado (de acordo com normas que adiante vão explicitadas). Esta edição foi elaborada a partir do manuscrito seiscentista da obra que hoje se conserva nas coleções do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa.

Este novo texto vai abundantemente anotado, de forma a esclarecer todas as dúvidas de leitura que se pudessem colocar ao leitor não especializado, e é precedido duma breve introdução contextualizante. Como adjuvante da leitura da *Relação da jornada*, inclui-se também, nas páginas finais, um sumário guia de leituras, que pretende fornecer aos leitores mais curiosos algumas pistas bibliográficas para poderem livremente aprofundar os seus conhecimentos sobre a personagem de el-rei D. Sebastião e sobre a história das regiões meridionais de Portugal na época da primeira globalização. No fim de contas, esta edição tem um propósito eminentemente pedagógico: aproximar o público não especializado desta clássica descrição de uma viagem quinhentista por terras do Alentejo e do Algarve.

Entretanto, em dado momento da preparação desta nova edição, pareceu oportuno enriquecê-la com dois estudos complementares: um dos estudos, sobre o contexto histórico da viagem de el-rei D. Sebastião ao Alentejo e ao Algarve, ficou a cargo de Maria Augusta Lima Cruz, uma das grandes especialistas sobre a vida deste monarca português;⁴ o outro dos estudos, sobre as informações de natureza militar que é possível

⁴ Ver, entre outras obras, Maria Augusta Lima Cruz, *D. Sebastião* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006 / Lisboa: Temas & Debates, 2009).

recensar na obra de João Cascão, é da responsabilidade de Luís Costa e Sousa, um dos historiadores que em anos mais recentes tem renovado o conhecimento da batalha de Alcácer Quibir, na qual desapareceu el-rei D. Sebastião.⁵ A ambos os historiadores aqui se apresentam os maiores agradecimentos, por se terem disponibilizado a contribuir para este projeto editorial.

⁵ Ver, entre outras obras, Luís Costa e Sousa, *A Arte na Guerra: A Arquitectura dos Campos de Batalha no Portugal de Quinhentos* (Lisboa: Tribuna da História, 2008); e Luís Costa e Sousa, *Alcácer Quibir 1578: Visão ou delírio de um rei?* (Lisboa: Tribuna da História, 2009).

INTRODUÇÃO

RUI MANUEL LOUREIRO

Introdução

RUI MANUEL LOUREIRO

A *Relação da jornada d'el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora*, da autoria de João Cascão, não é desconhecida do público especializado, pois foi já publicada em duas ocasiões distintas. Em primeiro lugar, numa edição a cargo de António Alfredo Barjona de Freitas e de José Manuel Rodrigues, impressa em vários números de uma publicação periódica lisboeta, a *Revista das Ciências Militares*, saídas a lume nos anos de 1886 a 1888.¹ Para esta primeira edição, hoje de difícil acesso, foi utilizado o manuscrito da obra que atualmente se conserva no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.² Mais recentemente, em 1984, o historiador Francisco

¹ António Alfredo Barjona de Freitas & José Manuel Rodrigues (eds.), «Relação da jornada de El-Rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora – feita pelo cronista João Cascão», *Revista das Ciências Militares*, vol. 3, 1886, pp. 79-85, 150-159; vol. 4, 1887, pp. 131-135; vol. 5, 1887, pp. 56-63; vol. 6, 1888, pp. 38-44, 114-118.

² Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Manuscritos da Livraria*, n.º 1104 (104), disponível on-line em <<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4248732>> (acesso em 20-07-2023).

de Sales Loureiro publicou uma nova edição do relato da viagem de el-rei D. Sebastião ao Alentejo e ao Algarve, a partir de um outro manuscrito, conservado na Biblioteca da Casa de Cadaval e precedida de um amplo estudo introdutório.³ Esta obra está desde há muito esgotada, sendo nos dias de hoje de acesso complicado para o público em geral.

Praticamente nada se consegue apurar sobre João Cascão, o autor da *Relação da jornada d'el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora*. Apenas se sabe que fez parte da larga comitiva que acompanhou o monarca lusitano na sua digressão pelo Alentejo e Algarve, a qual teve início em Évora, em 2 de janeiro de 1573, e se concluiu na mesma cidade algumas semanas mais tarde, a 14 de fevereiro do mesmo ano.⁴ Uma observação registada na *Relação da jornada*, a propósito de uma visita à imponente torre de menagem do castelo de Beja, leva a crer que João Cascão teria em algum momento do seu percurso estanciado numa das praças controladas pelos portugueses no litoral de Marrocos. Com efeito, a dado passo refere que existia nesta fortificação alentejana uma «máquina pequena a que eles chamam *miradouro*, e em África, *cavaleiro*».⁵

Embora João Cascão tivesse viajado na comitiva régia, alguns indícios internos sugerem que o manuscrito original da *Relação da jornada* teria sido finalizado algum tempo depois da conclusão da viagem, decerto com o apoio de anotações diarísticas. Assim, a dado passo é feita uma referência ao primeiro governador do algarve, D. Diogo de Sousa, que só foi nomeado por el-rei D. Sebastião em carta de 21 de julho de 1573.⁶ Mas o manuscrito original levou sumiço e as duas cópias que hoje se conhecem

³ Este segundo manuscrito, que não foi consultado para a presente edição, tem a cota Códice K. VII, b (1021) b. Ver a respetiva transcrição em Francisco de Sales Loureiro, *Uma jornada ao Alentejo e ao Algarve* (Lisboa: Livros Horizonte, 1984), pp. 77-136.

⁴ Ver Joaquim Veríssimo Serrão, *Itinerários de El-Rei D. Sebastião (1568-1578)* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1987), pp. 264-277.

⁵ *Relação da Jornada*, p. 42.

⁶ *Relação da Jornada*, p. 74.

são mais tardias, uma talvez de inícios do século XVII (a do Arquivo Nacional da Torre do Tombo), outra, talvez de inícios do século XVIII (a da Biblioteca da Casa de Cadaval).

O historiador Francisco de Sales Loureiro, que consultou ambos os manuscritos, procedeu à comparação entre ambos, concluindo que derivavam de uma mesma fonte e que as diferenças registadas eram mínimas, resultantes de pequenos lapsos cometidos pelos respetivos copistas. A presente edição baseia-se no manuscrito conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, mas tomou em consideração as pequenas variantes detetadas por Sales de Loureiro no manuscrito da Biblioteca da Casa de Cadaval.⁷

Todo o conteúdo da *Relação da jornada* revela que João Cascão estava ao serviço do senhor D. Duarte de Portugal, que fazia parte do largo grupo de nobres portugueses que acompanhou el-rei D. Sebastião na jornada pelas regiões mais meridionais de Portugal. O senhor D. Duarte – que era filho do infante D. Duarte de Portugal, neto de el-rei D. Manuel I e sobrinho de el-rei D. João III – foi o 5º duque de Guimarães e ocupava no tempo de el-rei D. Sebastião o cargo de condestável de Portugal. Ao longo de toda a narrativa, João Cascão concede a D. Duarte um largo protagonismo, dedicando-lhe largas passagens do manuscrito, de extensão quase equivalente àquelas que são dedicadas ao monarca lusitano. Por essa circunstância, tem-se atribuído a João Cascão o título de ‘cronista do senhor D. Duarte’.⁸

Contudo, nenhum indício documental parece atestar esta função. Conhece-se um «Rol dos moradores da Casa do Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte», documento de data incerta, publicado em meados do século XVIII. Nele são indicados os nomes de cinco letrados que estavam ao serviço deste nobre português, mas o nome de João Cascão

⁷ Francisco de Sales Loureiro, *Uma jornada ao Alentejo e ao Algarve*, pp. 13-21.

⁸ Francisco de Sales Loureiro, *Uma jornada ao Alentejo e ao Algarve*, *passim*.

não é mencionado entre eles, nem tão-pouco o cargo de cronista é arrolado.⁹ Um cronista de uma casa senhorial, em princípio, seria um homem com apurada formação escolar, certamente versado em temas de cultura clássica. Ora, a *Relação da jornada*, independentemente dos seus méritos informativos e documentais, é um texto praticamente desprovido de erudição, sem uma única referência livresca, ao contrário do que seria expectável no texto de um cronista senhorial.

O relato de João Cascão contém dados preciosos sobre o itinerário seguido por el-rei D. Sebastião e pela sua larga comitiva; sobre as personagens que tomaram parte na jornada e as respetivas interações; sobre o comportamento do monarca lusitano e o dos seus mais próximos companheiros de viagem; sobre as receções organizadas pelas autoridades de cada uma das localidades visitadas; sobre as atividades diárias a que se dedicavam os viajantes, e nomeadamente el-rei D. Sebastião e D. Duarte, desde as missas, as cerimónias oficiais e as refeições, até aos muitos momentos de lazer, em touradas, caças, jogos de cartas e sessões de música; sobre as individualidades visitadas durante o percurso pelo Alentejo e pelo Algarve; e também sobre as fortificações vistoriadas e sobre as forças militares reunidas em cada um dos pontos mais importantes do itinerário.

Todas estas informações são registadas de forma seca, repetitiva, sem grandes artifícios literários, sob a forma de mero relatório de viagem. Não é perfeitamente claro de quem teria partido a ideia de registar as peripécias da jornada de forma tão detalhada, se do próprio João Cascão, se de el-rei D. Sebastião ou se do senhor D. Duarte. Poderia tratar-se de uma iniciativa deste último, mas, infelizmente, estamos perante uma personalidade tão pouco conhecida e tão pouco estudada que é difícil tirar uma conclusão segura a propósito da *Relação da jornada*.

⁹ António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo II (Lisboa: Régia Oficina Sylviana, 1742), pp. 617-618.

A *Bibliotheca Lusitana*, grande reportório bibliográfico da responsabilidade de Diogo Barbosa Machado, que foi publicado em Lisboa em meados do século XVIII, nada de especial adianta sobre João Cascão, registando até informações erróneas: «IOAÕ CASCAÕ cuja patria, e Pays se ignoraõ. Foy muito inclinado ao estudo da Historia escrevendo com difusaõ como diz o Licenciado Iorge Cardoso nas *Mem. M.S.* para a *Bib. Lusit. Relaçã da jornada delRey D. Manoel á Cidade de Evora M.S.*».¹⁰ Barbosa Machado, que claramente não viu o manuscrito que recenseia, pois crê tratar-se do relato de uma viagem realizada por el-rei D. Manuel, remete para uma obra manuscrita de Jorge Cardoso, escritor religioso do século XVII. Mas o inventário dos manuscritos da biblioteca deste hagiógrafo português não inclui qualquer menção à *Relaçã da jornada*.¹¹

De resto, não se consegue descortinar qualquer outra referência a João Cascão nas fontes da época ou na historiografia mais recente, com uma única exceção. Uma obra publicada em inícios do século XX pelo historiador António Baião, sobre duas relevantes figuras quinhentistas, Afonso de Albuquerque e o seu filho Brás de Albuquerque, transcreve a dado passo alguns dos epitáfios existentes na Igreja da Graça, em Lisboa. Entre estes, surge uma possível referência a João Cascão: «Sepultura de Iignes Francisca d'Avellar e seos herdeiros esta sepultado nella João Gascão e sua molher Violla Guiar elle faleceo a 17 doutubro 1617 ella a 31 de Mayo de 1605».¹² Tratar-se-ia do mesmo João Cascão que, quase meio século antes da data de falecimento registada (1617), teria acompanhado a jornada de el-rei D. Sebastião ao Alentejo e ao Algarve? É uma possibilidade.

¹⁰ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, fac-símile da edição de 1741-1759 (Coimbra: Atlântida Editora, 1965-1968) vol. II, p. 625.

¹¹ Maria de Lurdes Correia Fernandes, *A biblioteca de Jorge Cardoso (1669), autor de Agiológio Lusitano: cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno* (Porto: Faculdade de Letras - Universidade do Porto, 2000), pp. 229-244.

¹² António Baião, *Alguns ascendentes de Albuquerque e o seu filho à luz de documentos inéditos* (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1915), p. 145.

Nesse caso, João Cascão seria ainda um jovem em 1573, na altura em que decorreu a jornada régia, decerto com escassa experiência das funções cronísticas que a historiografia posterior lhe veio a atribuir. Mas, embora não revelando especiais dotes literários, revela-se um observador atento ao pormenor, especialmente concentrado nas atividades diárias de el-rei D. Sebastião e de D. Duarte, duque de Guimarães. O cronista, de ofício ou improvisado, revela bons conhecimentos do ambiente cortesão em que se movia, prestando especial atenção ao vestuário dos personagens que retrata, aos seus maneirismos e às suas interações; e também está especialmente atento às touradas e caçadas que tanto entusiasmo despertam em el-rei D. Sebastião; capta bem as subtilezas do relacionamento entre os membros da nobreza portuguesa que acompanham o monarca lusitano; e não lhe escapam os episódios anedóticos que se sucedem, que tanto parecem divertir o monarca português, e que comenta com fina ironia. Em suma, João Cascão parece ser um testemunho fidedigno da sociedade de corte portuguesa da época de D. Sebastião.

* * * * *

Esta obra de João Cascão é uma fonte de primeiríssima ordem para o estudo da história das regiões mais meridionais de Portugal e do reinado de el-rei D. Sebastião, e tem sido devidamente aproveitada pela historiografia moderna.¹³ Nela se podem colher dados sobre as principais aglomerações urbanas, as fortificações, a população, a organização militar, e também sobre a personalidade do monarca português e sobre as suas interações com os diversos grupos sociais. Daí a extrema

¹³ Ver, nomeadamente, três obras que fazem largo uso do relato de João Cascão: Alberto Iria, *Da importância geo-política do Algarve, na defesa marítima de Portugal nos séculos XV a XVIII* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1976); Francisco de Sales Loureiro, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve*; e Joaquim Veríssimo Serrão, *Itinerários de D. Sebastião*.

relevância de colocar de novo à disposição dos leitores esta *Relação da jornada d'el-rei D. Sebastião*.

A nova edição da obra de João Cascão que agora se apresenta, resultado visível da componente de investigação histórica do projeto transfronteiriço *Magallanes_ICC*, pretende facultar a todos aqueles que se interessam pela história do Alentejo e do Algarve, e também pela história do reinado de el-rei D. Sebastião, elementos de estudo e de consulta que possibilitem um mais amplo conhecimento do mundo português na época da primeira globalização.

**RELAÇÃO DA JORNADA D'EL-REI
D. SEBASTIÃO QUANDO PARTIU
DA CIDADE DE ÉVORA (1573)**

JOÃO CASÃO

EDIÇÃO DE RUI MANUEL LOUREIRO & DANIELA NUNES PEREIRA

Cr terios Editoriais

O texto da *Rela o da jornada do rei D. Sebast o ao Alentejo e ao Algarve* foi modernizado a partir do manuscrito existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. A moderniza o de textos antigos   um procedimento controverso entre os especialistas, pois alega-se que modernizar equivale a desvirtuar o original, o que n o deixa de fazer algum sentido. Tratando-se de uma c pia seiscentista da obra originalmente escrita pelo cronista Jo o Casc o, pode sempre argumentar-se que n o estamos perante um original, mas sim face a um texto que sofreu sucessivas altera es. Entretanto, o acesso facilitado a este manuscrito, a partir da p gina do referido arquivo p blico, permitir  sempre que o leitor mais exigente, a cada momento, possa confrontar a presente edi o com a li o desse manuscrito.

O texto do manuscrito da *Relação* de João Cascão foi respeitado, com as seguintes alterações:

- a ortografia foi modernizada de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico;
- a pontuação foi ligeiramente reformulada;
- as abreviaturas foram sistematicamente desenvolvidas;
- a utilização de maiúsculas e minúsculas foi normalizada;
- a utilização de numerais cardinais foi normalizada, escrevendo-se por extenso os números de um a dez (com exceção das horas do dia e dos dias do mês, que vão sempre em algarismos) e com algarismos todos os números iguais ou superiores a onze;
- foram introduzidas palavras ou letras entre parênteses retos [...], de modo a esclarecer passagens menos claras ou a suprir lapsos do original.

Entretanto, os títulos nobiliárquicos ou de cargos específicos (rei, conde, estribeiro-mor, etc.) vão em minúscula, exceto quando designam uma personagem específica e estão em substituição do respetivo nome.

De resto, adotaram-se as seguintes normas:

- Acrescentaram-se todos os subtítulos, com referências ao dia do mês e aos locais do percurso.
- Manteve-se a numeração dos fólios do original do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Eventuais dúvidas de leitura ou de interpretação foram sempre assinaladas em nota de rodapé.
- Um conjunto alargado de anotações de carácter filológico, histórico e geográfico tratou de esclarecer dúvidas de leitura e de, sempre que tal se justificava, apresentar os contextos pertinentes.

-
- Houve um cuidado especial na identificação sumária das muitas personagens referidas na *Relação da jornada de el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora*.

**RELAÇÃO DA JORNADA D'EL-REI D. SEBASTIÃO
QUANDO PARTIU DA CIDADE DE ÉVORA (1573)¹**

JOÃO CASÇÃO²

¹ ANTT, Manuscritos da Livraria, n.º 1104 (104), fls. 587-660.

² João Cascão estava ao serviço do infante D. Duarte de Portugal (1541-1576), que foi o 5º duque de Guimarães e ocupou o cargo de condestável de Portugal; este nobre português era filho de D. Duarte de Portugal (1515-1540), neto de el-rei D. Manuel I (r.1495-1521) e sobrinho de el-rei D. João III (r.1521-1557); a mãe do infante D. Duarte, que adiante será referida, era D. Isabel de Bragança (1511-1576), filha de D. Jaime I (1478-1532), 4º duque de Bragança.

Relação da jornada d'el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora

2 de janeiro – Évora / Viana

|587| Partiu El-Rei³ da cidade de Évora sexta-feira, às 10 horas, aos 2 dias do mês de janeiro [de 1573]. Saiu pela porta do Rossio na forma seguinte: as trombetas, atabales [e] charamelas diante,⁴ fazendo seu ofício, até sair um pedaço fora da cidade; e detrás de El-Rei, logo pegado com ele, o guião, que trazia um moço fidalgo a que chamam D. Álvaro, filho de D. Aleixo,⁵ o mais moço. As bestas dos atabales, paramentadas com gualdrapa e cabeçadas e retrancas de pano das cores de El-Rei,⁶ e borladas de branco e verde, não eram machos gordos, mas antes de

³ El-rei D. Sebastião (1554-1578) era filho do príncipe D. João Manuel (1537-1554) e de D. Joana da Áustria (1535-1573), e neto de el-rei D. João III e de D. Catarina de Áustria (1507-1578). D. Sebastião reinou a partir de 1557, e na sua infância a regência foi exercida pela avó, a rainha D. Catarina de Áustria entre 1557 e 1562, e pelo tio, o cardeal-infante D. Henrique (1512-1580, r.1578-1580), entre 1562 e 1568. Morreria na batalha de Alcácer Quibir, no norte de Marrocos, a 4 de agosto de 1578.

⁴ Atabale, um grande tambor de guerra; charamela, instrumento de sopro de madeira.

⁵ D. Álvaro de Meneses (1550-1595?), que levava o guião ou estandarte real, era o filho mais novo de D. Aleixo de Meneses (?-1569), que já falecera, e tinha sido aio de el-rei D. Sebastião.

⁶ Gualdrapa, manta que se estende debaixo da sela; cabeçada, aparelho que cinge a cabeça e o focinho das cavalgaduras; retranca, correia que impede a albarda ou sela de escorregar para diante.

aluguer e fracos, e da própria maneira os sendeiros de sela das trombetas e charamelas, que também iam de insígnias de verde e branco.

Ia El-Rei entre o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro,⁷ cada um vestido de sua cor. El-Rei levava gibão e roupeta, e calças de raxa cor de rosmarinho, e chapéu alto pardo.⁸ O senhor D. Duarte [levava] gibão e capotilho, e calças de raxa verde de Mescara, cor nova e muito galante, chapéu alto de Mescara, da cor da raxa.⁹ O Duque [de Aveiro] leva[va] gibão, roupeta e calças de raxa de cor de pinha e muito verde, e chapéu alto da mesma cor, com trança de ouro de martelo, e uma coura de cordovão muito bem feita, aberta pela ilharga, sobre a roupeta.¹⁰

Fidalgos que nesta jornada acompanharam a Sua Majestade: D. Pedro Diniz;¹¹ o Conde de Vimioso e dois filhos seus;¹² o Conde guarda-mor;¹³ D. Fernando Álvares;¹⁴ D. Álvaro de |588| Castro;¹⁵ D. Martinho

⁷ D. Jorge de Lencastre (1548?-1578), 2º duque de Aveiro, que morreria na batalha de Alcácer Quibir.

⁸ Gibão, veste sem mangas; roupeta, espécie de batina; raxa, espécie de tecido grosso de algodão.

⁹ O termo «Mescara» é de difícil identificação; poderá referir-se à localidade norte-africana de Mascara, na atual Argélia, que no século XVI era um importante centro de produção de tecidos de algodão.

¹⁰ A expressão «ouro de martelo» designa um tipo de bordado; cordovão, couro de cabra curtido.

¹¹ D. Pedro Diniz de Lencastre (1550-1575), irmão do 2º duque de Aveiro, foi mordomo-mor de el-rei D. Sebastião.

¹² D. Afonso de Portugal (1519-1578), 2º conde de Vimioso, que morreria em cativo marroquino, depois da batalha de Alcácer Quibir. Os seus filhos eram D. Francisco de Portugal (c.1550-1582), que herdou o título de conde do Vimioso, e D. Álvaro de Portugal (?-1582), ambos aprisionados na batalha de Alcácer Quibir, e posteriormente resgatados. Este D. Francisco de Portugal não deve ser confundido com um outro nobre de idêntico nome, adiante referido, o Estribeiro-mor (filho do Conde da Vidigueira).

¹³ O guarda-mor e capitão dos cavaleiros da guarda real era D. Diogo da Silveira (c.1520-1586), conde da Sortelha.

¹⁴ D. Fernando Álvares de Noronha (?-?), sumilher de el-rei D. Sebastião, que foi também capitão das galés de guarda-costa.

Pereira;¹⁶ o Estribeiro-mor;¹⁷ Felipe de Aguilar,¹⁸ que serve de vedor [da fazenda]; Francisco de Távora,¹⁹ reposteiro-mor; o Porteiro-mor²⁰ acompanhou a El-Rei até às Entradas, e daí foi acudir a seu filho, que ficou preso em Évora por mandado de El-Rei; Luís da Silva;²¹ Luís Álvares de Távora;²² o Alferes-mor;²³ D. Pedro de Meneses;²⁴ D. Martinho de Sousa;²⁵ Sancho de Tovar;²⁶ D. João da Silveira;²⁷ Pedro Teles;²⁸ D. João de Castro;²⁹ João Gonçalves da Câmara;³⁰ Cristóvão de

¹⁵ D. Álvaro de Castro (1525-1576), filho mais velho de D. João de Castro (1500-1548), o qual foi governador e vice-rei da Índia entre 1545 e 1548. D. Álvaro ocupou vários cargos de destaque no reinado de D. Sebastião, nomeadamente em missões diplomáticas; em 1573 era vedor da fazenda.

¹⁶ D. Martinho Pereira (?-1578), vedor da fazenda e membro do conselho régio.

¹⁷ O estribeiro-mor era D. Francisco de Portugal (?-1579), filho de D. Francisco da Gama (c.1510-?), 2º conde da Vidigueira, e irmão de D. Vasco da Gama (c.1530-1578), 3º conde da Vidigueira.

¹⁸ Felipe de Aguilar (?-?), vedor da fazenda, a quem são atribuídas algumas poesias.

¹⁹ Francisco de Távora (?-1578), reposteiro-mor de el-rei D. Sebastião, era sobrinho do secretário régio, Pêro de Alcáçova Carneiro (c.1510-?), e viria a morrer na batalha de Alcácer Quibir.

²⁰ O porteiro-mor de D. Sebastião seria um João de Melo (?-?).

²¹ Luís da Silva (?-?), seria vedor da fazenda a partir de 1578.

²² Luís Álvares de Távora (?-1578), 6º senhor de Mogadouro, que morreria na batalha de Alcácer Quibir.

²³ O alferes-mor de el-rei D. Sebastião era D. Luís de Meneses (?-1578), que morreria na batalha de Alcácer Quibir.

²⁴ D. Pedro de Meneses (?-?), irmão de D. Duarte de Meneses (1537-1588), o qual mais tarde seria vice-rei do Estado da Índia, entre 1584 e 1588; ambos foram aprisionados na batalha de Alcácer Quibir, sendo posteriormente resgatados.

²⁵ Nada de especial se consegue apurar sobre este personagem.

²⁶ Sancho de Toar ou Tovar (1551-1629) ocupou os cargos de copeiro-mor e Monteiro-mor; sobreviveu à batalha de Alcácer Quibir.

²⁷ D. João da Silveira (?-1578) era filho de D. Diogo da Silveira, conde da Sortelha, anteriormente referido; morreria na batalha de Alcácer Quibir.

²⁸ Nada de especial se consegue apurar sobre este personagem.

²⁹ D. João de Castro (1550?-1628?), filho de D. Álvaro de Castro e neto de D. João de Castro, vice-rei do Estado da Índia, ambos anteriormente referidos.

³⁰ João Gonçalves da Câmara (1541-1580) era filho de Simão Gonçalves da Câmara (1512-1580), que foi capitão donatário do Funchal e 1º conde da Calheta; após a morte do pai, herdou durante alguns meses o mesmo cargo e o título nobiliárquico.

Távora;³¹ D. Jerónimo Lobo;³² D. Rodrigo Lobo;³³ Manuel Quaresma;³⁴ Miguel de Moura;³⁵ Baltazar de Faria,³⁶ almotacé-mor; Belchior de Amaral,³⁷ corregedor da Corte.

Moços fidalgos: Dois filhos de D. Aleixo, D. Luís de Meneses e D. Álvaro;³⁸ Tomé da Silva;³⁹ dois filhos de D. Álvaro de Castro, D. João e D. Luís;⁴⁰ dois filhos do Estribeiro-mor, D. Lucas e D. João,⁴¹ que traz a mala de El-Rei; e D. Álvaro,⁴² filho do Conde da Sortelha.

Cortesãos: João de Castro; Lopo Roiz; Zuzarte do Couto; D. Francisco Ponte; Diogo Roiz.⁴³

³¹ Cristóvão de Távora (1548-1578), que a partir de 1574 exerceria funções de estribeiro-mor, era filho de Lourenço Pires de Távora (c.1510-1573), eminente conselheiro régio; morreria na batalha de Alcácer Quibir.

³² D. Jerónimo Lobo (?-?) era trinchante de el-rei D. Sebastião; ficou cativo na batalha de Alcácer Quibir.

³³ D. Rodrigo Lobo da Silveira (c.1550-?) era filho do barão do Alvito, D. João Lobo da Silveira (c.1530-1578), de quem herdaria o título; enquanto o pai morreu na batalha de Alcácer Quibir, o filho foi aprisionado e seria posteriormente resgatado.

³⁴ Manuel Quaresma Barreto(?-?) seria vedor da fazenda a partir de 1576.

³⁵ Miguel de Moura (1538-1600) era secretário de estado de el-rei D. Sebastião.

³⁶ Baltazar de Faria (c.1510-1584), almotacé-mor, fora embaixador de el-rei D. João III em Roma.

³⁷ Belchior do Amaral (?-?), corregedor da Corte; ficou cativo depois da batalha de Alcácer Quibir e foi incumbido de dar sepultura a el-rei D. Sebastião.

³⁸ D. Álvaro foi anteriormente referido; D. Luís de Meneses (1555-1578), que morreria na batalha de Alcácer Quibir.

³⁹ Tomé da Silva (?-1578) morreria na batalha de Alcácer Quibir.

⁴⁰ D. João foi anteriormente referido; D. Luís de Castro (?-?), que ficaria cativo depois da batalha Alcácer Quibir, era o segundo filho de D. Álvaro de Castro, anteriormente mencionado.

⁴¹ Os filhos de D. Francisco de Portugal, estribeiro-mor, eram D. Lucas de Portugal (?-?) e D. João de Portugal (?-1579), que ficariam cativos depois da batalha de Alcácer Quibir.

⁴² D. Álvaro (?-?), filho de D. Diogo da Silveira, anteriormente referido.

⁴³ Lopo Rodrigues Camelo (?-?), ou «Lopo Roiz», era escrivão de el-rei D. Sebastião; Zuzarte do Couto (?-?) era um dos bobos da corte, sendo adiante referido como o «Couto». Nada de especial se consegue apurar sobre os outros cortesãos.

António Beles⁴⁴ foi chamado de El-Rei, veio ter às Entradas com Sua Alteza, e pelo caminho se lhe agravou uma chaga que tem em uma perna, de maneira que esteve muito perto de ter herpes, a que acudiu Manuel Vaz,⁴⁵ o cirurgião, com muita pressa e diligência, com a erva-santa⁴⁶ em que Nosso Senhor pôs tanta virtude, o que se não fora, tivera muito trabalho, e lhe tolheu não lhe afoguem a perna, de que já lhe tinham cortado carne, e está melhor, mas não de maneira que possa caminhar senão em andas.

Fidalgos do senhor D. Duarte: D. Diogo de Lima;⁴⁷ Jorge da Silva;⁴⁸ Pedro de Andrade.⁴⁹

[589] Moços fidalgos [do senhor D. Duarte]: D. Nuno Álvares; D. Diogo de Melo; Francisco Leitão; a estes fidalgos dá o senhor D. Duarte de comer.⁵⁰

A gente que traz o Duque [de Aveiro] em todo o serviço: Rodrigo Pimentel, seu camareiro e veador; Rui Correia, seu trinchante; António

⁴⁴ Poderia tratar-se de António Velez de Simas (?-?), que mais tarde exerceu cargos secretariais.

⁴⁵ Nada se consegue apurar sobre este personagem.

⁴⁶ Provável referência a folhas de tabaco, pois esta planta oriunda da América era conhecida no século XVI como *erva-santa*, e considerada uma espécie de panaceia para uma série de enfermidades.

⁴⁷ Possível referência a D. Diogo Lopes de Lima (?-?), filho de Fernando de Lima Pereira (c.1500-?), senhor de Castro Daire.

⁴⁸ Jorge da Silva (?-1578) era membro do conselho régio, autor de diversas obras devocionais, entre elas um *Tractado da criação do mundo, e dos mysterios da nossa redempção* (Coimbra, 1544), de que hoje não se conhece nenhum exemplar; morreria na batalha de Alcácer Quibir.

⁴⁹ Pedro de Andrade (?-?), camareiro de D. Duarte.

⁵⁰ D. Diogo de Melo (?-1578) poderia ser o filho mais velho de D. Francisco de Melo (1520-1588), 2.º conde de Tentúgal e 2.º marquês de Ferreira, adiante referido; D. Diogo morreria na batalha de Alcácer Quibir. Sobre os outros personagens, que também faziam parte da casa de D. Duarte, nada de especial se consegue apurar.

de Vasconcelos, seu pajem. Francisco Ferreira, seu secretário e seu escrivão da fazenda, trouxe até Castro,⁵¹ e daí o mandou para Lisboa.⁵²

Seis acrescentados,⁵³ estes e os fidalgos em cavalos do Duque [de Aveiro], e dá-lhes de comer a todos em uma mesa; oito moços da câmara que vêm em bestas de albardas, só um vem em um quartão e este lhe traz a mala; oito moços da estribeira, cinco reposteiros, cinco cozinheiros; 18 bestas de sela; 26 azémolas; aos moços da câmara e mais gente miúda dá meio tostão cada dia.

[O Duque de Aveiro] dá mesa a muitos fidalgos, e com os fidalgos que também comem à sua mesa, e sempre de uns e de outros tem hóspedes ao jantar e à ceia. Vêm-lhe da cozinha todas as iguarias cortadas, a ele lhe chega as iguarias Rui Correia, seu trinchante, e está pegado com ele sempre descarapuçado enquanto come, e o veador coberto, e António de Vasconcelos seu pajem lhe dá de beber. E aos fidalgos que com ele comem, servem os moços da câmara, assim de água para beber, como de chegar as iguarias, como de água às mãos, as quais lavam assentados à mesa. E o Duque não faz nenhuma diferença de si aos outros no assento, porque se assentam aonde se acerta.

[O Duque de Aveiro] faz a todos muita cortesia. Aos condes fala por «senhoria» e aos fidalgos diz «beijo as mãos de vossa mercê», e desta maneira os trata nos recados, pelo que todos são muito seus amigos, e lhe vão muitas vezes a casa, na qual há o mais do tempo jogo. Manda cobrir os |590| moços da câmara d[e] El-Rei e do senhor D. Duarte, e tira o barrete até a moços de esporas.

D. Álvaro de Castro dá também mesa: [a] João Gonçalves da Câmara e Cristóvão de Távora – que é sempre hóspede de D. Álvaro e de Felipe

⁵¹ Original: «Craсто», referência a Castro Verde.

⁵² Nada de especial se consegue apurar sobre estes personagens.

⁵³ O início da frase é algo incongruente, talvez resulte de lapso do copista.

de Aguilar –, e [a] Sancho de To[v]ar e [a] um filho de Pedro de Sanches, e quem se mais oferece.

El-Rei chegou a Viana [do Alentejo] às 4 horas, vieram-no receber, como é costume, juízes e vereadores um pedaço fora da vila, e com alguma gente de cavalo e com a ordenança de pé,⁵⁴ e com duas danças, uma a modo de ciganas e uma folia. E assim o levaram até à Igreja Matriz,⁵⁵ e dali a sua casa. Duraram as festas quase toda a noite.

O senhor D. Duarte, deixado El-Rei em sua casa, sem se descer na sua, se foi a Água de Peixes⁵⁶ visitar o Conde [de Tentúgal] e a senhora D. Catarina d[e] Eça,⁵⁷ que o receberam⁵⁸ com muito grande festa e alvoroço. Esteve um grande pedaço com ela e com a senhora D. Isabel,⁵⁹ assentado em uma almofada, e trouxeram-lhe sobre que bebesse um púcaro de água. O que ainda não acabava de fazer quando entrou o Conde do Vimioso e seu filho mais moço, que vinha[m] visitar estes senhores. O Conde [do Vimioso], depois de falar ao senhor D. Duarte, se foi à senhora D. Catarina e lhe pedia a mão, e fez querença de a tomar. O senhor D. Duarte se deteve mais um pouco, por amor do Conde do Vimioso, e depois de com ele ver algumas casas do aposento do Conde

⁵⁴ As ordenanças eram companhias de tropas criadas no tempo de el-rei D. Manuel I; a estrutura das ordenanças foi regulamentada no tempo de el-rei D. Sebastião, através de legislação vária, e nomeadamente do *Regimento dos Capitães-mores*, publicado em Lisboa em 1570.

⁵⁵ Igreja de Nossa Senhora da Assunção, em Viana do Alentejo, cujo construção data de meados do século XVI.

⁵⁶ Água de Peixes localidade em Viana do Alentejo.

⁵⁷ Referência ao conde de Tentúgal, D. Francisco de Melo, anteriormente mencionado, e à sua nora, D. Catarina de Eça (1547-1573), filha de D. Afonso de Noronha (1498?-1573), que entre outros cargos de relevo foi vice-rei do Estado da Índia entre 1550 e 1554; D. Catarina era casada com D. Rodrigo de Melo (1551-1578), que morreria na batalha de Alcácer Quibir.

⁵⁸ Original: «recebeo».

⁵⁹ Provável alusão à mãe do senhor D. Duarte, D. Isabel de Bragança, anteriormente referida, que era cunhada de D. Francisco de Melo, conde de Tentúgal, o qual fora casado com D. Eugénia de Bragança (1525-1559), também filha de D. Jaime, 4º duque de Bragança.

[de Tentúgal], e uma varanda muito grande e muito formosa que cai sobre o tanque grande dos peixes, se pôs o senhor D. Duarte a cavalo, e o Conde do Vimioso o acompanhou,⁶⁰ e foram ver o pomar, o que visto, se vieram para a vila, e o Conde [de Tentúgal] e o senhor D. Rodrigo⁶¹ acompanharam o senhor D. Duarte um grande pedaço de caminho. O Conde do Vimioso veio com o senhor D. Duarte até à sua porta, e o senhor D. Duarte não consentiu que se descesse, e mandou com ele duas tochas.

| 591 | Em Viana há um homem, o qual e João de Castilho⁶² são muito grandes amigos; este [homem], sabendo que vinha João de Castilho na companhia, se foi ao Aposentador⁶³ de El-Rei e lhe disse que era muito servidor do senhor João de Castilho, que pedia a sua mercê que lho desse por hóspede, o que o Aposentador fez. E João de Castilho, chegado à casa e vendo este homem, voltou muito depressa, gritando e benzendo-se, e foi fazer queixume do Aposentador, e não quis pousar naquela casa. E desta maneira se soube livrar o homem de hóspedes.

3 de janeiro – Viana / Cuba / Beja

Sábado pela manhã, 3 de janeiro, partiu El-Rei de Viana depois de ouvir missa, e foi jantar a Cuba, e aí achou o Conde da Vidigueira,⁶⁴ que veio para o acompanhar, como faz nesta jornada, com quatro caçadores e quatro moços de caça, e três pajens a cavalo, e dois escudeiros, veador e

⁶⁰ Original: «acompanhão».

⁶¹ Isto é, D. Rodrigo de Melo, filho do conde de Tentúgal, anteriormente referido.

⁶² João de Castilho (?-1580), escrivão da Fazenda de el-rei D. Sebastião e alcaide-mor de Alenquer; era filho do célebre arquiteto Juan de Castillo ou João de Castilho (c.1470-c.1552).

⁶³ O aposentador-mor era nesta época Lourenço de Sousa da Silva (c.1510-1576).

⁶⁴ O 2º conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, anteriormente referido, faleceu em data incerta; poderia aqui tratar-se de uma referência ao seu filho D. Vasco da Gama, 3º conde da Vidigueira, anteriormente referido, e que morreria na batalha de Alcácer Quibir.

estribeiro; traz oito aves, sete falcões e um gavião. Dá mesa e jogo em sua casa todo o tempo que se não caminha.

O Duque [de Aveiro] e seu irmão,⁶⁵ e o filho do Conde do Vimioso, o mais velho,⁶⁶ se apartaram de El-Rei em Água de Peixes, indo Sua Alteza para a Cuba, e foram visitar o Conde⁶⁷ e seus filhos.

O senhor D. Duarte não seguiu a ordem d[e] El-Rei, ouviu missa em Viana sem ele, almoçou e pôs-se a cavalo, e partiu [a] caminho da Cuba, e de caminho falou em Água de Peixes a estes senhores, com os quais se deteve pouco. E o Conde e seus filhos acompanharam[-no] um grande pedaço de caminho. E despedidos, mandou o senhor D. Duarte a Alvito visitar o Barão e a Baronesa,⁶⁸ e o mesmo fez passando por Vila Ruiva a D. Álvaro de Melo, irmão do Conde [de Tentúgal].⁶⁹ E uma légua antes de chegar o senhor D. Duarte a Cuba, andou à caça das lebres, matou duas, cada uma com seu galgo.

Na Cuba receberam El-Rei com danças e folias, e com gente de cavalo e ordenança de pé. E o senhor D. Duarte chegou a |592| tempo que El-Rei se punha a cavalo, para ir a caminho de Beja, e acompanhou-o até fora do lugar. E porque se lhe rasgou uma calça, se veio descer ao lugar, a uma paliçada que tinha prestes, e tomou umas sobrecalças e pôs-se a cavalo, e veio alcançar El-Rei pela posta⁷⁰ ao caminho de Beja.

⁶⁵ D. Pedro Diniz de Lencastre, anteriormente referido.

⁶⁶ D. Francisco de Portugal, anteriormente referido.

⁶⁷ O conde de Tentúgal, D. Francisco de Melo, anteriormente referido.

⁶⁸ Referência a D. João Lobo da Silveira, 4º barão do Alvito e vedor da Fazenda, anteriormente mencionado; era casado com D. Leonor de Mascarenhas (c.1530-1594).

⁶⁹ D. Álvaro de Melo (?-1578), que era clérigo em Vila Ruiva e morreria na batalha de Alcácer Quibir, era meio-irmão do Conde de Tentúgal, anteriormente referido.

⁷⁰ A expressão «pela posta», repetidamente utilizada por João Cascão, tem o significado de ‘ir velozmente a cavalo por estrada, mudando de montada’.

E meia légua antes de chegarem a Beja, vieram da cidade o alcaide-mor D. Luís de Sousa,⁷¹ e os freires e outros fidalgos, e muitos homens a cavalo, e muitos deles com lanças e adargas. E vieram escaramuçando todo o caminho, até chegarem às danças, as quais eram três, e uma folia, e todas de homens e uma de homens em trajos de mulheres, e cinco bandeiras de soldados feitos em um esquadrão.⁷² E todos, passando El-Rei, fizeram grande grita e dispararam todos os arcabuzes. E a Torre de Beja,⁷³ máquina mui soberba e formosa, e de muito grande altura, estava muito embandeirada, e também disparou muitas câmaras de berço⁷⁴ e muitos arcabuzes. Com esta grande festa chegou El-Rei à porta principal de Beja, que estava armada o melhor que lhe foi possível, e um clérigo em um púlpito, o qual lhe fez uma fala de pouca ciência e pouca retórica, e por remate lhe meteu nas unhas a Ásia, conquistada em menos tempo do que o eu escrevo.

Acabada a fala, o receberam os Vereadores com um pálido de damasco amarelo, quartado à antiga, com umas linguazinhas à maneira de frocos, muito velhíssimo. Emprestando-no as freiras da Conceição⁷⁵, e sobre este houve ainda diferenças entre os moços da estribeira, que o queriam para o Estribeiro-mor⁷⁶, e os Vereadores, que se escusavam de o dar, dizendo que não era⁷⁷ da cidade. Eles houveram de vir às punhadas, mas o pálido ficou no Estribeiro-mor, e fez dele esmola às freiras da Esperança,⁷⁸ que são muito pobres, e a cidade o pagou às da Conceição.

⁷¹ D. Luís de Sousa (?-1577), senhor de Beringel.

⁷² Uma «bandeira» era constituída por 200 a 250 homens.

⁷³ A importante torre de menagem do castelo de Beja, mandada construir em inícios do século XIV, mas que foi posteriormente aumentada.

⁷⁴ Berço, peça de artilharia.

⁷⁵ Convento da Conceição de Beja, fundado na segunda metade do século XV e entregue às Clarissas.

⁷⁶ Cristóvão de Távora, anteriormente referido.

⁷⁷ Original: «erão».

⁷⁸ Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, fundado em meados do século XVI e entregue às Carmelitas, de que já não sobrevivem vestígios.

D. Luís de Sousa, alcaide-mor, levou El-Rei |593| pela rédea do cavalo, e ia à mão direita e o Estribeiro-mor à mão esquerda. A rua por onde El-Rei veio até à Igreja Matriz,⁷⁹ aonde desceu, estava armada, mas mais me satisfaz o concerto das de Lisboa. El-Rei se veio com todas estas festas da Igreja para as casas da Infanta,⁸⁰ que são pegado com o mosteiro da Conceição, aonde havia de pousar. Nas casas da Infanta esteve El-Rei o que restou do dia, em conversação com os marmanjos,⁸¹ e como ceou, se lançou na cama.

4 de janeiro – Beja

E o dia seguinte, domingo 4 de janeiro, ouviu missa na Conceição, e o senhor D. Duarte e o Duque a ouviram, o senhor D. Duarte que esteve na cortina com El-Rei, como sempre, e o Duque de Aveiro fora das grades, em uma cadeira rasa com uma almofada em cima; e ao tempo de estar em pé ou em joelhos se metia na cortina, o que passando se tornava ao seu assento. E acabada a missa, se veio para sua casa a jantar El-Rei, e o senhor D. Duarte e [o] Duque para as suas [casas].

À tarde lhe correram touros na praça de Beja, teve El-Rei no melhor lugar dela umas casas, das quais viu os touros, e nelas lhe concertaram uma janela de panos de brocado, em que esteve o Couto pegado com ele de joelhos, e noutra [janela] que também mandou concertar, estiveram⁸² o senhor D. Duarte e o Duque [de Aveiro]. Saíram aos touros, por

⁷⁹ Igreja de Santa Maria da Feira, originalmente construída em meados do século XIII.

⁸⁰ Referência ao Palácio dos Infantes, em Beja. A utilização por João Cascão da designação «casas da Infante» poderá ser uma alusão à infanta D. Beatriz (1429-1506), mãe de el-rei D. Manuel I e duquesa de Beja, que era mulher do infante D. Fernando (1433-1470), 1º duque de Beja, filho de el-rei D. Duarte I (r.1433-1438).

⁸¹ A designação «marmanjos», que também poderia significar 'gente de baixa condição', parece aqui aplicar-se aos truões ou bobos da corte.

⁸² Original: «esteue».

mando de El-Rei, os senhores todos três,⁸³ andaram bem, mas para gente tão versada, ainda puderam andar melhor de garrocha.⁸⁴

Os Vereadores deram as janelas aos fidalgos do senhor D. Duarte e eles viram os touros de entre os patifes,⁸⁵ e a um [vereador] persuadiu muito um negro seu que o deixasse ir folgar um pouco com o touro, e devia de ser seu mimoso, porque lhe deu a licença contra sua vontade. E o touro a [vontade] fez a algumas pessoas, em o tomar pelo |594| cinto com a ponta do corno, que lhe não serraram, como a todos os outros que correm a El-Rei, por se soltar antes disso.⁸⁶ Trouxe-o um pedaço muito atropelado, e prouve a Deus que o não feriu, mas [feriu] o seu dono da alma, que cuidou serem acabados os 50 cruzados.⁸⁷ Este touro acertou de ser manso, que os outros houveram de tratar mal os cavalos, se não tiveram os cornos serrados.

El-Rei, acabados os touros, foi ver a Torre,⁸⁸ e o senhor D. Duarte com ele, e o Duque [de Aveiro] e alguns fidalgos. É, como já disse, muito alta e maciça até ao meio, a entrada da porta muito baixa e muito escura, e sobem por uma escada de caracol larga e clara, por razão de umas seteiras que têm dois sobrados, fora a praça do baluarte de cima, e em cada sobrado duas casas de abóbada de muito bom tamanho, e dizem que muito boas de Verão; e na praça de cima há outra máquina pequena a que eles chamam *miradouro*, e em África, *cavaleiro*.⁸⁹ É toda de cantaria, e

⁸³ Os «senhores todos três» seriam D. Duarte, o Duque de Aveiro, e uma terceira personagem aqui não identificada.

⁸⁴ Garrocha, haste de pau com ferro farpado na extremidade, usada para tourear.

⁸⁵ A palavra «patifes» parece designar aqui a gente popular.

⁸⁶ João Cascão alude à prática de se serrarem as pontas dos cornos dos touros antes das corridas.

⁸⁷ Provável referência ao preço que custaria um escravo.

⁸⁸ Torre de Menagem do castelo de Beja, atrás referida.

⁸⁹ Por esta observação pode deduzir-se que João Cascão teria estado em alguma praça de guerra marroquina. Hipoteticamente, poderia ter estado em Tânger em 1574 com el-rei D. Sebastião, que nessa jornada foi acompanhado por D. Duarte, e só depois ter concluído a versão final do seu relato da viagem ao Alentejo e ao Algarve.

tem varandas à roda da própria cantaria, com que se corre toda, e com buracos nelas para poderem deitar panelas de pólvora, e seteiras pela Torre em lugares convenientes. El-Rei subiu acima, e andou-a vendo toda, e para a mais encarecer, depois de a gabar muito, disse que não sabia se confessasse que [se] cansara. Na companhia houve alguns que descansaram duas vezes na subida.

Este próprio dia, depois de jantar, foi o senhor D. Duarte ao mosteiro da Conceição falar à madre D. Maria, irmã da Duquesa;⁹⁰ falou-lhe na grade da Igreja, mas pouco, por acudir a El-Rei, que vinha descendo a escada para vir aos touros. E o senhor D. Duarte mandou visitar a Madre Abadessa de Santa Clara,⁹¹ e Maria da Conceição, e uma filha de Gomes Ferreira a sua casa.⁹² E o Conde [de Tentúgal] lhe mandou aqui a Beja um grande presente de pescado do seu tanque, e algumas empadas e tainhas mui grandes, e um cozinheiro do Conde para as iguarias.

[595] Manuel Conde⁹³ veio com seu riso e com as suas festas ao senhor D. Duarte, e ao domingo à noite lhe trouxe um presente de galinhas penduradas de um pau, e um cesto cheio de ovos, e outro com romãs e peros e alguns queijos, e por entremez desta festa, a sua Isabel Condessa⁹⁴ e os seus meninos. Das miudezas se serviu o senhor D. Duarte, e as galinhas lhe mandou que as engordasse para a tornada.

5 de janeiro – Beja / Entradas

Segunda-feira, 5 de janeiro, partiu El-Rei, depois de ouvir missa e almoçar, para as Entradas, que são cinco léguas de jornada, com as

⁹⁰ Esta D. Maria (?-?) seria uma das irmãs de D. Isabel de Bragança, anteriormente referida, mãe de D. Duarte.

⁹¹ Convento de Santa Clara de Beja, fundado em meados do século XIV e entregue às Clarissas, do qual já não restam vestígios.

⁹² Nada de especial se consegue apurar sobre estas personagens.

⁹³ Manuel Conde (?-?) seria um dos servidores de D. Duarte.

⁹⁴ Nada se consegue apurar sobre esta personagem.

trombetas e atabales [e] charamelas diante tangendo, que como sempre fazem à entrada e saída dos lugares, e o guião atrás, sem o qual partiu de Évora. E em Viana lhe trouxeram um [guião] de pontas, como costuma levar[-se] nos bergantins, e porque disseram a El-Rei que havia de ser redondo, e com uma cruz de Cristo, se fez outro que daí por diante trouxe. Estes instrumentos despediu El-Rei do caminho para Algastor,⁹⁵ e depois vieram ter com ele a Almodôvar, aonde havia de ter touros, para o que eram necessários. Também ficou em Beja alguma gente. Pelo caminho veio [El-Rei] caçando e matou com os falcões três garças. Chegou muito cedo a este lugar, que por ser pobre e pequeno lhe não fizeram festas, somente o vieram receber os grandes da terra a cavalo, meia légua do lugar.

Aqui, pelas poucas casas e ruínas que havia, se armaram tendas. Uma de El-Rei e duas do senhor D. Duarte, uma para cavalos e outra para o mais d[e] estribeira, e outra se armou do Conde do Vimioso, e outra de D. Fernando Álvares. As do senhor D. Duarte eram muito de vantagem das outras, a de El-Rei era muito velha e muito má, e ainda não era sua, nem de D. Martinho que lha emprestou, que também lha pediu emprestada a João Ferreira, em Beja.⁹⁶

El-Rei se agasalhou aqui nas casas do comendador des- |596| te lugar, António Furtado de Mendonça,⁹⁷ e o senhor D. Duarte em outras, pegado do próprio aposento, e depois de estar um pedaço nelas, se saiu fora e foi ver as tendas do senhor D. Duarte, o que fez segunda vez, e depois de as ver, se veio cear. E acabando de cear, o vieram chamar para ver caçar um grande bando de zorraís que se meteram, com medo de um gavião bravo, em um pombalzinho. El-Rei foi ver com tochas, por ser já de noite. E com um tresmalho que lhe puseram à porta, e com reposteiros por cima do telhado por ser roto, e a claridade das tochas, a

⁹⁵ A palavra «Algastor» poderá resultar de um lapso de copista, por ‘Almodôvar’.

⁹⁶ Nada se consegue apurar sobre este personagem.

⁹⁷ António Furtado de Mendonça (c.1510-?), comendador de Entradas.

qual os fez vir à porta e darem no tresmalho, em que tomaram uma grande quantidade deles. Acudiu tanta gente a esta casa que, subindo-se ao pombal muitos deles, deram com parte do pombal no chão. E não houve moço de esporas que não comesse ao outro dia zorraís, até que foi manhã, que supriu a pouca carne que havia.

Acabada esta festa, se recolheu El-Rei, e jogou uma grande parte da noite com o Duque e com D. Pedro Diniz, e com o Conde do Vimioso e com D. Álvaro de Castro.

6 de janeiro – Entradas

À terça-feira, 6 de janeiro, dia de Reis, esteve El-Rei neste lugar pela manhã, ouviu missa aqui na igreja do lugar,⁹⁸ e o senhor D. Duarte com ele, e o Duque [de Aveiro] e a mais gente. E depois do jantar, cavalgou, foi à caça e tomou algumas lebres.

Aqui teve, como em todo o caminho, o Alferes-mor por hóspedes Lopo Roiz e o Marmanjo-mor.⁹⁹ E passando um dia pela sua pousada Manuel Vaz, o físico, lhe disse o Alferes-mor que bem via que¹⁰⁰ agasalhava chocarreiros em sua casa, ao que respondeu Lopo Roiz que o Alferes-mor o fazia por aprender. Aqui morreram dois cavalos de tresão,¹⁰¹ um do Alferes-mor e outro de Luís Álvares de Távora, e de não terem agasalhado.

⁹⁸ Provável referência à Igreja da Misericórdia de Entradas, construída na segunda metade do século XVI.

⁹⁹ Referência ao bobo-mor da corte.

¹⁰⁰ Original: «quem o».

¹⁰¹ A palavra «tresão» poderá ser um lapso do copista por 'torção' (obstrução intestinal) ou 'terçã' (febre intermitente).

7 de janeiro – Entradas / Castro Verde / Cabeços

Quarta-feira, 7 de janeiro, depois de El-Rei ouvir missa e almoçar, | 597 | partiu para Castro Verde, lugar do Duque [de Aveiro], e são duas léguas de caminho e por ele foi caçando. Do lugar o vieram receber, meia légua [antes], o Ouvidor com a mais gente de cavalo da terra.

E pegado com o lugar achou a ordenança dos de pé, que eram duas bandeiras, e três danças, duas de mulheres [e] uma de moças solteiras bem-parecidas, e outra folia de mulheres casadas, também muito bem assombradas, entre as quais vinha uma muito bem parecida, e tanto, que com razão se lhe podia dar nome de *formosa*. Vinha mais uma dança de homens de espadas, e vinha cada um em seu traje. Fez o Duque que, parecendo-lhe mal o disfarce dos de Beja, os mandou advertir disso pelo seu Ouvidor.

Desta maneira entrou El-Rei no lugar, e sem descer foi a um lugar daí a uma légua que chamam os Cabeços, aonde el-rei D. Afonso Henriques houve uma grande vitória contra os mouros.¹⁰² El-Rei se desceu aqui, e disse algumas palavras muito bem ditas, não querendo pisar aquele sítio com o cavalo, e passou a pé. Em sua casa lhe disse Lopo Roiz que digno era aquele lugar de um muito sumptuoso edifício que ficasse em memória de tal vencimento. El-Rei respondeu, e isto a propósito, pelo que D. Pedro de Meneses lhe beijou a mão.

El-Rei pousou neste lugar em umas casas que o Duque [de Aveiro] tem, e o senhor D. Duarte num quarto delas, e o Duque em outras, de um homem da terra, muito ruins, e [não] se ofereceu aqui mais que cear El-Rei e deitar-se na cama, e o mesmo fez o senhor D. Duarte.

¹⁰² Referência à batalha de Ourique, travada em 1139 pelo rei D. Afonso Henriques (r.1143-1185), contra uma confederação de forças muçulmanas.

8 de janeiro – Cabeços / Almodôvar

Quinta-feira, 8 de janeiro, depois de El-Rei ouvir missa pela manhã cedo e almoçar, partiu para Almodôvar,¹⁰³ e são três léguas de jornada, e foi o pior dia de chuva e o pior caminho de lama e atoleiros que podia ser, e não faltou muito grande vento, e não faltaram duas muito grandes ribeiras, e uma delas de tamanha corrente que parecia querer levar os homens e as bestas. Em cada uma destas |598| fazia[m] El-Rei e o senhor D. Duarte aos de cavalo que pusessem às ancas os de pé. Houve muitas bestas caídas em atoleiros e outras nas ribeiras, e um moço da guarda-roupa de El-Rei, por nome Manuel da Fonseca,¹⁰⁴ caiu na pior ribeira, sendo El-Rei presente, e correu muito trabalho um grande pedaço que esteve na água, ele e o cavalo, sem se poderem erguer, e alguns de cavalo se deitaram à ribeira a lhe acudir, e El-Rei o cometeu também. Prouve a Deus que saiu, mas mal enxuto.

A guarda-roupa do senhor D. Duarte passou muito trabalho, e foi todo de Manuel de Amaral e de Luís Veloso,¹⁰⁵ aos quais caíram as azémolas quatro vezes, e eles, metidos na lama até os joelhos com elas, carregavam as caixas às costas. E estando neste naufrágio, passou o Conde do Vimioso e disse, compadecido de os ver em tal tormenta, que tomara ver ao senhor D. Duarte um par de boas comendas, que dera a cada um sua, por tamanho trabalho. Mas ainda os louvara mais se adivinhara que o seu fato lhe ficara aquela noite na charneca, e se havia de ver como outros sem ele, a que não chegou aquela noite, e os lobos saltaram com as bestas, de maneira que até pela manhã não puderam seus donos dar com elas nem carregar o fato.

Meia légua antes de chegar El-Rei com aquela grande tormenta, o vieram receber o Juiz, Vereadores e alguma mais gente de cavalo, e lhe

¹⁰³ Original: «Almodrouua».

¹⁰⁴ Nada se consegue apurar sobre este personagem.

¹⁰⁵ Nada se consegue apurar sobre estes personagens.

trouxeram um veado, o qual lhe disseram que era muito bravo, e tinha esperado por ele um grande pedaço à chuva. El-Rei o quis ver correr aos da terra, e por mais recontradas¹⁰⁶ que lhe deram, se não quis bulir.

Veio-se Sua Alteza recolhendo ao lugar, e à entrada dele [estava] a desordenança¹⁰⁷ muito molhada e muito sem sabor. E entrando no lugar, depois de fazer oração na Igreja¹⁰⁸ como costumavam em todas, se foi para as suas casas, as quais, e as do senhor D. Duarte e as dos mais, eram tais e tão chuvosas, que se pudera por elas dizer ou por eles, ‘mal | 599 | em campo, pior em vila’. No aposento do senhor D. Duarte não tão somente não havia casa em que não chovesse, mas não havia coisa enxuta nelas, e houve votos de se fazer a cama do senhor D. Duarte em uma lógia grande das casas, porque além de chover na câmara, estava muito danificada, e os que notaram foi D. Diogo de Lima [e] Pedro de Andrade, mas o senhor D. Duarte não consentiu.

Neste lugar, e em outros por onde El-Rei passava, se punham muitas pessoas de joelhos e levantavam as mãos, como que faziam oração, e algumas mulheres havia que batiam nos peitos. Também se vendeu neste lugar o sabão, em casa de um cristão-novo. E passando um homem da Corte, com um pouco que comprara na mão, pela porta do Almotacémor,¹⁰⁹ ele lhe perguntou o que justara, o homem respondeu que 15 reais e era para se poder lavar uma camisa, e o Almotacémor fez experiência com pesos a quanto chegava o arrátel daquela maneira, e achou que passava de nove vinténs, e castigou o homem muito bem.

¹⁰⁶ Isto é, ‘empurrões’.

¹⁰⁷ Provável referência irônica de João Cascão à ordenança de Almodôvar.

¹⁰⁸ Referência à Igreja de Santo Ildefonso, em Almodôvar, que data do século XVI.

¹⁰⁹ O almotacémor era um oficial da Casa Real que acompanhava o monarca nas suas itinerâncias, com a função de garantir o abastecimento de todo o séquito em bens essenciais.

Pus aqui isto para se verem os trabalhos e necessidades que pelo caminho se passam, que até lavar uma camisa custa tanto trabalho. Também passo por que por almotaçaria se mandava consertar o calçado.

9 de janeiro – Almodôvar

Sexta-feira, 9 de janeiro, esteve El-Rei em Almodôvar, e pela manhã ouviu missa, e o senhor D. Duarte e o Duque [de Aveiro] com ele. E acabando El-Rei de jantar, se pôs a cavalo com o Duque e foi ao campo. Lá esteve pouco, por ter aqueles dias touros, aos quais andou, e o senhor D. Duarte e o Duque e o Conde do Vimioso.

Houve algumas sortes¹¹⁰ boas a cavalo, e se não houvera medo lançarem-me por suspeito, dissera quão bem o senhor D. Duarte andou, e se me dessem¹¹¹ o juramento dos Santos Evangelhos, dissera que não podia outrem andar melhor, nem mais gentil homem, e não faltarão muitos que nesta matéria sustentem minha verdadeira opi- |600| nião, e em todos muito certa. El-Rei acudiu maravilhosamente, e com muito fervor, a um moço da estribeira seu, que tomou o touro, lho tirou das mãos, e ficou disto muito contente, e lançou o cavalo. Depois de El-Rei gastar neste exercício um grande pedaço, se recolheu a sua casa com o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro e o Conde do Vimioso, e mandou sair novos touros os quais são os seguintes.

O Alferes-mor e D. Rodrigo Lobo, em cavalos do Duque de Aveiro, e Luís Álvares de Távora, o moço, em um seu, deram em touros tão mansos que não se ofereceu fazerem alguma sorte, mais que uma em que o Alferes-mor perdeu o barrete, e El-Rei se desenfadou.

¹¹⁰ Sorte, manobra que o toureiro executa para lidar o touro.

¹¹¹ Original: «derão».

10 de janeiro – Almodôvar / Ourique / Messejana

Sábado, 10 de janeiro, ouviu El-Rei missa, muito antemanhã; antes de romper a alva, partiu na forma costumada, e veio jantar a Ourique. Ao caminho o vieram receber, como se costuma, os homens-bons da terra, e achou mais em um outeiro, pegado a um lugar, um esquadrão de cinco bandeiras, que tem 1000 homens, e foi a melhor ordenança que em todos estes lugares achámos. Mais adiante estavam as danças que o trouxeram à Igreja,¹¹² aonde ouviu missa, e depois a sua casa, e eram duas, uma de meninos em trajos de moças, e outra de homens.

Jantou e esteve neste lugar obra de 2 horas, e dizem que se deteve tanto por dar vão a que comesse o Duque [de Aveiro] e os fidalgos que comem à sua mesa, cujo fato não chega[ra] tão depressa.

E mandou El-Rei a D. Álvaro de Castro que da sua parte mandasse saber se comera já o Duque, o qual como comeu se veio a El-Rei, e [El-Rei] partiu para Messejana, que são outras três léguas, como d[e] Almodôvar a Ourique. Veio pelo caminho caçando as lebres, e mataram algumas em uma ribeira. Botaram os falcões do Conde da Vidigueira a uma garça, mas foi-se-lhes. Em Ourique vieram alguns homens beijar os pés a El-Rei.

El-Rei chegou à Messejana, e meia légua da vila vieram-no esperar os governadores da terra, |601| e um bom golpe de homens a cavalo. Entrou com uma dança e com uma folia, que o levaram até sua casa, na qual ceou, e depois da ceia esteve um pouco com os marmanjos, e depois se deitou na cama.

¹¹² Provável referência à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Ourique, que data do século XVI.

11 de janeiro – Messejana

Domingo, 11 de janeiro, foi El-Rei ouvir missa ao mosteiro dos Capuchos,¹¹³ que está um pedaço fora da vila, acompanhou-o D. Fernando Álvares e o seu Estribeiro-mor. O senhor D. Duarte ouviu missa na Misericórdia desta vila,¹¹⁴ e até à tarde, que houve touros, não houve coisa que se pudesse escrever.

Aos quais touros andou El-Rei, e o senhor D. Duarte e D. Pedro Diniz e o Conde da Vidigueira; e o Duque de Aveiro se escusou, por estar maltratado da garganta. Andaram todos muito bem, porque podiam seguramente fazer sortes, visto serem os touros melhores para lavrar que para correr, um só houve que tivesse jeito. A este fez El-Rei uma sorte, já depois de andar mofino de o touro não entender nele, na qual lhe chegou com os cornos, e lhe deu muito rijo. O senhor D. Duarte lhe fez algumas [sortes], mas uma muito galante, a que todos deram este nome. D. Pedro Diniz e os mais fizeram algumas sortes, e com este touro bravo lhe aconteceram a D. Pedro algumas, o que vendo El-Rei, mandou ao Duque que tomasse o cavalo de seu irmão e que saísse ao touro, o que fez, mas o touro andava tão cansado que não entendeu nele.

El-Rei se recolheu e mandou sair outros toureiros, que foram D. Pedro de Meneses, D. João de Castro, Cristóvão de Távora, o qual saiu em alguns cavalos do senhor D. Duarte, e o Alferes-mor em um cavalo de El-Rei que fora seu, castanho e *quatralgo*,¹¹⁵ o qual era muito árdego, e depois assossegado. El-Rei o gabou muito ao Alferes-mor, e por o não conhecer, lhe mandou tingir os brancos dos pés, o qual, tanto que se pôs nele no terreiro, em vendo o touro, começou a dar saltos e fazendo

¹¹³ Convento de Nossa Senhora da Piedade de Messejana, construído por volta de 1560 e entregue aos Franciscanos, mas que não sobreviveu até à atualidade.

¹¹⁴ Igreja da Misericórdia de Messejana, construída em 1570.

¹¹⁵ João Cascão aportuguesa uma palavra espanhola, *cuatralbo*, que designa um animal com os quatro pés brancos.

corcovos, e vendo-o [o] Alferes-mor, se desceu dele muito depressa. El-Rei lhe mandou que se tornasse logo [a] pôr a cavalo, não obedeceu a dois recados, e mandou-o chamar |602| e mandou-o subir no cavalo, o qual tornou a fazer o seu ofício, o que vendo [o Alferes-mor], se deitou de cima dele tão depressa que visto dos rapazes e da mais gente lhe deram uma valorosa apupada e muito grande grita, de que El-Rei não recebeu pouco gosto, nem riu menos. E o Alferes-mor disse, muito agastado, que havia de ir viver a Moscóvia,¹¹⁶ mas até agora não é partido para lá, nem partirá enquanto durar a jornada.

Andaram os touros um pedaço no corro, e recolhendo-se, correndo a carreira, como também El-Rei faz. E depois deste ato acabado, vieram dar vista a El-Rei os lavradores de todo o Campo de Ourique, com todas as éguas que nele há, as quais foram 400, e todas passaram em ordem ao longo das janelas de El-Rei, que os estava vendo.

Ao Duque de Aveiro deram uma carta, vindo-se recolhendo, de D. Francisco de Meneses,¹¹⁷ em que lhe fazia saber como D. Afonso seu pai era falecido, o qual morreu de cólica e durou dia e meio, e nela lhe pedia que falasse a El-Rei, e lhe pedisse lhe fizesse Sua Alteza mercê de lhe mandar dar posse de uma comenda que seu pai tinha, para ele, de que el-rei D. João [III] lhe fez mercê. O Duque tornou logo a El-Rei, e El-Rei lhe mandou que não pusesse dó por ele, e ele o fez assim, somente aquele dia pôs um farragoulo¹¹⁸ preto por cima do jubão¹¹⁹ verde, e um chapéu preto alto, e pelo caminho traz um jubão pardo de pano das suas ovelhas e um chapéu pardo, não se encerrou nenhum dia. Como se acabar a jornada, então porá dó.

¹¹⁶ Grão-Ducado da Moscóvia, que ocupava parte do atual território da Rússia.

¹¹⁷ Poderá tratar-se aqui de um lapso por D. Fernando de Meneses (?-?), filho de D. Afonso de Noronha, anteriormente referido, que faleceu em 1573.

¹¹⁸ Espécie de capote com capuz e mangas curtas.

¹¹⁹ O mesmo que 'gibão', anteriormente referido.

Este próprio dia quis o senhor D. Duarte ir às lebres, e mandou convidar para isso o Duque [de Aveiro], o qual lhe mandou mostrar a carta, e lhe mandou dizer que por ela veria o impedimento que tinha. O senhor D. Duarte estava já no campo, com um filho do Conde do Vimioso que o ia acompanhar, e vendo a carta se tornou sem caçar, por ser já muito tarde; emprestou os galgos a D. Pedro de Meneses, que ainda matou uma lebre. João de Castilho andou aos touros, a pé, com uma cadeira rasa nas mãos, e tinha uma lógia aberta aonde | 603 | se recolhia.

12 de janeiro – Messejana

Segunda-feira, 12 de janeiro, foi El-Rei ouvir missa aos Capuchos, e levou consigo o seu Estribeiro-mor e D. Álvaro de Castro. E depois de jantar foi com o senhor D. Duarte e com o Duque de Aveiro, e com os mais dos fidalgos, à caça das lebres, e mataram passante de 30, e mataram com os falcões três garças, e um falcão do Conde da Vidigueira voou a uma, e no ar lhe levou o pescoço de um golpe, e caiu a garça para um cabo e o pescoço para outro, que foi coisa que até hoje se [não] viu. E já quase noite se recolheu [El-Rei].

13 de janeiro – Messejana / Panoias

Terça-feira, 13 de janeiro, ouviu El-Rei missa no mosteiro dos Capuchos, em Messejana; o senhor D. Duarte ouviu-a na Misericórdia da vila. E à tarde foi El-Rei à caça das lebres, e o senhor D. Duarte com ele, e o Duque e mais gente mataram passante de 20 lebres. E uma légua da vila, em um lugar que chamam Panoias, se foi El-Rei oferecer à cabeça de São Romão.¹²⁰ E João Gonçalves da Câmara deu neste próprio dia banquete a alguns fidalgos.

¹²⁰ Referência a um relicário de prata com a forma de cabeça de tamanho natural, que então se encontrava na Igreja de Panoias, e que continha as relíquias de São Fabião e de São Romão. Este relicário encontra-se hoje em Castro Verde, no núcleo museológico da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

14 de janeiro – Messejana / Colos

Quarta-feira, 14 de janeiro, ouviu El-Rei missa na Misericórdia da Messejana, e almoçou, e às 8 horas partiu para a vila dos Colos, que são três léguas de jornada, com trombetas, atabales e charamelas diante fazendo seu ofício, até sair fora do lugar um pedaço. Os quais instrumentos, sobre o escolher das bestas, tiveram em Évora uma grande diferença, e Felipe de Aguilhar lhes mandou que sobrestivessem, até mais devagar se determinar sua causa, e todavia as trombetas, como instrumento mais antigo na Casa Real, escolheram. Isto caía melhor onde falei nelas a primeira vez, mas ainda agora soube da diferença.

Ia El-Rei acompanhado do senhor D. Duarte e do Duque de Aveiro, e logo à saída do lugar levantaram lebres, e |604| sendo El-Rei presente, mataram duas. O senhor D. Duarte se apartou de El-Rei, acompanhado do Conde da Vidigueira e de um fidalgo do Conde do Vimioso, e dos seus fidalgos, foi caçar às lebres, e matou algumas. E sendo presente o Duque de Aveiro, que veio demandar o senhor D. Duarte, matou uma lebre de muito gosto. E logo vieram a alcançar a El-Rei pela posta, que ia já muito alongado deles, e a meia légua dos Colos o vieram receber na forma costumada, e pegado com o lugar a ordenança dos soldados, eram 150. Entrou El-Rei nas casas em que havia de pousar, as quais eram térreas e pequenas, e só duas havia de que se pudesse tratar, por serem forradas de cortiça, que nesta jornada hão de ter cómodo para um rei costumado a diferentes edifícios. As [casas] do senhor D. Duarte eram a este modo, mas não eram forradas. Nas alfaias da casa tinham diferença das de El-Rei, que deixou a hospeda,¹²¹ na casa aonde o senhor D. Duarte havia de comer, uma cantareira concertada com duas talhas e dois púcaros, e um panozinho de rede de pardais. As do Duque eram piores, e as dos mais não deviam de ser muito boas.

¹²¹ Isto é, 'hospedeira'.

El-Rei se assentou a jogar com o Duque [de Aveiro] e D. Pedro Diniz, o Conde da Vidigueira e D. Álvaro de Castro, esteve até lhe dizerem que tinha as iguarias na mesa. Deixou o jogo, e mandou sobestar os jogadores metidos em uma casa, e como acabou de comer, tornou a jogar e deteve-se pouco. Ganhou D. Álvaro de Castro. O senhor D. Duarte, depois de cea[r], se assentou a jogar com D. Diogo de Lima, jogaram às trezentas¹²² e ganhou D. Diogo.

Os fidalgos trazem assado a Lopo Roiz sobre o Duque de Aveiro o não pôr consigo à mesa, do que anda muito tomado. Chegou esta grande graça a El-Rei, e El-Rei, diante de muitos fidalgos e de D. Pedro Diniz, lhe tocou nesta matéria, e D. Pedro replicou que já que |605| seu irmão o não punha à mesa, que nem ele menos o havia de pôr, e Lopo Roiz respondeu com muita cólera que o senhor D. Constantino¹²³ o punha consigo à mesa, que era um homem com grande barriga, e com muita pessoa, que como o não poria ele e seu irmão? E estando El-Rei posto a cavalo em Messejana para partir, tornou a repetir [a] Lopo Roiz nesta matéria, a que não teve Lopo Roiz paciência e respondeu a El-Rei: «Vós, Senhor, me sois o tredo, que o Duque é muito bom senhor, muito bom fidalgo, e hei de ir a sua casa, e vê-lo e conversá-lo». E antes dizia que lhe não havia de entrar em sua casa.

Os fidalgos lhe meteram em cabeça que o senhor D. Duarte não lhe havia de tirar o barrete, já que o Duque [de Aveiro] o não punha consigo à mesa, e advertiram disto ao senhor D. Duarte, e Lopo Roiz andava tão perdido e desconfiado, que se escondia do senhor D. Duarte.

¹²² Original: «300». Referência a um jogo de cartas.

¹²³ D. Constantino de Bragança (1528-1575), que foi vice-rei do Estado da Índia entre 1558 e 1561, era filho de D. Jaime I, 4º duque de Bragança, anteriormente referido, e da sua segunda mulher, D. Joana de Mendonça (?-1580), adiante referida.

O Couto pediu a El-Rei que lhe fizesse Sua Alteza mercê, que para fazer raiva a Lopo Roiz lhe deixasse trazer o hábito de Cristo.¹²⁴ El-Rei lhe deu licença. Hoje, quarta-feira, foi o primeiro dia que saiu com ele, com o qual não anda pouco gracioso, e entre muitas graças que diz, a em que mais se afirma é desejar que o vejam com o hábito as pescadeiras de Alfama.

Do caminho de Messejana despediu El-Rei o Caçador-mor¹²⁵ e os caçadores, e mandou que o fossem esperar a Cuba. Neste lugar dos Colos há um negro de idade de 132 anos, anda arrimado em um bordão, e tem ainda muitos dentes na boca, foi dos primeiros negros que vieram a este reino, e dá conta de muitas coisas muito antigas, é jalofo.¹²⁶

15 de janeiro – Colos / Odemira

Quinta-feira, 15 de janeiro, ouviu El-Rei missa nos Colos e o senhor D. Duarte com ele, e depois de almoçar partiu às 9 horas para Odemira, que são quatro léguas de caminho muito ruim. Não caçou, mas veio em conversação com o senhor D. Duarte e com o Duque [de Aveiro] e com D. Álvaro de Castro. Meia légua de Odemira o vieram |606| receber os governadores da vila com alguma mais gente de cavalo. E à entrada, duas pélas¹²⁷ muito bonitas, bem vestidas e concertadas, e bem toucadas, faziam-se raiva uma à outra, e também faziam remoelas a El-Rei. Houve mais uma folia, que foi a melhor que quantas houve em todos estes lugares.

¹²⁴ O hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo era uma distinção normalmente atribuída por serviços prestados à Coroa, que constava de traje e insígnias, e também de uma tença ou rendimento monetário e de determinados privilégios jurídicos e fiscais. No presente contexto, tratar-se-ia apenas do traje e/ou das insígnias.

¹²⁵ O caçador mor poderia ser João de Castilho, anteriormente referido.

¹²⁶ Os jalofof demoravam na costa ocidental de África, nomeadamente nos territórios que atualmente compreendem o Senegal e a Gâmbia.

¹²⁷ A palavra ‘péla’ podia designar ‘uma rapariga jovem que dançava aos ombros de uma mulher que também dançava’.

Com estas festas o levaram a sua casa, na qual esteve pouco. [El-Rei] foi ver o rio, e a chuva o fez vir para casa, pôs-se logo a cear, e depois esteve um pouco com os marmanjos, e teve música, a que estiveram também alguns fidalgos, e às 9 horas se deitou na cama. O senhor D. Duarte foi também por sua via ver o rio com D. Diogo de Lima [e] Jorge da Silva, e também o fez a chuva recolher, ceou e deitou-se na cama.

16 de janeiro – Odemira

Sexta-feira, 16 de janeiro, foi El-Rei ouvir missa a um mosteiro de São Francisco que há nesta vila de Odemira,¹²⁸ e o senhor D. Duarte com ele, e acabada a missa se vieram almoçar cada um a sua casa. E às 9 horas se pôs El-Rei a cavalo, e o senhor D. Duarte e o Duque [de Aveiro] e os mais fidalgos, e foi montar a uma defesa do Conde de Mira,¹²⁹ duas léguas da vila, aonde chamam o Cardão, para o que mandou Sancho de Tovar até manhã, em companhia de muitos besteiros que se apenaram¹³⁰ na vila.

E também pela manhã mandou El-Rei passar as bestas todas da banda d[e] além do rio, em uma barca que anda à passagem, a qual é a modo de um alqueire,¹³¹ caberão nela cinco bestas, não se rema, somente tem uma corda que alcança de uma banda à outra, e de ambas as partes está atada em paus, pela qual se vão alando até chegarem ao porto. O rio é estreito e de cinco léguas de comprimento, do mar a este lugar há quatro, e uma que mais sobe acima. De maré vazia passa-se a vau, e é doce, de maré cheia, salgado, por causa da maré que chega acima.

¹²⁸ Provável referência ao convento de Santo António de Odemira, fundado em princípios do século XVI.

¹²⁹ Conde de Odemira, à época D. Sancho de Noronha (c.1515-1573).

¹³⁰ Isto é, que se intimaram, em nome da autoridade régia, para aquele serviço.

¹³¹ A embarcação era uma espécie de caixa de madeira quadrangular, com a forma aproximada de um alqueire, designação de uma antiga medida de capacidade e do recipiente usado para essa medida.

[607] Nesta barca passou El-Rei e o senhor D. Duarte, e toda a mais gente, e posto [El-Rei] a cavalo, se partiu a caminho do monte. Achou sete besteiros, e dois primos,¹³² da serra de Monchique, os quais todos tomou por monteiros. Fez duas armadas,¹³³ em uma se pôs El-Rei e o Duque [de Aveiro], com uma parte dos fidalgos, e em outra pôs o senhor D. Duarte, com outro golpe deles, nos quais entrava D. Pedro Diniz. A armada de El-Rei concertou Sancho de To[v]ar e a do senhor D. Duarte, Felipe de Aguilar, que era dos seus. Fizeram a batida, saiu um porco grande para a parte do senhor D. Duarte, saíram-lhe dois de cavalo e fizeram-no ir para a de El-Rei, que logo lhe correu, e o seu Estribeiro-mor com ele. El-Rei lhe atravessou a lança, e deixando-a no porco, tomou outra com que lhe deu outra grande lançada. Morto este porco, fizeram outras armadas da própria ordem das primeiras. Ao longo de um córrego fizeram a batida, saíram dois outros porcos, mas não pela parte das armadas.

Deram novas a El-Rei de como os porcos eram saídos, o qual correu meia légua ao longo do rio, mas não deu com os porcos, antes um que vinha saindo, tendo sentimento dos cavalos, se tornou à mata donde saiu. Com só este porco que El-Rei matou, se recolheu para a vila. Vindo no caminho subindo por uma costa acima, muito fragosa, correu a sela do cavalo em que vinha o Duque de Aveiro para as ancas, e esteve de todo caído, se se não apegara à coma¹³⁴ do cavalo, e todavia lhe foi necessário chegarem-se a ele dois moços da estribeira, que o vinham tendo, enquanto passou a subida.

Veio-se El-Rei recolhendo para a vila, e passou o rio a vau em um quartão pequeno, e não era tão baixo que aos outros que vinham em cavalos lhe não desse pelas estribeiras. Ao rio o vieram esperar os

¹³² A palavra «primos» tem aqui o sentido de ‘muito bons’.

¹³³ Isto é, ‘dois grupos’.

¹³⁴ O mesmo que ‘crina’.

instrumentos, com o som dos quais se foi para sua casa, e seria[m] as 5 horas, às 6 ceou, e depois de cea[r] teve música, a que estiveram alguns fidalgos. E depois de acabada a música, esteve em conversação com os marmanjos, e às 10 horas se deitou na cama.

17 de janeiro – Odemira

|608| Sábado, 17 de janeiro, ouviu El-Rei missa na Odemira, e o senhor D. Duarte com ele. Almoçou, e às 9 horas foi pelo rio em batéis, a uma parte da defesa, montar um porco que lhe tinham emprazado ao longo do rio, aonde chamam o Torgal. Sua determinação era matá-lo do batel, como sucedeu, porque se fez a batida para aquela parte, que durando uma hora larga, e não saindo porco, desembarcou El-Rei e pôs-se a cavalo, com os mais em cavalos que mandou vir por terra.

Estando El-Rei a cavalo, lhe deram rebate de ser o porco saído e vir contra o rio. El-Rei se embarcou muito à pressa, e com muita mais veio o porco demandar a água, meteu-se em um lamarão, os cães pegaram com ele, feriu três muito mal. El-Rei lhe fez um tiro com a espingarda, e passou-o de parte a parte. O porco remeteu com grande fúria ao batel, que ia remando para cima, e o porco vinha para baixo. Encontraram-se, e o Duque [de Aveiro], posto de joelhos na proa do batel com uma lança nas mãos, com a qual lhe deu uma lançada pelo sangradouro tão estranha que lhe veio sair o ferro e parte da hastea por entre as coxas. O porco metido na lança se mergulhou, e o Duque teve nela até tornar acima, deitando grandes espadanhas de sangue. Sancho de To[v]ar acudiu com um gancho e ferrou no porco pelo dente, ia-se-lhe escoando, e bradou ao Duque que o tivesse com a lança, e tornou a ferrar por um olho. O Duque deixou a lança e deitou-lhe um laço de corda, com que o meteram no batel.

Ao Alferes-mor cresceu a cobiça de dar uma lançada no porco que estava já no batel e morto, levantou a lança e errando o porco, houvera de

acertar ao Duque [de Aveiro]. El-Rei se agastou disso, e lhe disse algumas palavras, afeando-lhe o despropósito, mas ele, ainda que algumas pessoas lhe aconselharam que, por tirar a El-Rei de cólera, confessasse seu erro, o não quis haver por esse.

El-Rei, acabado este gostoso monte, se recolheu para a vila um pedaço por mar, e outro por terra. Entrou na vila de noite, com os |609| instrumentos diante fazendo seu ofício. Ao descer, lhe pediu o Duque [de Aveiro] que já que Sua Alteza vinha satisfeito do monte, e todos o vinham, que não fosse só o Alferes-mor descontente, que Sua Alteza lhe devia de perdoar. El-Rei condescendeu a petição do Duque, e o Alferes-mor foi absolto. No monte tomou El-Rei por cavaleiro de sua Casa um morador da vila que foi no emprazar dos porcos.

Depois de cea[r] teve [El-Rei] um auto de castelhanos que aqui vieram ter, ouviu só com dois ou três fidalgos da guarda, podia-se ver. Mas El-Rei lhe[s] fez travessura e lhe[s] deitou o Couto, que os desinquietou, e um homem por nome Pedro Dias, que até agora esteve no hospital, é doido sem fúria, e a graça tem em ter eco de toda a pessoa e tornar a repetir tudo o que ouve, se falam, fala, se riem, ri, se cantam, canta, e se cantam a três vozes, padece trabalho de querer imitar a toada a todos três, o que também lhe acontece em todos os jeitos e meneios que vê fazer as pessoas. Não é artifício, mas a mais nova doidice que até hoje se viu. Aconteceu-lhe estar no hospital muitos dias sem comer, davam-lho, não fazia conta dele. O doutor Guevara,¹³⁵ advertindo discretamente sua necessidade, deitou-se de bruços no chão perante ele e começou a comer, o que vendo Pedro Dias, fez o mesmo, muito quietamente. Este e o Couto foram os melhores entremezes do auto, o Couto em o desgabar e Pedro Dias em o contrafazer. Deles dará El-Rei melhor razão que do auto.

¹³⁵ Referência a Afonso Rodrigues de Guevara (?-?), médico espanhol que estava radicado em Portugal.

Na própria noite, o [auto] fizeram ao Duque de Aveiro, e o ouviu com os fidalgos que comem à sua mesa. O senhor D. Duarte gastou o dia em jogar, e um pedaço em ouvir música; à tarde se vieram¹³⁶ para ele D. Álvaro de Castro e D. Martinho.

18 de janeiro – Odemira / Odeceixe

Domingo, [1]8 de janeiro, ouviu El-Rei missa n[o] Odemira, e o senhor D. Duarte com ele. Almoçou, e às 8 horas partiu para Odeceixe,¹³⁷ que são quatro léguas de jornada. Passou o rio a vau, de maré vazia. Pelo caminho veio com o senhor D. |610| Duarte e com o Duque de Aveiro, desviou-se da estrada para ver o mar, que foi a primeira vez que nestas partes o viu, gabou-o muito. Foi prosseguindo sua jornada até passar uma ribeira, aonde se deteve para montar um porco que lhe disseram terem emprazado, fizeram-se as armadas, por acudir muita gente da que vinha na companhia, e Sancho de To[v]ar a não poder apartar. El-Rei acudiu com uma lança nas mãos, e fez deixar o campo. A batida foi regozijada dos instrumentos, mas o porco não quis morrer com trombetas, nem puderam dar com ele.

Estando El-Rei na armada, o vieram receber com 20 de cavalo d[e] Odeceixe¹³⁸ e de Aljezur, todos com lanças e adargas, El-Rei os mandou pôr em um outeiro. Já desesperado de sair o porco, se veio para o lugar com esta gente de cavalo, que veio o mais do caminho escaramuçando. Meia légua do lugar, passou uma ribeira a vau,¹³⁹ muito formosa e grande, a qual faz tantas voltas que se embaraçam as pessoas e perdem o sentido donde lhe fica o lugar. E para se vir demandar o vau, se rodeou mais de meia légua. Desta ribeira por diante se começa o Algarve, a qual ribeira é

¹³⁶ Original: «veyo».

¹³⁷ Original: «o Dexeixo».

¹³⁸ Original: «do Dexeixo».

¹³⁹ A ribeira de Seixe.

muito formosa e de muito pescado, e está defronte do lugar, e passa em um barco a gente de pé. E dos que passaram a vau, caíram na água dois.

Entrou El-Rei n[o] Odeceixe¹⁴⁰ às 6 horas, na forma costumada. Foi recebido nele dos Vereadores, e com duas folias. O senhor D. Duarte, deixando-o em sua casa, se veio para a sua, aonde se vieram para ele o Conde da Vidigueira e D. Álvaro de Castro, com os quais esteve um pedaço jogando.

Este lugar será de 50 vizinhos, foi comenda de D. João de Castelo Branco,¹⁴¹ e por haver poucos gasalhados neles, passou a capela e os instrumentos para Aljezur, onde dormiram, e El-Rei havia ao outro dia de ouvir missa.

19 de janeiro – Odeceixe / Lagos

Segunda-feira, 19 de janeiro, partiu El-Rei d[e] Odeceixe¹⁴² 2 horas antemanhã, e veio ouvir missa a Aljezur, que são du- |611| as léguas. Neste lugar jantou, depois de jantar esteve assinando alguns papéis que se despacharam, de degredos que perdoou, que ficaram d[e] alçada, isto é, soltar presos por causas leves e alguns crimes sem partes. Faz [isto] em todas as cidades, vilas e lugares a que chega, o que manda fazer pelo Corregedor da Corte, que traz poderes com o Desembargador do Paço, o que é um grande serviço de Deus, pelo muito detrimento que passam, alguns por causa de não terem quem lhes negoceie suas solturas, e outros por custas e outras coisas desta qualidade, que havia mais de um ano que estavam na cadeia. E não são tão poucos os presos que soltam, que em

¹⁴⁰ Original: «no Dexeixo».

¹⁴¹ D. João de Castelo Branco (?-1578) era filho de D. Martinho de Castelo Branco (c.1465-1527), 1º conde de Vila Nova de Portimão; morreria na batalha de Alcácer Quibir.

¹⁴² Original: «do Dexeixo».

Ourique, que é bem pequeno lugar, passaram de 20. Aljezur é de 80 vizinhos, e também era comenda de D. João de Castelo Branco.

Partiu El-Rei deste lugar às 2 horas para Lagos, veio pelo caminho só, sem o senhor D. Duarte nem o Duque de Aveiro, até chegar a uma ribeira a uma légua de Lagos, onde o[s] chamou, por aqui o estarem já esperando 69 homens de cavalo, com suas lanças e adargas, e assim suas pessoas como os cavalos muito bem concertados, postos todos em uma ala. Estava mais uma grande soma de mulheres do monte, que se ali ajuntaram com uma folia. Os de cavalo, com o Corregedor, sem capitão, escaramuçaram um pedaço e vieram acompanhando El-Rei por todo o caminho. Mais adiante achou uma suíça¹⁴³ de perto de 100 moços vestidos à mourisca, com seus arcabuzes, e seu capitão e oficiais, que passando El-Rei fizeram um caracol cerrado, e deram sua salva de arcabuzaria. Alguns de cavalo arremeteram com eles e se defenderam com ordem, diante obra de um quarto de légua da vila. Estariam cinco bandeiras da ordenança, as quais deram também sua salva de arcabuzaria, que também o vieram acompanhando, com os mais, até à vila. |612| No caminho atrás, dez ou 12 besteiros da serra de Monchique apresentaram a El-Rei uma porca montesa, que mataram à besta.

Chegou El-Rei a Lagos com toda esta gente, que todo o mais do caminho foi disparando sua arcabuzaria, e os de cavalo escaramuçando, e com outra mais de diferente qualidade, mulheres, meninos, que não esperavam que ele entrasse na vila, antes achávamos dela os caminhos cheios. Chegou à porta que chamam de Portugal, aonde lhe tinham um pátio de veludo carmesim,¹⁴⁴ havendo que por vila notável podia seguir a ordem das cidades, e dizem que Luís da Silva perguntou a El-Rei n[o]

¹⁴³ Original: «soisse». O termo «suíça» era utilizado como designação genérica de uma formatura militar de soldados armados, por analogia com a forma de combater dos mercenários suíços da época.

¹⁴⁴ Original, por lapso: «Chegou a porta que chamão de Portugal, aonde lhe tinhão hum palio de veludo que chamão de Portugal».

Odemira¹⁴⁵ o modo com que Sua Alteza queria o recebessem em Lagos, e isto como irmão do Regedor, que é alcaide-mor desta vila.¹⁴⁶

El-Rei lhe respondeu que ele lho diria, pelo que não havendo efeito, recebera El-Rei com pálio. Se coligiu ser aviso de Luís da Silva, e mandado de El-Rei que o não houvesse. A fala estava para lha fazer o vereador mais velho, e devia de ser homem curto de palavras, porque receando, vendo a El-Rei, de se embaraçar, lhe tomou o Juiz de fora a mão, e chegando-se a El-Rei lhe disse algumas coisas.

El-Rei entrou pela Rua Nova, que é larga e bem-assombrada, e estava bem cheia de móvel, havia por ela infinidade de gente, tanta que não havia porta, nem parede, nem barco no rio que não estivesse cheio, e dizem que de todo o Algarve acudiu aqui gente. As janelas estavam bem povoadas de damas, ou por melhor dizer, de muitas mulheres, e todas muito feias, sem haver uma a que se possa pôr outro nome. Elas o são em tanto extremo, que nunca hei de ver coisa que mo assim parecesse. Houve das janelas muita soma de arredomas de água, como acontece nos outros lugares por onde vimos. Foi El-Rei, como digo, por outra rua com mais uma |613| folia de muitas mulheres, a quem governava um cego, e com os seus instrumentos desceu à Igreja Matriz.¹⁴⁷ E feita a oração, se recolheu no seu aposento, que era no castelo, nas casas do Alcaide-mor.¹⁴⁸

O senhor D. Duarte, deixando El-Rei em sua casa, veio para as suas, que eram as mais nobres da vila e no melhor sítio dela. Estão ao longo do mar, de uma parte, edificadas, e tem a frontaria para o terreiro da praça onde se haviam de correr os touros. Chegado o senhor D. Duarte a elas,

¹⁴⁵ Original: «no Dimira».

¹⁴⁶ Referência a D. Lourenço da Silva (?-1578), regedor da Casa da Suplicação, o tribunal supremo em Portugal, e alcaide-mor de Lagos.

¹⁴⁷ Referência à Igreja de Santa Maria da Graça, que existia no interior da muralha medieval.

¹⁴⁸ Conhecido como Castelo dos Governadores.

vieram dar vista as companhias, e no terreiro fizeram seus caracóis e dispararam sua arcabuzaria.

O Bispo do Algarve¹⁴⁹ veio neste próprio dia beijar a mão a El-Rei, e logo ao senhor D. Duarte. Ele ido, veio o Corregedor da comarca. Nisto passou o senhor D. Duarte um pedaço da noite em ouvir música.

20 de janeiro – Lagos

Terça-feira, 20 de janeiro, dia de São Sebastião, foi El-Rei ouvir missa a um mosteiro de São Francisco¹⁵⁰ que nesta vila há, e o senhor D. Duarte com ele.¹⁵¹ Jantou muito cedo, e depois de jantar lhe correram touros, que os veio ver às casas do senhor D. Duarte. Nelas lhe concertaram duas janelas, uma em que esteve, outra para o senhor D. Duarte, de que também os viu o Duque de Aveiro. Ao senhor D. Duarte, estando jantando, lhe vieram dar vista as bandeiras da ordenança, ele se levantou da mesa como curioso, antes de acabar de comer, e estava à janela vendo-as fazer seus caracóis, e lhe deram sua salva com arcabuzaria. No mesmo tempo vieram duas danças e uma péla, e o drago que trazia uma donzela preza por uma fita encarnada, e vinham ambos dançando, e a tempos havia brigas, a donzela o tomava com uma adaga que trazia na cinta, e não com a formosura que a natureza lhe deu tão pouca, como as damas de que acima digo. Todas estas festas foram na procissão de São Sebastião, e acabada, as vieram fazer ao senhor D. Duarte.

El-Rei, antes que corresse os touros, andou vendo o aposento do senhor D. Duarte, entrou na câmara e gabou muito o leito de caminha de

¹⁴⁹ Referência a D. Jerónimo de Osório (1506-1580), humanista célebre que foi bispo do Algarve a partir de 1560, primeiro em Silves, e depois de 1577 em Faro, para onde foi transferida a sede do bispado.

¹⁵⁰ Convento de Nossa Senhora do Loreto, também designado como Convento de São Francisco, fundado em meados do século XVI.

¹⁵¹ Embora o cronista não o refira, 20 de janeiro era a data do aniversário de el-rei D. Sebastião.

damasco car- |614| mesim. Daqui se veio para a janela, e os toureiros vieram ao corro, que eram D. Francisco, filho do Conde do Vimioso, D. Pedro de Meneses, Cristóvão de Távora, o Alferes-mor e D. João de Castro.

Houve dois touros bons, a que os toureiros fizeram algumas sortes, entre as quais foi uma que D. João de Castro fez. O qual, tomando o touro um homem, arremeteu rijo para o salvar, e o touro, deixando o homem, se veio com grande fúria ao cavalo, e o tomou com os cornos por entre as pernas, e esteve estancado neles, de sorte que, dando D. João rijo das esporas ao cavalo, não lhe era possível ir por diante. Quebrou no touro a garrocha, e levou da espada, com a qual deu ao touro um golpe grande, e D. Francisco acudiu. O cavalo ficou com um grão polmão¹⁵² em uma perna, e foram grandes feridas, se não tivera os cornos serrados. Tomou D. João outro cavalo, no qual estando descuidado lho tomou o touro atravessado, e lhe deu outra revolta. D. Francisco arrancou da espada segunda vez, acudindo a um homem que o touro ia alcançando, e entrando o touro uma casa, estando ele mui alongado dela, arrancou terceira vez, com D. Pedro de Meneses e Cristóvão de Távora, que foi D. Pedro dos cinco o melhor toureiro, saiu ao touro algumas vezes.

O Alferes-mor, querendo acudir a um homem com que o touro andava na bastida, se chegou tanto a ele que, voltando o touro em redondo e ele não tendo lugar para voltar, o tomou o touro de rosto a rosto, pelos peitos do cavalo, e lhe fez uma grande ferida, ainda que tinha os cornos serrados. O Alferes-mor, fazendo grande revês, segundou outra ao cavalo, metendo-lhe a espora por cima da cinta, que passando entrou um grande pedaço pela carne.

O Alferes-mor, satisfeito de tão boa sorte, veio pedir ao senhor D. Duarte que por vida de Sua Excelência lhe dissesse se fora boa a

¹⁵² O mesmo que 'inchaço'.

sorte, e o senhor |615| D. Duarte lhe concedeu a petição, mas não condescendeu a seu desejo, pois lhe disse que já que metia sua vida nisso, que andara muito mal, e o Duque de Aveiro lhe disse que não era da obrigação dos toureiros de cavalo acudir em aos palanques.

El-Rei, com a inveja de tão boas sortes, se pôs a cavalo e saiu ao corro, o senhor D. Duarte desceu com ele, e enquanto El-Rei no corro esteve, [esteve] à porta debaixo com a espada na mão, fora dos talabartes. Cometeu El-Rei o touro por muitas vezes, mas não entendeu nele. Estando El-Rei no terreiro, arremeteu o touro a uma porta, e tão depressa que um homem que nela estava não teve lugar de a fechar, e tomando-o o touro nos cornos, lhe deu um pincho, e o homem deu com a cabeça no arco da porta tão rijo que fez uma grande ferida, e ficou no chão estirado sem bulir com pé nem mão.

Lambert,¹⁵³ reposteiro do senhor D. Duarte, como homem caridoso, depois do touro ser ido, acudiu a meter dentro este homem, e o touro voltou sobre eles tão depressa, que tendo Lambert as costas para a rua, o tomou e lhe deu uma revolta. E ainda que tinha os cornos serrados, lhe rompeu os calções, e entrou com ele e com o ferido dentro em casa. Acudiu El-Rei mui depressa, e os mais toureiros de cavalo e alguns de pé, mandou El-Rei afastar a gente, e dizem que esteve movido para entrar com o touro na casa. Um homem de pé entrou e jarretou o touro, do que a El-Rei pesou, o touro saiu logo fora jarretado, e Lambert não ficou com mais dano que o que recebeu nos calções. El-Rei desceu em casa do senhor D. Duarte, chamou Lambert e lhe perguntou o que lhe acontecera com o touro. Depois de El-Rei recolhido, saiu outro touro que tomou alguns homens, e aos que de cavalo fizeram algumas sortes.

[El-Rei] mandou cessar a festa, e foi-se para sua casa, o senhor D. Duarte o acompanhou, e dali foi ver a fortaleza, a qual é pequena e edificada em

¹⁵³ Nada se consegue apurar sobre este personagem.

uma ponta de uma rocha viva, que entra |616| um pedaço no mar.¹⁵⁴ Tem dois baluartes, um no cabo da ponte a que chamam Pinhão, o qual tem algumas peças de artilharia muito boas, e está tão baixo que possam pescar com ela navios de remo, o outro não tem artilharia. A vila de Lagos é mui bem assentada e grande, dizem que passa de 2000 fogos,¹⁵⁵ cerca-se agora toda de muralha, e afora esta fortaleza, tem noutra parte outro baluarte em que também há artilharia.¹⁵⁶

Depois do senhor D. Duarte ver a fortaleza, foi ao mosteiro de São Francisco, e daí veio correndo algumas ruas da vila, e já tarde se recolheu para sua casa, e teve música. El-Rei, depois de estar um pedaço só em casa, se pôs a cavalo e foi ver a fortaleza, acompanhado do Conde do Vimioso e de D. Álvaro de Castro, andou-a vendo toda muito devagar. Quiseram-lhe dar salva de artilharia, mandou que a não disparassem. Recolheu-se para sua casa já tarde, onde teve com o Alferes-mor algumas galantarias sobre a sorte que fizera, e esporada que dera ao cavalo.

21 de janeiro – Lagos / Raposeira / Sagres

Quarta-feira, 21 de janeiro, ouviu El-Rei missa em uma ermida da devoção de Nossa Senhora da Piedade,¹⁵⁷ que está sobre a costa, a meia légua de Lagos. Veio almoçar a sua casa, e partiu às 9 horas para o cabo de São Vicente, que são cinco léguas de jornada. Em uma aldeia que chamam a Raposeira, duas léguas antes de chegar ao Cabo, deixou o Duque de Aveiro e outros muitos fidalgos, por não haver no cabo de São Vicente mais gasalhado que o mosteiro.¹⁵⁸

¹⁵⁴ Referência ao forte do Pinhão, edificado por volta de 1550, e do qual não sobrevivem vestígios.

¹⁵⁵ Ou seja, cerca de 10000 habitantes.

¹⁵⁶ Possível referência a um baluarte externo e avançado, construído por volta de 1550 no cais da Solaria.

¹⁵⁷ A ermida da Nossa Senhora da Piedade, que foi demolida em inícios do século XX.

¹⁵⁸ Por volta de 1260 foi fundada no Cabo uma albergaria para os peregrinos que iam em romaria ao túmulo de São Vicente, a qual daria posteriormente origem a um

Levou El-Rei consigo o Guarda-mor e D. Fernando Álvares, Felipe de Aguilar, D. Álvaro filho de D. Aleixo, e os músicos. Nesta aldeia da Raposeira o vieram aguardar com alguma gente de cavalo, e com gente da ordenança, e algumas folias, o que também fizeram em outras aldeias que no caminho há.

|617| El-Rei só desceu na Igreja de São Vicente,¹⁵⁹ os frades o receberam com cruz levantada, esteve às vésperas, a que também estiveram muitas mulheres, de que estava a igreja cheia, que por ser véspera do mártir São Vicente vieram em romaria de todas essas aldeias e de Lagos. Acabadas as vésperas, viu El-Rei o mosteiro e a fortaleza, que disparou toda a artilharia, e viu o Cabo a que os antigos chamaram *Sacro Promontório*.¹⁶⁰

O senhor D. Duarte teve na partida e na jornada outra ordem. Ouviu missa na vila de Lagos, em uma igreja da advocação do Corpo Santo dos Mareantes.¹⁶¹ Acabada a missa, veio o senhor D. Duarte almoçar, e partiu para Sagres, aonde havia de ir dormir, que são cinco léguas de Lagos, e do Cabo donde El-Rei estava uma légua através. Deixou o senhor D. Duarte a estrada e foi ao longo da costa, vendo todas as enseadas e calhetas onde os barcos desembarcam, e as almadras dos atuns, e alguns navios que naquele tempo navegavam. Fez oração em uma ermida que está ao longo da costa em uma almadra, e a ermida é da advocação de Santo Estevão, e em outra mais adiante se desceu, é de Nossa Senhora da Luz, e outra de São Pedro, a que lhe fizeram vir a terra uma barquinha que andava pescando, e os pescadores lhe ofereceram uma grande

convento, primeiro jeronimita e depois franciscano. Em inícios do século XVI foi ali construída uma pequena fortaleza.

¹⁵⁹ Igreja do convento de São Vicente.

¹⁶⁰ Antiga designação do Cabo de São Vicente (*Promontorium Sacrum*).

¹⁶¹ Referência à desaparecida Igreja do Espírito Santo, edificada na primeira metade do século XVI, e cujo portal se encontra atualmente no Museu Municipal de Lagos.

quantidade de salmonetes e doutro pescado e marisco.¹⁶² O senhor D. Duarte o mandou levar para Sagres, e aos pescadores mandou pagar muito bem.

Neste caminho vimos plantada uma figueira em uma ponta de uma rocha viva, que fica em vão entre duas pedras, e ficam-lhe as raízes para cima e as folhas para baixo. Ainda que pareça ir fora da regra esta história, quem vir o modo de que a natureza ali plantou, não haverá que é despropósito. De caminho viu o senhor D. Duarte a Baleeira, que é já pegado com Sagres, em a qual há uma fortaleza pequena, que parece não ser feita para mais que para recolhimento dos pescadores d[a] almadrava dos atuns, tem pouca e miúda artilharia.¹⁶³

Recolheu-se o senhor D. Duarte para Sagres, entrou já de noite com tochas. Os |618| soldados da fortaleza, que são 17, lhe deram a salva com arcabuzaria, e os bombardeiros outra de artilharia. Recolheu-se nas casas do capitão da fortaleza. Trouxeram-lhe a mostrar umas provisões do infante D. Henrique,¹⁶⁴ muito graciosas, em que fazia mercês a algumas pessoas, e de outras coisas desta qualidade, e entre elas vinha uma carta de venda que um homem da terra fazia a outro de uma herdade, que lhe vendia em preço de 400 reis forros da sisa, que eram dois vinténs. A esta fortaleza veio a própria noite dormir o Conde do Vimioso e seus filhos, e D. Francisco de Portugal e os seus. Chegando à fortaleza, logo se viram,¹⁶⁵ e o senhor D. Duarte com eles esteve um pedaço da noite, e lhes mandou mostrar os papéis.

¹⁶² Das ermidas referidas, algumas são de localização incerta; a única que ainda se conserva é a de Nossa Senhora da Luz, que corresponde à atual Igreja da Luz, na Praia da Luz, em Lagos.

¹⁶³ Referência ao forte da Baleeira, ou de Nossa Senhora da Guia, construído na segunda metade do século XVI, e hoje em ruínas.

¹⁶⁴ Infante D. Henrique (1394-1460), filho de el-rei D. João I (r.1385-1433).

¹⁶⁵ Original: «vierão», talvez por lapso.

22 de janeiro – Sagres

Quinta-feira, 22 de janeiro, ouviu El-Rei missa no mosteiro de São Vicente, e pela manhã andou vendo o que do outro dia lhe ficou por ver. Jantou no mosteiro, e depois de jantar veio o Duque de Aveiro da Raposeira, e os mais fidalgos, acompanhar El-Rei, que havia de ir por Sagres.

Na própria quinta-feira, 22 de janeiro, pela manhã, foi o senhor D. Duarte ver a fortaleza a que o Infante D. Henrique pôs o nome a *Vila do Infante*, e os antigos chamaram *Terçanaval*.¹⁶⁶ A fortaleza é mais forte por sítio e por natureza que por arte, a qual só tem da banda da terra, que do mar é rocha viva, muito a pique, de mais de 30 braças d[e] altura.¹⁶⁷ Andou o senhor D. Duarte a pé, vendo o sítio, que dizem ter em redondo 3000 braças; tem alguma artilharia e parece ter necessidade de mais, por ser muitas vezes combatida de mouros e de luteranos,¹⁶⁸ e por este ser um recolhimento de navios de diversas partes da Cristandade.¹⁶⁹

É esta terra muito sadia. O senhor D. Duarte perguntou ao clérigo da fortaleza quanto lhe rendia o benefício. Respondeu que pouco, porque [619] havia mais de 12 anos que [não morria¹⁷⁰] uma pessoa, pelo que,

¹⁶⁶ A designação «Terçanabal» aplicada ao cabo de Sagres está atestada em documentos portugueses desde meados do século XV; contudo, a origem da palavra continua a suscitar debate.

¹⁶⁷ A fortaleza de Sagres foi construída na segunda metade do século XVI, recebendo dois baluartes na parte terrestre, por ordem de el-rei D. Sebastião. No interior da fortaleza existe a Igreja de Nossa Senhora da Graça, datada do século XV.

¹⁶⁸ João Cascão refere-se provavelmente a ataques de corsários ingleses, que na época começaram a ser frequentes. O monarca inglês Henrique VIII (r.1509-1547) rompera com a Igreja Romana em 1534, na sequência do movimento reformista que se desenvolveu nas regiões mais setentrionais da Europa, que teve em Martinho Lutero (1483-1546) um dos principais impulsionadores.

¹⁶⁹ As várias enseadas nas cercanias de Sagres eram utilizadas pelos navios que seguiam do Atlântico em direção ao Mediterrâneo, ou em sentido contrário, e ali aguardavam os ventos propícios para prosseguirem viagem.

¹⁷⁰ Estas palavras faltam no manuscrito do ANTT.

não tendo ofertas, não lhe podia render o benefício muito. Desta graça que ele disse muito de sizo, gostou muito o senhor D. Duarte. Depois do senhor D. Duarte ver a fortaleza, ouviu missa, e saiu a pé fora da fortaleza ver dois baluartes que agora mandara El-Rei fazer da banda da terra.

Depois de jantar, foi o senhor D. Duarte a esperar El-Rei ao caminho de São Vicente, que como já disse havia de vir ver a fortaleza de Sagres. À qual chegou, e os soldados o receberam fora da fortaleza, em um pequeno esquadrão, e fizeram sua salva de arcabuzaria, os Vereadores lhe beijaram também a mão à porta da fortaleza, disparou a artilharia. [El-Rei] entrou dentro, andou vendo todo o sítio da fortaleza com o senhor D. Duarte, e com o Duque [de Aveiro] e mais fidalgos, e desceu onde chamam o *Miradouro do Infante*.¹⁷¹ Pareceu-lhe a fortaleza e o sítio em extremo bem, e gabou[-o] muito, gastaria uma hora com o ver.

Partiu [El-Rei] para São Vicente, e de caminho despediu o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro e os mais fidalgos, que haviam de ir dormir à Raposeira, e ele foi pela posta com uns poucos, que se agasalharam no mosteiro. E antes de ceiar esteve ao longo do mar, debaixo de uma lapa, ouvindo música.

O senhor D. Duarte, apartando-se de El-Rei, andou um pedaço às lebres, e recolhido à fortaleza foi ver pescar, e com ele os filhos do Conde do Vimioso, pelos quais seu pai se mandou desculpar de se não vir para o senhor D. Duarte. Acabada a pescaria, se foi a uma estância e mandou vir pólvora e pelouros, e com um tiro pequeno¹⁷² fizeram alguns tiros a uma barreira. Daqui se veio com o Conde [de Vimioso], que ali o veio buscar, e seus filhos, ver os baluartes que já tinha visto, e com a própria companhia se veio a sua casa, e com o Conde e D. Francisco de Portugal

¹⁷¹ A referência reporta-se ao infante D. Henrique.

¹⁷² Isto é, com uma pequena peça de artilharia.

esteve vendo a traça dos baluartes, que em papel lhe trouxe o mestre das obras.¹⁷³

Depois do Conde [de Vimioso] ido com os mais, e a fortaleza ser fechada, bateram à porta mui rijo, foram saber quem era, disse que era um criado de El-Rei [620] que trazia um recado ao senhor D. Duarte. Abriam-lhe a porta, [trazia] uma instrução escrita em que El-Rei mandava dizer ao senhor D. Duarte que às 8 horas fosse ter com ele a São Vicente, porque havia de ir pela posta a Lagos, e também avisou de El-Rei se querer passar em Lagos ao aposento do senhor D. Duarte, e que o senhor D. Duarte se passasse ao de El-Rei.

Este homem trouxe também recado ao Conde do Vimioso e aos mais fidalgos que aqui estavam, que fossem esperar El-Rei uma légua da Raposeira. E pela manhã muito cedo foi dar o próprio aviso ao Duque de Aveiro e aos mais fidalgos.

23 de janeiro – Sagres / Lagos

Sexta-feira, 23 de janeiro, se levantou o senhor D. Duarte muito cedo, ouviu missa em Sagres, e foi ter com El-Rei a São Vicente, o qual tinha já ouvido missa e estava pescando, e tinha tomado alguns peixes. O senhor D. Duarte, depois de lhe falar, viu o mosteiro e a fortaleza.

Partiu El-Rei para Lagos pela posta, em um cavalo de um almocreve dos da companhia, e o senhor D. Duarte o acompanhou, e o seu Estribeiro-mor veio dar com o Duque de Aveiro e com os mais fidalgos, aonde os mandou esperar. Aqui tomou [El-Rei] outro cavalo e mandou ao Duque que corresse, escusou-se de o fazer, por não ter cavalo. El-Rei quis beber, e não houve púcaro, bebeu por um canjirão; o senhor D. Duarte lhe

¹⁷³ O mestre de obras referido poderia ser o italiano Giovanni Maria Benedetti (?-?), que por esses anos estava ativo em Portugal.

ofereceu sobre que bebesse, por se naquele tempo ali achar o seu cavalo de destro, que trazia o alforge, mas [El-Rei] não comeu.

Por todas as aldeias por onde El-Rei passou, o receberam à ida para o cabo de São Vicente e à vinda com alguma gente de cavalo e de pé, e os [lugares] por quem passou são os seguintes: Espiche, Vale do Boi, Almádena, Budens, a Figueira, a Raposeira, Aldeia do Bispo. Algumas destas aldeias são mui boas, e |621| em todas vivem lavradores ricos, por serem terras de muito pão, são de 30, 40, 50 vizinhos, e com casas sobradadas. Chegou [El-Rei] a Lagos. À entrada da vila o estavam esperando os instrumentos, com que foi até casa do senhor D. Duarte, aonde havia de pousar. O senhor D. Duarte, depois de deixar El-Rei em sua casa, se foi para as suas, que eram as em que El-Rei pousou [antes].

Em chegando El-Rei, lhe fizeram prestes dois batéis, em um deles se embarcou, e com ele D. Fernando Álvares e o Estribeiro-mor e Domingos Madeira,¹⁷⁴ e no outro mandou ir os mais músicos. Foi ao longo da costa, até chegar a Alvor, o qual esteve vendo do mar, sem se desembarcar. Tornou-se para casa, pôs-se a cavalo, e foi dar uns passeios pela vila. O Governador do Algarve¹⁷⁵ lhe mandou de Sines, neste próprio dia, um bergantim pequeno equipado, em que havia de ir ao outro dia a Vila Nova [de Portimão]. O senhor D. Duarte não saiu fora, esteve sempre em casa até se recolher.

24 de janeiro – Lagos / Alvor / Vila Nova de Portimão

Sábado, 24 de janeiro, foi El-Rei ouvir missa por mar a uma ermida que está ao longo da costa, meia légua de Lagos, da advocação de Nossa

¹⁷⁴ Domingos Madeira (?-1589) era um dos músicos preferidos de D. Sebastião.

¹⁷⁵ Provável referência a D. Diogo de Sousa (?-?), que el-rei D. Sebastião, em carta de 21 de julho de 1573, datada de Évora, nomeou capitão-mor e governador do Algarve. Esta passagem dataria a *Relação* de João Cascão de um período posterior à realização da jornada ao Alentejo e ao Algarve.

Senhora da Piedade, levou consigo D. Fernando Álvares, D. Álvaro de Castro e o Estribeiro-mor. Veio El-Rei por terra a Lagos. Depois de jantar esteve assinando¹⁷⁶ e teve música. O Duque de Aveiro, como jantou, se foi para El-Rei e esteve na sua sala perto de hora e meia, até El-Rei se vir embarcar para Vila Nova, às 2 horas depois do meio-dia, por então ser conjunção de maré, e são duas léguas de jornada.

Foi com El-Rei no bergantim o senhor D. Duarte, e [foram também] o Duque de Aveiro, o Conde do Vimioso e outros alguns fidalgos. Foi sempre ao longo da costa, e indo defronte d[e] Alvor lhe vieram dar vista da vila, 14 de cavalo se puseram em um outeiro com suas lanças e adargas. Também vieram desta vila duas bandeiras de gente de pé ao longo da |622| costa, as quais fizeram sua salva de arcabuzaria, e o mesmo fez a fortaleza.

Do mar lhe veio dar obediência uma muito grande baleia, que bem perto do bergantim se levantou três ou quatro vezes, e mostrou quase todo o corpo. Um homem mareante, que ia no bergantim com El-Rei, lhe disse uma coisa muito bem dita, e foi que por ali veria Sua Alteza o modo com que o recebiam no Algarve, que até os peixes do mar lhe vinham fazer festa. Começava já de vir gente de cavalo de Vila Nova, e à entrada da barra estavam 30, vestidos à mourisca, e com seus cavalos arazoadamente concertados de lanças e adargas. Estavam todos em uma ala, e passando El-Rei por eles, começaram de escaramuçar e dar gritos, e vieram-no esperar à vila com a ordenança de três bandeiras.

Chegado El-Rei à praia, houve alguns homens da vila que se meteram no mar vestidos, oferecendo-se a tirar El-Rei e o senhor D. Duarte e os mais às costas. Mas todos saíram pela prancha. As companhias fizeram sua salva de arcabuzaria, a fortaleza fez o mesmo de artilharia. A gente toda estava esperando por El-Rei de uma parte, com grande alvoroço, e[m]

¹⁷⁶ Isto é, 'esteve assinando despachos'.

uma rua bem grande e bem provida de móvel. Estavam as janelas cheias de moças e mui bem-parecidas, tanto que houve janela [em] que estavam sete irmãs, e todas formosas, elas mo pareceram, se os olhos que viram as de Lagos me não mentiram. El-Rei lhe pagou mal o gosto com que o esperavam, furtou-lhe[s] a volta, metendo-se por uma porta que está ao longo da praia, pegado com as suas casas. A esta porta o esperavam os Vereadores, e Francisco Cabreira, criado de D. Martinho,¹⁷⁷ cuja a vila é, e o Ouvidor dela lhe disse algumas coisas muito bem ditas. E o pequeno espaço que havia no mar até sua casa, o festejaram duas danças de meninas mui formosas, e uma dança de almazonas,¹⁷⁸ e outra de espadas, três pélas, | 623 | e uma suíça¹⁷⁹ de meninos vestidos à mourisca.

Ficaram as damas muito desconsoladas do pouco que El-Rei tratou delas, mas o senhor D. Duarte as livrou deste desgosto com, depois de deixar El-Rei em sua casa, atravessar toda aquela formosa rua, acompanhado do Conde do Vimioso e do Capitão-mor de Alvor, o qual [Alvor] o senhor D. Duarte logo quis ir ver, e de alguns homens de cavalo de Vila Nova.

E com esta companhia chegou o senhor D. Duarte à vila de Alvor que está meia légua de Vila Nova. Fora da vila o vieram receber alguns homens de cavalo, e à porta da vila duas bandeiras de ordenança, que chegando o senhor D. Duarte fizeram suas salvas de arcabuzaria. O senhor D. Duarte foi dar volta à vila por fora, até dar na fortaleza,¹⁸⁰ andava[-a] vendo a cavalo e a fortaleza lhe fez salva de artilharia. Depois de ver a fortaleza e os muros de que novamente a vila se cerca, foi ver onde antigamente era a vila, a qual dizem ser edificada por Aníbal e

¹⁷⁷ D. Martinho de Castelo Branco, anteriormente referido. Sobre Francisco Cabreira (?-?), nada se consegue apurar.

¹⁷⁸ Almazonas ou almajonas, mulheres muito altas das antigas lendas portuguesas.

¹⁷⁹ Original: «soisse».

¹⁸⁰ Referência ao antigo forte de Alvor, de que atualmente restam escassos vestígios.

destruída por guerra.¹⁸¹ O sítio é formosíssimo, sobre o rio, rocha viva muito a pique, e ainda nele há alguns vestígios dos antigos muros, de que toda foi cercada. Depois de ver este sítio e gozar um pedaço da formosa vista dele, se veio para a nova vila e entrou pela [rua] principal, nas janelas da qual havia relíquias da formosura de Lagos.¹⁸²

Por esta rua veio o senhor D. Duarte, acompanhado do Conde do Vimioso, e do Capitão-mor da vila e dos Vereadores, que desde que à porta o receberam, sempre o acompanharam a pé, descarapuçados, até se vir para Vila Nova, a qual rua vinha acabar à porta da fortaleza. E o senhor D. Duarte se meteu no pátio dela a cavalo, e saindo achou a gente da ordenança que outra vez o veio buscar, e fez a sua salva de arcabuzaria. O senhor D. Duarte |624|se partiu para Vila Nova, e à saída da vila despediu toda esta gente que o quisera acompanhar. O Conde do Vimioso veio com o senhor D. Duarte até à sua porta.

El-Rei, depois de chegado a Vila Nova, gastou o que restou do dia em ouvir música.

25 de janeiro – Vila Nova de Portimão / Alvor

Domingo, 25 de janeiro, foi El-Rei ouvir missa em Vila Nova de Portimão, a um mosteiro de São Francisco;¹⁸³ o senhor D. Duarte a ouviu com ele, e houve pregação do Bispo do Algarve. Acabada [a missa], se veio para sua casa com todas as festas que ao outro dia o receberam, e do caminho lhe saiu de um quintal uma suíça¹⁸⁴ de homens

¹⁸¹ Uma obra do geógrafo romano Pompónio Mela (século I) refere-se a um *Portus Hannibalis*, que teria sido fundado pelo general cartaginês Aníbal (247-c.182 a.C.); este topónimo tem sido identificado quer com Portimão, quer com Alvor.

¹⁸² João Cascão parece fazer aqui uma referência irónica às mulheres de Alvor, que compara às de Lagos.

¹⁸³ Convento de São Francisco ou de Nossa Senhora da Esperança, construído no século XVI e atualmente em ruínas.

¹⁸⁴ Original: «soisse».

vestidos à mourisca, os quais vieram correndo para ele com grande grita e dispararam todos os arcabuzes. O Duque de Aveiro não ouviu missa com ele, como lhe acontece muitas vezes, mas veio esperar ao caminho.

Depois de jantar teve touros, os quais viu de uma janela que lhe concertaram, e outra para o senhor D. Duarte e para o Duque de Aveiro. Os toureiros de cavalo foram Francisco de Távora, reposteiro-mor, e Cristóvão de Távora, e o Alferes-mor. Houve razoados touros com todos os toureiros, entenderam muitas vezes, nos quais se enxerga já o exercício, e fazem melhor seu ofício que os dias atrás. Luís Álvares fez uma sorte em que ficou desairoso, a qual foi deixar-se ensacar do touro até ser tão vizinho da bastida que, receando roçar com a perna pelos paus, perdeu o estribo, e não tendo daquela parte em que se firmar, dando-lhe o touro desta outra, caiu no chão, mas em pé, pelo terem da bastida.

Houve que do cavalo lhe nasceu, tomou o outro, e não emendou mal seu desastre, que indo o touro tomando um homem, se meteu com o cavalo entre eles, havendo muito pouco espaço de um a outro, o homem ficou livre e o touro lhe foi dando com os cornos no cabo do cavalo. Francisco de Távora, por ser este o primeiro dia que veio ao corro, o fez arrazoadamente, mas indo-lhe o touro dando, fez um tamanho revés na sela, que esteve muito perto de fazer o [mesmo] que seu primo, mas em outras sortes que fez |626| emendou bem.

El-Rei, havendo no corro um touro bravo, se pôs a cavalo e mandou ao senhor D. Duarte que se pusesse na sua égua pomba, e mandou ao Duque de Aveiro que se pusesse também a cavalo, o que fez em um do senhor D. Duarte. Fez El-Rei duas sortes, e uma delas [a] melhor que então se fez no corro. O senhor D. Duarte fez muitas, e uma estremada de todas, em que o touro lhe foi embrulhando os cornos no cabo da égua, o qual fez com tanta graça e ar que pode competir com toureiros afamados. Com o Duque entendeu o touro pouco.

João de Castilho andou no corro a pé, e também o tinha feito algumas [vezes] com uma cadeira rasa na mão. Acabou-se esta festa com El-Rei correr a carreira com o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro, e os fidalgos a correram também. Veio-se El-Rei para sua casa, e daí partiu para Alvor, acompanhado de alguns fidalgos. Fora da vila recebeu a ordenança dos soldados, [que] lhe fez sua salva, e à porta da vila o receberam os Vereadores. El-Rei foi por fora da vila ver a fortaleza, a qual fez também sua salva d[e] artilharia.

Foi ver mais as casas em que el-rei D. João 2^o morreu,¹⁸⁵ as quais estão tão danificadas que para El-Rei subir a uma casa que não estava de todo gastada, mandou vir uma escada de mão, pela qual subiu. E daí veio atravessando a vila pela principal rua, e se veio para Vila Nova, aonde chegou já de noite, e ceou e deitou-se logo na cama, por haver ao outro dia de partir antemanhã para Monchique. Alvor é de 250 vizinhos, tem a alcaidaria o Conde de Odemira.

O senhor D. Duarte, depois de El-Rei partido para Alvor, andou pela vila vendo as ruas, ou para melhor dizer as janelas, em que havia damas formosas. E foi ver o mosteiro de São Francisco, e daí a uma ermida da advocação de Santa Catarina,¹⁸⁶ aonde desceu, e foi a pé ver uma porta que a terra faz à entrada da barra, e recolheu-se dando volta à vila. | 626 | E no próprio dia lhe trouxe um presente de coisas doces Francisco Cabrita, ouvidor da vila,¹⁸⁷ a qual é de 800 vizinhos.

¹⁸⁵ El-rei D. João II (r.1481-1495) morreu em Alvor a 25 de outubro de 1495, em local que não se consegue identificar.

¹⁸⁶ Capela de Santa Catarina de Alexandria, que se situa no interior da fortaleza de Santa Catarina, em Portimão.

¹⁸⁷ Nada de especial se consegue apurar sobre este personagem.

26 de janeiro – Vila Nova de Portimão / Monchique

Segunda-feira, 26 de janeiro, partiu El-Rei de Vila Nova às 4 horas depois da meia-noite para Monchique, e são cinco léguas de caminho. Foi acompanhado somente dos fidalgos da guarda. No caminho viu os banhos em que muitos doentes acham remédio a suas enfermidades.¹⁸⁸ Da vila o vieram receber uma bandeira de soldados e alguma gente de cavalo. Ouvia missa na Igreja Matriz.¹⁸⁹

Depois de jantar, subiu à serra, a qual é em extremo alta, e em cima muito chã. Vê-se dela uma grande parte de terra, e a Torre de Beja muito clara.¹⁹⁰ Andou El-Rei um pedaço vendo-a, e aonde chamam na Fóia se desceu, esteve bebendo em uma fonte. Partiu para Vila Nova, aonde chegou já de noite, e por todas as janelas havia luminárias, e pelas portas, que pareciam em extremo bem, e em cima dos muros barris de alcatrão acesos, e a fortaleza, entrando El-Rei, fez sua salva de artilharia.

O senhor D. Duarte ouviu missa no mosteiro de São Francisco, e depois de jantar foi em um batel pelo rio acima até à vista de Silves, tirando com uma espingarda, e também se recolheu já de noite. Monchique, de que acima tratei, é lugar muito fresco, tanto que dizem que pode competir com Sintra. Era aldeia de Silves, e porque El-Rei a fez agora vila, a nomeio por essa [designação] acima. A Câmara de Silves o tomou muito mal, e vieram contra isso dar as suas razões a El-Rei, que lhas mandou receber pelo Corregedor da Corte. E do que nisso [...].¹⁹¹

¹⁸⁸ Referência às Caldas de Monchique.

¹⁸⁹ Igreja de Nossa Senhora da Conceição, edificada em finais do século XV ou inícios do século XVI.

¹⁹⁰ Provável exagero ou lapso de João Cascão.

¹⁹¹ O texto parece estar incompleto. João Cascão iria provavelmente referir o ‘que nisso se passou’, pois, a pedido da Câmara de Silves, el-rei D. Sebastião recuou na sua decisão de elevar Monchique a vila.

27 de janeiro – Vila Nova de Portimão / Silves

Terça-feira, 27 de janeiro, partiu El-Rei às 5 horas de Vila Nova de Portimão pelo rio acima, em um bergantim, para a cidade de Silves, e com ele o senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro e alguns fidalgos. Antes de chegar a Silves um pedaço, o veio receber o Bispo do Algarve, e da ou- |627| tra banda do rio o Juiz da cidade com 150 de cavalo, com suas lanças e adargas, e alguns vestidos à mourisca, e todos postos em uma ala, e mais adiante o receberam nove bandeiras da ordenança.

El-Rei desembarcou perto da cidade, pôs-se a cavalo com o senhor D. Duarte, com o Duque de Aveiro e com dois ou três fidalgos, e todos os mais entraram na cidade a pé, por lhe não serem chegados os cavalos. Chegou El-Rei acompanhado de tudo acima escrito à primeira porta de Silves, à qual estavam os Vereadores, e a porta estava pobrememente concertada.

El-Rei mandou a Francisco de Távora, seu reposteiro-mor, que servisse de alcaide-mor, ele desceu e tomou El-Rei pela rédea, e um homem honrado da cidade lhe fez a fala que se segue.

«Mui alto e poderoso Rei, nosso senhor, folgara de poder declarar a Vossa Alteza a grandíssima alegria que esta cidade recebe com a vinda de seu Rei e senhor natural, queira Nosso Senhor que assim como Vossa Alteza foi dado por lágrimas e orações de seus vassallos para consolação deste reino, seja servido de lhe acrescentar a vida por mui largos anos, com muitas vitórias contra seus inimigos e acrescentamento de seus reinos e estados. Estas são as chaves desta antiga cidade de Silves, que é da Rainha vossa avó,¹⁹² por tais se vos entregam com os vassallos.»

¹⁹² A avó de D. Sebastião era D. Catarina de Áustria, anteriormente referida.

E entregando-lhe Francisco de Távora as chaves da cidade, o receberam em um pátio de damasco amarelo muito velho em extremo, tanto que havia muitos homens velhos que diziam que se acordavam dele desde que lhe souberam entender, e outros que metiam seu pai na própria lembrança. O pátio era da Câmara, e servia-lhe de, por o Espírito Santo, levarem nele os imperadores.¹⁹³ O Estribeiro-mor o deu aos moços da estribeira, que o venderam à própria Câmara por 5000 réis.

Francisco de Távora à banda direita e o Estribeiro-mor à esquerda, e com toda a gente de cavalo e de ordenança, e com as mais festas que lhe fizeram, chegou El-Rei à Sé desta cidade.¹⁹⁴ À porta principal da banda [628] de dentro o esperou o Bispo vestido de pontifical, com o Cabido em procissão, deitou-lhe o Bispo água benta, e posto de joelhos lhe deu o Bispo a beijar as relíquias. E acabadas estas cerimónias, o levaram com cruz alçada até à capela-mor, e nela lhe beijou todo o Cabido a mão, e lhe disse missa o Mestre-escola.

Acabada a missa, se foi [El-Rei] para o seu aposento, o qual era no castelo.¹⁹⁵ Andou-o vendo, e umas masmorras que de tempo de mouros nele há. Depois de jantar lhe vieram dizer dois homens que tinham um porco emprazado. Pôs-se a cavalo e partiu, com tenção de o montar. Pôs-se El-Rei a uma parte, ao longo de um córrego, para lhe fazer tiro a uma besta, fez-se a batida, que durando um pedaço, não saiu, porque os cães deram na moita e com grande traquinada fizeram sair um muito boi reverendo, do qual os homens fizeram porco, que passando por ali acaso, e vendo resmalhar na moita e não lhe achando saída, houveram que era porco.

¹⁹³ Referência ao culto do Espírito Santo, celebrado no Pentecostes.

¹⁹⁴ Referência à Sé de Silves, que data do século XIV.

¹⁹⁵ O castelo de Silves, cuja fundação remonta aos séculos XII-XIII, estava protegido por muralha coroada por 12 torres.

El-Rei gostou muito do acontecimento. Veio-se para sua casa. À tarde teve touros, os quais foi ver da Câmara da cidade, onde lhe concertaram uma janela, e o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro os viram de outra. Os toureiros de cavalo foram Francisco de Távora, reposteiro-mor, e Cristóvão de Távora. O corro era muito ruim, e os touros muito piores foram, de tão pouco efeito que não houve sortes, nem há mais que dizer deles, que El-Rei se deteve pouco.

El-Rei se recolheu para sua casa, o senhor D. Duarte, deixando-o nela, foi ver o mosteiro de São Francisco,¹⁹⁶ que está fora da cidade, ao longo do rio. À noite o veio visitar o Bispo.

Esta cidade é a mais antiga de todas as do Algarve, é da Rainha nossa senhora e não chega a 300 vizinhos, teve já muitos mais, é toda cercada de muro, e tem algumas aldeias em seu termo que têm muitos mais vizinhos. Cá dizem que é terra muito doentia, pelo que se despovoa, e está muito destroçada, tanto que as casas que caem não as tornam a levantar. La- |629| gos pediu a El-Rei que a fizesse cidade, e El-Rei concedeu sua petição, e daqui de Silves lhe mandou provisões disso.¹⁹⁷

28 de janeiro – Silves / Alcantarilha / Albufeira

Quarta-feira, 28 de janeiro, partiu El-Rei de Silves às 6 horas, para a vila de Albufeira, que são três léguas de jornada. Passou pela Alcantarilha, aldeia de 150 vizinhos, e ora se cerca de muro toda em roda e com baluartes em lugares convenientes, por ser perto da costa.¹⁹⁸ Fora deste lugar o recebeu o Juiz, com sete ou oito de cavalo, com suas lanças e adargas, e recebeu uma bandeira da ordenança de 250 soldados. Entrou

¹⁹⁶ Possível referência ao convento de Nossa Senhora do Paraíso, que existia nos arredores de Silves.

¹⁹⁷ O alvará de D. Sebastião elevando Lagos a cidade, subscrito em Silves, data de 27 de janeiro de 1573.

¹⁹⁸ As muralhas de Alcantarilha foram construídas em meados do século XVI.

El-Rei pela principal rua da aldeia, que de uma banda e outra estava cheia de gente, e às janelas algumas moças bem-parecidas. O senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro vieram ambos todo o caminho sem El-Rei, e andaram na Alcantarilha vendo o novo edifício [das muralhas].

Chegou El-Rei às 9 horas à vila de Albufeira, aonde o receberam 30 de cavalo, com suas lanças e adargas, e duas bandeiras de ordenança, as quais fizeram salva de arcabuzaria. Houve mais uma dança de folias de homens e uma dança de meninas. Daqui foi entrando por uma rua que lhe fizeram de pinheiros, bem comprida, a qual ia acabar à porta da vila, pela qual entrando El-Rei, fez a fortaleza sua salva de artilharia. Nesta forma foi El-Rei até à Igreja Matriz,¹⁹⁹ aonde ouviu missa, e acabada, veio jantar, e depois de comer se foi em um barco ver a costa. Desembarcou e andou um pedaço por terra, e recolheu-se outra vez acompanhado de Rui Barreto,²⁰⁰ que da Quarteira lhe veio a Albufeira beijar a mão. Recolhido, jogou à primeira²⁰¹ com o Duque de Aveiro, o Conde do Vimioso e D. Álvaro de Castro.

O senhor D. Duarte, na própria quarta-feira, foi depois de jantar às lebres, matou três, e depois de recolhido à vila foi a pé a ver a praia. Desta vila é alcaide-mor Diogo de Azevedo.²⁰² Tem 250 vizinhos, é cercada toda de muro, e assim por sítio da banda do mar rocha viva, em que há um baluarte com artilharia, como pela outra |630| banda da terra é bem forte.²⁰³

¹⁹⁹ Igreja de Santa Maria, de que já não restam vestígios.

²⁰⁰ Rui Barreto (c.1525-?), senhor da Casa de Quarteira e alcaide-mor de Faro, que entre outras funções foi capitão da armada de guarda-costa do Algarve.

²⁰¹ A «primeira» era um jogo de cartas.

²⁰² Nada de especial se consegue apurar sobre este personagem.

²⁰³ As muralhas de Albufeira tinham, em finais do século XVI, nove baluartes.

29 de janeiro – Albufeira / Quarteira / Loulé

Quinta-feira, 29 de janeiro, ouviu El-Rei missa na Albufeira, almoçou, e partiu às 9 horas para Loulé, que são três léguas de jornada. Veio El-Rei pela Quarteira, quinta de Rui Barreto, apeou-se nas casas da quinta e no pátio delas, lhe correram umas vaquinhas e um touro. Esteve-os vendo de uma janela, e mandou deitar o Couto no corro; mandou-lhe fechar as portas, porque não tivesse aonde se recolher, e de medo esmoreceu. El-Rei o mandou então tirar do corro. El-Rei comeu algumas coisas doces, sobre que bebeu, e um criado de Rui Barreto andou pelos fidalgos dando marmelada e púcaros de água, e à gente miúda se deu todo o vinho que quiseram beber, gastar-se-ia nisto [uma] hora e meia. Chegou o senhor D. Duarte, por vir um pedaço atrás de El-Rei, já no cabo dos touros.

Pôs-se El-Rei a cavalo, e foi montar uns porcos que lhe tinham emprazados. Fez-se a armada ao redor de um paul, e à batida saíram três porcos e alguns veados. Correram²⁰⁴ El-Rei e Rui Barreto a um porco; Rui Barreto o errou duas vezes e El-Rei lhe deu duas lançadas grandes, de que o matou. E o Duque de Aveiro e o Conde da Vidigueira saíram a outro, e o mataram, e o terceiro deixaram ir, por ser muito pequeno. Acabado o monte, foi El-Rei ver as éguas da quinta que dizem que passam de 50. Vistas, se pôs a caminho de Loulé, meia légua do qual o veio receber o Juiz com perto de 100 de cavalo, com suas lanças e adargas,²⁰⁵ e três bandeiras da ordenança, que fizeram salva de arcabuzaria.

Mais perto da vila o receberam com uma dança de homens e outra de mulatas que dançavam em extremo [bem] e cantavam a seu modo muito arrazoadamente. [Foi El-Rei] acompanhado de tudo acima dito até à porta do castelo,²⁰⁶ por onde entrou, e nela o receberam os Vereadores.

²⁰⁴ Original: «Correo».

²⁰⁵ Original, talvez por lapsos: «com sua bandeira lanças, e adargas».

²⁰⁶ Castelo de Loulé, que foi reconstruído e reforçado a partir do século XIII.

Dizem que o vereador mais velho estava para lhe dizer²⁰⁷ algumas coisas a modo de fala, e passou El-Rei tão depressa que não houve comodidade para conseguir seu desejo. El-Rei |631| se recolheu nesta ordem para as casas do Alcaide-mor, que são no castelo.

O senhor D. Duarte, depois de o deixar nelas, foi ver o castelo e a fortaleza da vila, a qual entrando El-Rei fez salva da artilharia, e foi também ver fora da vila um mosteirinho de Capuchos da advocação de Santo António.²⁰⁸ Recolhido o senhor D. Duarte a sua casa, lhe vieram beijar a mão os Vereadores e as mulatas vieram à noite cantar à porta, e o senhor D. Duarte lhes fez mercê. E mandou visitar a mulher de Gonçalo Nunes Barreto.²⁰⁹ Terá esta vila 700 até 800 vizinhos, é mui bem assombrada, e com muito formosas ruas. A [rua] por onde El-Rei entrou estava arrazoadamente apamentada, e com algumas moças muito bonitas pelas janelas, que não haviam inveja às de Vila Nova. Estava esta vila muito bem provida de mantimentos e tinham muitos touros para correr a El-Rei, se quisera estar ao segundo dia. A alcaidaria-mor desta vila é do senhor D. Duarte, e fez mercê dela a Gonçalo Nunes Barreto, que é o alcaide-mor.

30 de janeiro – Loulé / Faro

Sexta-feira, 30 de janeiro, entre as 6 e as 7 [horas] foi El-Rei ver o mosteirinho de Santo António, e o senhor D. Duarte com ele, e o Duque de Aveiro e os fidalgos. E às 7 horas dadas partiu para a cidade de Faro, duas léguas de jornada.²¹⁰ Pelo caminho se não ofereceu coisa que se haja de escrever. E meia légua da cidade estava Rui Barreto, capitão e alcaide-

²⁰⁷ Original: «dizerem».

²⁰⁸ Convento franciscano de Santo António, fundado em meados do século XVI.

²⁰⁹ Gonçalo Nunes Barreto (?-?), alcaide-mor de Loulé, era o irmão mais novo de Rui Barreto, anteriormente referido.

²¹⁰ Lapso do cronista ou do copista, pois a distância entre Silves e Faro é maior. Talvez tenha havido confusão entre as '2' léguas indicadas no manuscrito e as cerca de 12 léguas de distância efetiva.

mor dela, com 80 de cavalo, muito bem concertados, assim eles como os cavalos, todos de capilhares de cores, e bedéns brancos e pretos, e outros em corpo com suas marlotas de girões, e todos com lanças e adargas.²¹¹ Estavam afastados da estrada, postos em cilada de trás de um outeiro, e tinham seu facho a modo de África, para darem rebate quando fosse necessário.

Vindo El-Rei, o mandaram descobrir por duas atalaias de cavalo, as quais, chegando El-Rei, voltaram, dando grandes gritas, e o facheiro deu com o facho no chão dando rebate, ao que acudiram os de cavalo com toda a fúria dos cavalos, e vieram por todo aquele campo escaramuçando até onde estava El-Rei, e Rui |632| Barreto sempre com eles. O qual, chegando a El-Rei, e volvendo a adarga no braço, perguntou se havia quem lhe saísse. Foram um pedaço escaramuçando pelo caminho e adiantaram-se, e puseram-se todos em uma ala, e ao passar El-Rei puseram os que tinham bandeirinhas os ferros no chão.

Mais perto da cidade estavam em mui boa ordem nove bandeiras da ordenança, e passando El-Rei por cada uma, abaixavam três vezes, como é costume de quem sabe, e faziam sua salva de arcabuzaria. Mais adiante estavam quatro pélas e oito danças de diferentes invenções, algumas de mulheres e outras de homens, e uma suíça²¹² de almazonas com seus arcos e flechas e sua bandeira, e uma dança de monstros cobertos de hera.

À entrada do arrabalde, pegado à Igreja de São Pedro,²¹³ lhe fizeram um arco de madeira a modo de porta, mui formoso e soberbo, e bem concertado de panos de seda, e o Juiz de fora desta cidade lhe fez a fala que se segue:

²¹¹ Capilhar, capa com capuz, cortada em semicírculo; bedém, espécie de capa; marlota é uma capa curta com capuz; girão é um retalho de pano.

²¹² Original: «soisse».

²¹³ Igreja de São Pedro, em Faro, que foi reconstruída em meados do século XVI.

«Muito alto e muito poderoso Rei e senhor nosso, a cidade da Rainha vossa avó dá infinitas graças ao sumo príncipe e Cristo nosso criador, e a Vossa Alteza, por tão grande mercê e honra como recebe hoje, com sua alegre vinda e entrada, na qual se vê dar o que arde esse real ânimo em belicosa virtude e grande exemplo e esperança para estes seus leais vassalos, que, com a vontade que serviram aos reis passados, se oferecem a servir sempre a Vossa Alteza, cuja grandeza e real humanidade os faz[em] mais esforçados, para [n]o invencível nome vosso cometerem maravilhosas empresas. Pede confirmação de seus privilégios e graças, com outras maiores mercês e reais liberalidades. Pedem mais à conta da Rainha vossa avó, haja por bem estar nesta cidade por maior espaço.»

Acabada a fala lhe entregou o Alcaide-mor as chaves e os Vereadores o receberam²¹⁴ com um pátio de damasco estrangeiro encarnado. Rui Barreto ia a pé da banda direita de El-Rei, e o Estribeiro mor da esquerda, foi por esta rua, a qual estava muito bem armada, e as janelas cheias de mulheres moças muito feias e pouco formosas, mas todavia |633| algumas havia que se sofriam. Nesta ordem chegou El-Rei a um mosteiro de freiras muito virtuosas e recolhidas, da advocação de Nossa Senhora da Assunção,²¹⁵ aqui ouviu missa, e o senhor D. Duarte com ele. Acabada [a missa], se veio para sua casa, acompanhado de todas as festas e instrumentos costumados. As casas de El-Rei eram na praça, e todo o terreiro estava embandeirado e armado de panos e guadamecis,²¹⁶ e outras alfaias desta qualidade. A cidade lhe mandou fazer uma escada de madeira para serviço das casas, mui grande e mui formosa, por as próprias serem pequenas e escuras. No terreiro o estavam esperando

²¹⁴ Original: «e os vreadores e o receberão».

²¹⁵ Convento de Nossa Senhora da Assunção, em Faro, cuja construção se iniciou nas primeiras décadas do século XVI, e foi entregue às Clarissas.

²¹⁶ Guadameci, tapeçaria de couro pintado e dourado.

toda a gente de cavalo e as companhias [de ordenança], que fizeram salva de arcabuzaria, o que também fez a fortaleza da cidade. O terreiro era grande e formoso, estava tão povoado desta e d[e] outra gente que raramente²¹⁷ se podia romper, o que durou um grande espaço.

Depois do jantar teve [El-Rei] touros, os quais viu de uma janela que lhe concertaram nas suas casas, e o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro os viram de outra. Os toureiros de cavalo foram D. Rodrigo Lobo, D. Jerónimo Lobo, o Alferes-mor, João de Castilho, a quem El-Rei parece que quis pagar o andar tantas vezes a eles a pé. Foram os touros muito mansos, pelo que houve poucas sortes. A João de Castilho tomou o touro o cavalo pelas ancas, e não se saiu bem, e em outra sorte desta qualidade perdeu o Alferes-mor a garrocha. Os touros duraram muito pouco. El-Rei se meteu em um bergantim com o Estribeiro-mor e com Rui Barreto, e foi ver a Torre das Vigias²¹⁸ e a barra, e a ilha que está no próprio rio.

Recolheu-se El-Rei de noite com tochas, e 40 mareantes o foram esperar ao desembarcar, em corpo, com suas espadas na cinta, e cada um seu círio grosso aceso na mão. E postos em ordem vieram diante dele até sua casa, aonde achou outros postos de joelhos com velas acesas na mão, e a cidade por toda aquela banda do rio tinha muitos barris de alcatrão e muitas fogueiras, e pelas janelas e portas muitas velas acesas. Houve muitos foguetes e outros artifícios de fogo, o que tudo, com a salva que a fortaleza |634| fez, parecia em extremo bem. Os Vereadores foram pedir a El-Rei pela cidade que Sua Alteza lhe fizesse mercê de querer estar nela alguns dias, El-Rei se escusou, e tornando eles a repetir, lhes disse que não era possível. Sentiram-no em extremo, porque, além de estarem mui bem apercebidos de todos os mantimentos necessários, tinham determinado jogarem canas, e os mareantes correrem patos no

²¹⁷ Isto é, 'com dificuldade'.

²¹⁸ Referência à atalaia do cabo de Santa Maria.

mar em batéis, que dizem ser boa invenção. À tarde houve alguns mascarados antes de El-Rei e uma arremedação a modo de judenga.²¹⁹

Esta cidade é da Rainha nossa senhora. Tem 1800 vizinhos, é mui bem situada e mui abastada. É alcaide-mor dela Rui Barreto. O pálio fez esmola dele o Estribeiro-mor às freiras de Nossa Senhora da Assunção.

O senhor D. Duarte neste próprio dia, depois de jantar, cavalgou e foi ver uma ermida da advocação de Santo António,²²⁰ que está fora da cidade em um sítio formosíssimo. Daí se veio correndo à cidade, ver o mosteiro de São Francisco, e foi ver o castelo.²²¹ Recolheu-se já tarde, e à noite estiveram²²² com ele D. Martinho Pereira e D. Álvaro de Castro.

31 de janeiro – Faro / Tavira

Sábado, 31 dias de janeiro, esteve El-Rei ouvindo missa na ermida de Santo António, que é a própria de que já disse, o senhor D. Duarte a ouviu com ele, e em um campo que está pegado à ermida o estava esperando Rui Barreto, a pé, com todas as bandeiras de ordenança em boa ordem, cada uma por si, e com toda a gente de cavalo. À chegada de El-Rei não houve salva, pelo ele assim mandar, e tanto que se começou a missa, se veio Rui Barreto outra vez a esperar El-Rei no terreiro das suas casas, com toda a gente da ordenança em um esquadrão, e pelas ilhargas do esquadrão, da banda de fora, trazia berços em carretas, as quais traziam e guardavam homens com espadas e rodelas. Nesta ordem esperaram a El-Rei.

²¹⁹ Judenga, espécie de dança cerimonial.

²²⁰ Ermida de Santo António do Alto, construída nos arredores da cidade no século XV.

²²¹ Castelo e muralhas de Faro, sucessivamente consolidados a partir de meados do século XIII.

²²² Original: «esteue».

El-Rei, acabada a missa, veio ver o mosteiro das freiras de Nossa Senhora da Assunção, entrou dentro no mosteiro e andou vendo-o todo, e daí se veio a casa almoçar. E às 10 horas partiu para a cidade de Tavira pela posta, que são cinco léguas de jornada. Acompanhou-o o senhor D. Duarte e o Duque d[e] Aveiro, |635| e todos os fidalgos que quiseram correr, que foram muitos. Correu quatro léguas até chegar a uma igreja da advocação de Nossa Senhora da Luz,²²³ uma légua de Tavira, onde da cidade o esperavam a gente de cavalo, e seriam 100, mui bem concertados, e muitos deles à mourisca, e todos com suas lanças e adargas, e sete bandeiras de ordenança, as quais, antes de chegar El-Rei um pedaço, fizeram sua salva muito bem feita.

Mais perto da cidade o receberam três danças de homens. Nesta forma chegou à cidade, na entrada da qual lhe tinham feito um arco de madeira mui grande e formoso, a modo de porta, e concertado de panos de seda, e algumas figuras de vulto nele. Aqui lhe fez o Prior a fala que se segue:

«Muito alto e poderoso Rei, e senhor nosso. Considerando esta sempre leal cidade de Tavira a nobilíssima natureza, alteza e majestade de seu real estado, receava oferecer este nada das grandes honras, louvores e serviços que Vossa Alteza nesta hora lhe merece e em se lembrar dela, e a visitar em sua pessoa e presença real. Porém, entendendo que juntamente com ser rei da terra e ministro daquele supremo Imperador dos céus, pelo qual todos os reis do mundo reinam e imitam em segui-lo como a seu superior na condição, que é contentar-se com pouco ainda que os homens lhe devam muito, contentar-se Deus com um suspiro da alma, uma lágrima do coração, um *tibi soli peccavi*, e sendo Vossa Alteza este, imitando este senhor na condição, confiando que ainda que ela a Vossa Alteza deva muito, se contentará com pouco, se atreveu nestas breves palavras, e com este pouco que cá no

²²³ Igreja de Nossa Senhora da Luz, em Tavira, construída em princípios do século XVI.

exterior lhe oferece, mostrar-lhe o grande amor, desejo e vontade que no interior de seu coração tem de o servir e amá-lo, não somente como a rei e senhor, mas como a pai benigno, piedoso, misericordioso, que é seu. O que tudo vem daquele mui alto Deus, que privilegiou a Vossa Alteza sobre todos os reis do mundo, porque os outros o mundo os elege e ergue por reis, e a Vossa Alteza Deus o escolheu e ergueu por rei destes reinos e senhorios de Portugal antes que nascesse. E se algum rei se pode chamar ‘rei por graça de Deus’, Vossa Alteza o é, porque os mais reis são gerados e nascidos do ventre das mães, e Vossa Alteza, além disso, foi ge- |636| rado e nascido do ventre dos merecimentos das muitas lágrimas, suspiros, orações, sacrifícios que seus povos ofereceram a Deus na hora de seu nascimento. Isto bem declaradamente se vê em Vossa Alteza ser dotado por graça divina de tão altas e excelentes virtudes, de tanta cristandade, de tanta prudência, justiça, ânimo – prudência das maiores virtudes, que seria grande atrevimento meu cuidar que as posso dizer – com que governa seus povos na tranquilidade, quietação e posse em que os tem e sustenta. Isto os obriga a lhe ser[em] mais leais, a o amar, obedecer e servir de coração sobre todos os mais reis do mundo, e obrigou a Tavira e seus moradores [a serem] os primeiros que malbarataram suas fazendas por acudirem ao socorro, arriscando suas pessoas, em que muitos perderam suas vidas em serviço de Vossa Alteza e sustentação de seu real estado, e outros muitos serviços que lhe têm feito que não digo, por o tempo me não dar lugar. E, pois, Tavira é esta e merece o título de ‘sempre leal’, não desmerece a Vossa Alteza erguer seus olhos misericordiosos e pô-los nela, para que veja as quebras, faltas, ruínas e perdição que nela vai, que é tanta que não enxergará Vossa Alteza nela mais que a pintura, obra e figura do que antes foi; não achará mais que ser um corpo morto sem alma, nem espírito, nem sentido, se com a sua presença real não a tornar a ressuscitar e cobrar o que tem perdido. Porque, vendo estas misérias, necessariamente as deve remediar,

pois tudo redunda em glória de Deus e serviço seu, usando com ela de sua real liberalidade, dando-lhe os favores, fazendo-lhe as mercês, outorgando-lhe as liberdades que ela de Vossa Alteza espera, com obrigação de sempre rogar a Deus pelo aumento de sua vida e real estado, e lhe pedir que o faça o maior rei e imperador do mundo, e depois herdeiro de sua glória, bem-aventurança e o céu.»

El-Rei mandou a Cristóvão de Távora que servisse de alcaide-mor, por ser Martim Correia da Silva,²²⁴ cuja alcaidaria-mor é, absente.²²⁵ Acabada a fala, entregou as chaves da cidade a El-Rei, e os Vereadores o receberam em um pátio de damasco branco e damas- |637| co carmesim, e trouxeram a El-Rei na forma costumada por uma rua muito comprida e muito formosa, e bem provida de móvel. E às janelas muitas mulheres moças, que na formosura faziam pouca vantagem às de Lagos, e algumas se desvelavam em deitar a El-Rei e aos circunstantes água de cheiro, e a rua estava tão cheia de gente, assim da terra como de castelhanos que vieram ver a El-Rei de Aiamonte, que não havia poder romper.

À entrada da praça estava outro arco formoso e bem concertado, e nele a figura de deus Marte, armado com uma espada nua na mão. Nesta forma foi El-Rei até à Igreja Matriz,²²⁶ e feita oração se veio a sua casa. O castelo da cidade estava todo embandeirado, e o mesmo em algumas outras partes da cidade.²²⁷ El-Rei se deteve pouco em sua casa, cavalgou,

²²⁴ Martim Correia da Silva (?-1582), que foi alcaide de Tavira entre 1561 e a data da sua morte.

²²⁵ O mesmo que 'ausente'.

²²⁶ Igreja de Santa Maria do Castelo, cuja construção data da segunda metade do século XIII.

²²⁷ Castelo e muralhas de Tavira, que foram sendo construídos a partir de meados do século XIII.

andou vendo a cidade, foi a um mosteiro de freiras da Ordem de São Francisco.²²⁸ Era tarde, se recolheu.

O senhor D. Duarte foi pelo rio abaixo em um batel ver o sítio da fortaleza que se ora faz, e viu outra que está feita de torr[e]ões e tem alguma artilharia para guarda do rio. Também se recolheu tarde. E à noite houve por todas as portas e janelas que têm a vista para aquela banda muitas luminárias de diferentes invenções, que faziam a cidade assaz formosa, e pegado com as casas de El-Rei, [em] um formoso terreiro, muitos barris de alcatrão acesos postos por ordem, e houve muitos foguetes e rodas de fogo.

1 de fevereiro – Tavira

Domingo, 1²²⁹ de fevereiro, ouviu El-Rei missa na cidade de Tavira, em uma ermida da advocação de Nossa Senhora do Loreto,²³⁰ que está nas próprias casas em que El-Rei pousou. O senhor D. Duarte a ouviu com ele. A missa acabada, se foi jantar, e enquanto durou a mesa, houve violas de arco e dulçainas, que tangeram enquanto comeu.

Depois de jantar lhe fizeram a festa seguinte. Edificaram no meio do rio, defronte das casas de El-Rei, um castelo de madeira sobre duas barcas pescareas, o qual estava armado assim de homens vestidos |638| a modo de mouros, como de arcabuzaria em laranjas²³¹ e muito embandeirado. Este castelo vinha combater uma armada de cristãos de seis bergantins, equipados e armados das armas necessárias. Esta armada mandou diante um esquife com uma embaixada do Capitão-mor aos do castelo, a qual era que dizia o senhor daquela armada que eles se quisessem logo entregar, e que lhe faria mercê das vidas e liberdade, ao

²²⁸ Convento de São Francisco, em Tavira, atualmente em ruínas.

²²⁹ Original: «4».

²³⁰ Ermida do Loreto, edificada no século XVI, e que já não existe.

²³¹ Ou seja, as laranjas eram utilizadas como projéteis.

que repugnando fossem certos que haviam de ser destruídos e mortos a ferro e a fogo. Os do castelo deram por resposta aos do esquife muitas laranjadas, e dispararam sua artilharia, digo arcabuzaria, e dois berços que no castelo havia, e com grandes gritas apunharam, prometendo morrer antes que entregar-se. A armada estava prestes, e tanto que entendeu o desenho²³² do castelo, arremeteu com grande fúria, uns por uma parte e outros por outra, e com grandes gritas, assim os da armada como os do castelo, se começaram a servir de laranjadas. Este combate durou um pedaço, e dando a entender que a força do castelo o fazia, se arredaram e tornaram a arremeter com grande ímpeto. Deste derradeiro combate se entrou o castelo, e todos os de dentro foram presos, e os trouxeram atados em uma corda a apresentar a El-Rei, que os não quis ver. Desta maneira se acabou a festa, que foi a mais sem sabor coisa que podia ser.

Acabada esta festa, foi El-Rei pelo rio abaixo em um bergantim ver a fortaleza que se faz, e em outro barco mandou ir as charamelas. E porque fazia grande [vendavall],²³³ se tornou logo, e porque chovia. O senhor D. Duarte foi pelo rio acima em um bergantim com música, ver os pomares da cidade, e porque lhe choveu também, se veio logo para sua casa.

2 de fevereiro – Tavira

Segunda-feira, 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias, ouviu El-Rei missa na cidade, em um mosteiro de São Francisco, o senhor D. Duarte a ouviu com ele. Houve procissão pela clastra do mosteiro, em a qual |639| El-Rei andou com um círio grande aceso na mão, e o senhor D. Duarte com outro. Acabada a procissão e a missa, se veio para sua casa jantar, e à mesa teve a própria música.

²³² Ou seja, o 'desígnio'.

²³³ Espaço em branco no manuscrito, reconstituído hipoteticamente.

O dia atrás à tarde lhe correram touros, que foi de umas casas que para isso lhe tinham prestes em lugar acomodado, nas quais lhe concertaram duas janelas, uma de que os viu, e outra o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro. Os toureiros de cavalo foram o Alferes-mor, D. João de Castro, Cristóvão de Távora, D. Martinho de Sousa, João de Castilho. Os touros foram muito mansos, um só houve que tinha mostras de bravo. A este fizeram²³⁴ Cristóvão de Távora e o Alferes-mor algumas sortes boas e más, mas durou pouco, porque indo a uma, lhe pôs um moço de monte uma chuça diante, a qual o touro a meteu por si uma grande parte, e ficou tão fraco disto, e deitou tanto sangue, que ainda que tinha ânimo para arremeter, a fraqueza lho impedia. El-Rei sentiu muito matarem este touro, mandou prender ao homem, o qual se acolheu, e prenderam outro moço do monte que estava com ele.

Os touros acabados, embarcou-se El-Rei em um bergantim, e foi-se pelo rio abaixo até à barra. Andou lá um pedaço, e recolhido outra vez a casa, pôs-se a cavalo e andou um pedaço passeando fora da cidade, acompanhado de D. Álvaro de Castro e do seu Estribeiro-mor. O senhor D. Duarte foi depois de El-Rei em um barco pelo rio acima até uns pomares, tirando com a espingarda, e recolhido, esteve com alguns fidalgos da terra que o vieram visitar.

Tavira tem [normalmente] 3500 vizinhos; porque ora está muito despovoada, não tem mais que 1500. É alcaide-mor e capitão-mor desta cidade Martim Correia da Silva. Do pátio com que receberam nesta cidade a El-Rei, fez o Estribeiro-mor esmola às freiras. El-Rei, enfadado de algumas léguas que achou grandes neste caminho, mandou daqui provisões a Lagos, ao Corregedor da comarca, que mandasse medir as léguas e as fizesse de [640] 6000 paços cada uma, e em cada uma pusesse seu padrão, e o mesmo dizem que mandou fazer por todo o reino.

²³⁴ Original: «fez».

3 de fevereiro – Tavira / Castro Marim / Santo António

Terça-feira, 3 de fevereiro, ouviu El-Rei missa em Tavira, em Nossa Senhora do Loreto. O senhor D. Duarte a ouviu com ele. Partiu às 7 horas pela posta para Castro Marim, que são quatro léguas de jornada, deixou a estrada e veio ao longo da praia ver uma fortaleza que está pegada com o mar, duas léguas de Tavira, e chama-se esta fortaleza Cacela.²³⁵ A vila é de D. Rodrigo de Meneses.²³⁶ Desceu-se El-Rei e andou-a correndo toda a pé, e o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro e os fidalgos.

Tornou-se [El-Rei a] pôr a cavalo e correu até Castro Marim. Fora da vila [o] receberam dez ou 12 de cavalo, e duas bandeiras de ordenança, as quais passando El-Rei fizeram salva. À porta da vila o recebeu António de Melo, alcaide-mor dela,²³⁷ e os Vereadores, acompanhado[s] de tudo acima dito, e foi até às suas casas, que eram no castelo.²³⁸ De Aiamonte²³⁹ vieram muitos castelhanos e castelhanas formosas ver a El-Rei, entre os quais veio um volteador, que andou aí no terreiro pegado com as casas de El-Rei fazendo seu ofício um grande pedaço. O senhor D. Duarte, depois de deixar El-Rei em sua casa, saiu fora da vila a pé e andou um pedaço fazendo exercício.

El-Rei, depois de jantar, se embarcou em um bergantim que de Faro mandou vir com o senhor D. Duarte, e com o Duque de Aveiro e alguns fidalgos e os mais, em barcos que também vieram de Faro e de Tavira,

²³⁵ A fortaleza de Cacela sofreu obras de reabilitação em meados do século XVI.

²³⁶ Nada de especial se consegue apurar sobre D. Rodrigo de Meneses (?-?), que era vedor da rainha D. Catarina e comendador de Cacela.

²³⁷ Talvez este nome resulte de um lapso, pois mais adiante João Cascão refere um António de Melo, alcaide-mor de Elvas.

²³⁸ Castelo de Castro Marim, que desde o século XIII foi sendo regularmente fortificado e reabilitado.

²³⁹ Ayamonte, localidade espanhola junto à foz do rio Guadiana.

foi ver a barra e um lugar pequeno que está à entrada dela e defronte de Aiamonte que chamam Santo António,²⁴⁰ o qual será de 15 ou 16 vizinhos, e é senhor dele Luís Leite. Ao meio do rio o vieram esperar 11 bergantins de Aiamonte, por mando da Marquesa,²⁴¹ todos muito bem equipados e muito bem concertados, assim de bandeiras grandes e pequenas como das mais coisas necessárias.

Entre os 11 [bergantins] vinha um que no concerto fazia muita vantagem aos outros, este mandava a Marquesa a |641| El-Rei para se embarcar nele, trazia por toldo um dossel riquíssimo de brocado e veludo de diversas cores, carmesim, verde e branco. Tinha o dossel em roda uma riquíssima e larga bordadura d[e] ouro, era borlado com ramos formosíssimos, as corrediças de damasco verde com rendas e franjas de prata, e no lugar das costas, as armas do Marquês, mui bem tiradas de ouro [d]e martelo em campo vermelho; e dois esteios que o dossel tinha por diante, um [estava] coberto de veludo vermelho com rendas de ouro, e o outro de veludo verde com rendas de prata, e a popa muito bem alcatifada; e nos assentos de uma banda [tinha] um pano de veludo carmesim grande, e da outra [banda], outro de veludo verde, e uma cadeira de veludo vermelho com a cravação dourada, franjas de ouro e duas almofadas de brocado; e na popa, duas caçoulas em braseiros de prata, de tão suavíssimo cheiro que em uma grão parte do rio recendia, e pelas bandas de fora pivetes grossos, acesos em uns castiçais de prata, a modo de gaiola.

Neste bergantim não vinha mais gente que os que remavam, e um homem que tinha cuidado de o consertar, e o Corregedor de Aiamonte, o qual, chegando o bergantim ao de El-Rei, lho ofereceu com os mais, e

²⁴⁰ Santo António de Arenilha, antiga vila fundada na foz do rio Guadiana em inícios do século XVI.

²⁴¹ À época, o marquês de Aiamonte era Antonio de Zúñiga Guzmán y Sotomayor (c.1524-1583), governador de Milão, que era casado com Ana Fernández de Córdoba (?-?), também designada como Ana Pacheco de Córdoba y la Cerda.

com um recado mavioso da parte da Marquesa. El-Rei lho agradeceu muito, e a gente fez uma salva mui grande de gritos por não trazerem mais armas que as línguas, e a fortaleza de Aiamonte²⁴² disparou toda a artilharia. O Corregedor de Aiamonte, que é um homem fidalgo e velho, andou sempre com este bergantim pegado ao de El-Rei, e sempre com o barrete na mão, sem nunca o pôr na cabeça à ida nem à vinda.

Ao embarcar El-Rei em Castro Marim, lhe beijaram a mão os frades castelhanos do mosteiro de São Francisco que há em Aiamonte,²⁴³ estes o seguiram sempre pelo rio, em um batel, com os hábitos na cinta. Também o seguiram muitas mulheres moças castelhanas, que também embarcaram em Castro Marim, as quais levantavam também as vas-
|642| quinhas, que não eram de burel, e ficavam em calças e jubão, e desejosas de ver El-Rei se chegaram ao seu batel e lhe pediram que mandasse correr a cortina, que o queriam ver, o que El-Rei fez.

Chegou a Santo António, viu do bergantim, e também viu a barra, e veio correndo Aiamonte todo ao longo das casas, que é muito comprido, e chegou-se tão [ao] longo das casas com o bergantim que o conheciam mui bem da terra, e acudiu à praia toda a gente de Aiamonte, e às janelas e eirados de sobre o rio, muitas e mui formosas [mulheres]. O rio era coalhado de batéis e bergantins, e com as gritas que havia e disparar d[e] artilharia da fortaleza, que o fez duas vezes, e o repicar dos sinos de Aiamonte, não havia quem se entendesse, e era coisa muito para ver.

El-Rei se veio nesta ordem para sua casa, e desembarcando lhe foi o Corregedor de Aiamonte para beijar a mão, mas não lha deu, e fez-lhe muito gasalhado, e o Corregedor lhe deu então outro recado da Marquesa, oferecendo-lhe casa e vassalos ao serviço de El-Rei. Ele deu-lhe um recado mui grande para a Marquesa. O Corregedor se ofereceu

²⁴² O castelo de Nuestra Señora de los Favores, em Aiamonte.

²⁴³ Antigo convento franciscano, construído em inícios do século XVI, correspondente à atual Igreja de San Francisco.

para o acompanhar até Alcoutim, como lhe mandava a Marquesa, e querendo ir mais por diante com El-Rei, [este] lhe disse que se fosse embora, pois o havia de acompanhar ao outro dia.

Não houve pessoa da Corte que não fosse ver este lugar de Castela, quer fidalgo, quer de outra qualidade, e também não ficou nenhum dos que lá foram que não fossem mui bem servidos de laranjadas e caldeiradas de água de farelos, por ser dia de Entrudo, e eles haviam tudo por bem-vindo, por vir de soberanas mãos. Eram todas as que andavam neste ofício moças, e muito formosas, sem terem ajuda de velhas, nem de homens, devia de estar assim ordenado. Houve alguns cortesãos grosseiros que lhe quiseram pagar na própria moeda, a que elas resistiam cavalheirosamente, e muito confiadas saíam algumas à rua a eles, com as armas já ditas. Estas senhoras são muito confiadas, porque sofriam muito bem tudo o que se lhes dizia, e respondiam a propósito, e tão confiados são seus parentes e ir- |643| mãos que as ouviam e os ouviam sem lhes dar disso nada. A festa durara muito mais do que durou, se a noite não sobreviera, o que fez aos portugueses muito tristes, os quais desejavam que durasse o dia eternamente, e eles o mesmo desejavam.

Esta vila de Aiamonte é do Marquês deste apelido, ele não estava agora aqui, está na Corte de el-rei Felipe,²⁴⁴ é chegado de pouco de França, aonde foi visitar a El-Rei da vitória que houve dos luteranos.²⁴⁵ A Marquesa não estava em Aiamonte, está em outra vila sua que chamam Lepe. Castro Marim está tão perto de Aiamonte como já disse, é todo cercado de muro, tem 250 vizinhos, uma grande parte deles da vila estão degradados. El-Rei perdoou a muitos, e a outros que viviam em

²⁴⁴ Referência ao rei Felipe II de Espanha (r.1554-1598), que a partir de 1581 reinaria também em Portugal.

²⁴⁵ Referência ao rei Carlos IX de França (r.1560-1574) e às campanhas de repressão dos huguenotes, que culminaram no massacre de São Bartolomeu, em agosto de 1572.

Aiamonte, e aos presos mandou soltar, como faz em muitos ou em todos os lugares em que entra.

4 de fevereiro – Castro Marim / Alcoutim

Quarta-feira de Cinzas, 4 de fevereiro, esteve El-Rei ao ofício²⁴⁶ em Castro Marim e o senhor D. Duarte com ele, e estando na cortina, arremeteu uma castelhana e tomou-lhe a mão para lha beijar, e El-Rei tirou muito rijo por ela, mas não lha quis largar, até que por força lha beijou. El-Rei se viu em grande afronta. Jantou em Castro Marim, e partiu para Almeirim, digo, Alcoutim, que são seis léguas pelo rio acima, às 10 horas dadas. As ruas por onde se foi embarcar estavam cheias de castelhanos. No porto estava o Corregedor de Aiamonte com o bergantim concertado, e com os mais prestes para o serviço de El-Rei, que lhe quebrou o fio a seu gosto, com se meter no bergantim de Faro²⁴⁷ e despedir o Corregedor. O que ele e os mais castelhanos sentiram em extremo, porém, mandou todos os bergantins, e o principal desconcertado, que foram até Mértola acompanhando a El-Rei, e para os fidalgos do senhor D. Duarte mandou dar um dos melhores, que no caminho deu cabo²⁴⁸ ao bergantim em que El-Rei vinha.

Nesta ordem vinha El-Rei pelo rio abaixo, e meia légua de Alcoutim lhe saíram três barcos de homiziados que andavam da banda de Castela, que eram 70 e tantos. Estes, chegando a El-Rei, |644|, cruzaram as mãos e se abaixaram todos, e pediram com grandes gritos misericórdia. El-Rei mandou logo a Alcoutim, ao Corregedor, que falasse com eles e tomasse suas petições, o que fez, e livremente perdoou a 45 e aos mais deixou ir livremente outra vez para Castela. E fez El-Rei neste caso uma obra sua, porque vindo-se estes homens meter em Alcoutim sem seguro, perdoou a uns e a outros deixou ir livremente, assinando-lhes tempo em que

²⁴⁶ Isto é, 'na missa'.

²⁴⁷ Original: «Farão».

²⁴⁸ Isto é, 'rebocou'.

viesses a Évora com suas petições, por serem os casos destes mais graves, e que era necessário estar devagar. Os casos de que foram perdoados são os seguintes: por passadores de gados, por resistências e por ajudarem a tirar presos de cadeias, e alguns por morte de homens.

Diverti-me nesta história, ainda que El-Rei não tinha chegado a Alcoutim, por não tratar dela muitas vezes. E tornando à ordem de Alcoutim, [saíram] a receber El-Rei, em um bergantim equipado e em outros barcos, duas bandeiras de ordenança, as quais chegando-se a El-Rei fizeram salva d[e] arcabuzaria, e pelo caminho até Alcoutim a vieram disparando. Desembarcou El-Rei, e na praia o recebeu e lhe beijou a mão o Conde d[e] Alcoutim,²⁴⁹ que é um menino de muito pouca idade, e o receberam outras três bandeiras de ordenança, e os Vereadores da vila.

O senhor D. Duarte, deixando El-Rei nas casas do Marquês²⁵⁰ em que estava aposentado, e são bem pequenas, foi logo visitar a Marquesa, a qual achou em umas casas térreas e ruins, e não muito armadas. Estava prestes uma cadeira de veludo roxo com a cravação dourada, que a Marquesa mandara fazer a Aiamonte para se assentar o senhor D. Duarte, com outra de El-Rei da mesma sorte. O senhor D. Duarte se não serviu dela, esteve em almofadas assentado com a Marquesa, e depois de passadas as palavras e as cortesias que em tal auto se costumam, se despediu, e à porta achou o Duque de Aveiro, que também vinha visitar a Marquesa, a qual em toda sua casa tinha dó por D. Afonso de Noronha,²⁵¹ tio do Marquês, pelo que não particu- |645| larizo o modo de que estava vestida.

²⁴⁹ D. Miguel Luís de Meneses (c.1565-1637), 5º conde de Alcoutim e 8º marquês de Vila Real, que mais tarde (1620) seria 1º duque de Caminha.

²⁵⁰ D. Manuel de Meneses de Noronha (c.1530-?), 4º conde de Alcoutim e 5º marquês de Vila Real, que era casado com D. Maria da Silva (?-?).

²⁵¹ D. Afonso de Noronha, anteriormente referido.

El-Rei foi também visitar a Marquesa, ela o esperou à porta, e posta de joelhos lhe quis beijar a mão, ele a afastou e o mesmo fez ao capote que a Marquesa quisera tomar. Foi El-Rei diante e assentou-se na cadeira e mandou vir uma almofada para a Marquesa, em que se assentou fora do estrado. Estando com ela, lhe perguntou como estava e o Marquês, a Marquesa pôs o joelho no chão e lhe beijou o capote. El-Rei logo em entrando mandou cobrir o Conde de Alcoutim, que o acompanhou à ida e à vinda em corpo. Esteve El-Rei muito pouco, e ido, mandou a Marquesa ao Duque de Aveiro 12 sáveis e duas lampreias, alguns linguados e empadas. Com este presente foram oito criados da Marquesa, e da segunda vez com iguarias doces, todas em pratos grandes. D. Pedro Diniz foi também visitar a Marquesa, e muitos outros fidalgos.

O senhor D. Duarte, depois de visitar a Marquesa, se foi fora da vila, e sobre o rio esteve ouvindo música. Alcoutim é de 250 vizinhos. Tem defronte um lugar de Castela a que chamam Sanlúcar,²⁵² e também é de 250 vizinhos, e toda a mais gente que nele vive são portugueses homiziados, e não há mais distância de um lugar a outro que a largueza do rio. Também a este lugar foram muitos cortesãos.

5 de fevereiro – Alcoutim / Mértola

Quinta-feira, 5 de fevereiro, ouviu El-Rei missa em Alcoutim. O senhor D. Duarte o acompanhou da igreja²⁵³ até sua casa e ouviu missa por outra via. A Marquesa mandou a El-Rei um serviço de coisas doces, em porcelanas grandes, e as iguarias foram pastéis de ovos e marmelos, tijelas de leite, beilhós,²⁵⁴ arroz de leite, ovos mexidos, e outras talhadas de ovos cobertos, de tudo El-Rei comeu arrazoadamente. Jantou El-Rei em Alcoutim e às 11 horas partiu para Mértola.

²⁵² A localidade espanhola de Sanlúcar de Guadiana.

²⁵³ Provável referência à Igreja Matriz de Alcoutim, construída no século XIV e renovada na segunda metade do século XVI.

²⁵⁴ Bolo frito de abóbora, farinha e açúcar, por vezes também com castanha.

[El-Rei] embarcou no bergantim da Marquesa de Aiamonte, que já estava desconcertado, e ele esperou um pouco por D. Pedro Diniz, com quem queria ir jogando à primeira. |646| O senhor D. Duarte embarcou com ele e o Duque de Aveiro e o Conde do Vimioso [também], e com alguns deles veio El-Rei jogando pelo rio acima. Antes de chegar a Mértola um pedaço, o vieram receber por terra quatro bandeiras de ordenança, duas de uma parte do rio e duas da outra parte, e todas fizeram salva d[e] arcabuzaria. El-Rei passou por Mértola e foi ver o lugar aonde pescam os solhos. E tornando-se para a vila, o receberam sete bandeiras de ordenança, afora as duas que ficaram da banda d[e] além do rio, que eram do termo daquela parte, e o receberam os Vereadores ao desembarcar. E pôs-se El-Rei a cavalo, acompanhado do senhor D. Duarte e do Duque de Aveiro e de alguns fidalgos, foi até sua casa. O senhor D. Duarte, depois de o deixar na sua, foi ver o castelo²⁵⁵ e a igreja.²⁵⁶ Esta vila terá 400 vizinhos, é alcaide-mor dela o corregedor D. Fernão Martins.²⁵⁷

6 de fevereiro – Mértola / Serpa

Sexta-feira, 6 de fevereiro, ouviu El-Rei missa em Mértola, às 6 horas, o senhor D. Duarte a ouviu com ele. Soube, vindo da igreja, que havia na vila touros, e mandou que os tivessem prestes, os quais estavam da banda de além do rio. Passou El-Rei em um bergantim, indo já de caminho para Serpa. Viu os touros num cerrado que ali havia, mandou sair a eles seu moço de câmara, que lhe[s] fez algumas sortes, e depois entrou ele, e o senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro e alguns fidalgos, até se vir

²⁵⁵ O castelo de Mértola foi construído em finais do século XIII, sofrendo depois sucessivas renovações.

²⁵⁶ Igreja de Nossa Senhora da Anunciação, que no século XVI foi renovada.

²⁵⁷ Nada de especial se consegue apurar sobre este personagem.

corromper a festa e entrar também Lopo Roiz, ainda que os touros não tinham os cornos serrados.

Deixou El-Rei esta festa e partiu para Serpa, que são sete léguas grandes e de ruim caminho. Duas léguas antes de chegar a Serpa, desceu El-Rei em um vale e esteve um pedaço grande descansando. O Duque de Aveiro, estando no caminho a cavalo consoando com alguns fidalgos que comem à sua mesa, lhe caiu o chapéu no chão, e D. Francisco de Portugal mandou seu filho D. João, que traz a mala de El-Rei, que descesse e tomasse o chapéu e o beijasse, e o desse ao Duque d[e] Aveiro, o que ele fez, e o Duque de Aveiro o recebeu com as suas cortesias costumadas.

[647] El-Rei se pôs a cavalo, e antes de chegar a Serpa meia légua, o receberam 92 homens de cavalo, de capas e espadas, e a ordenança de sete bandeiras, e à porta da vila estava um arco de madeira, por onde havia de entrar, bem concertado com um vulto de São Sebastião em cima, e no arco uns versos em latim, que adiante se escreverão.²⁵⁸ A porta estava armada de tapeçaria, e nela feito um púlpito de madeira em que se lhe houvera de fazer a fala, que não houve efeito, pelo que direi, e irá fora da história escrita. Nesta porta o receberam os Vereadores em um pálio de damasco branco. El-Rei se deteve, parecendo-lhe pelas insígnias que havia fala, e o seu Porteiro-mor, e Alcaide-mor, se chegou a ele e lhe disse que não havia fala, porque o homem que estava para a fazer esmorecera, não se atrevendo a fazê-la. O Alcaide-mor lhe entregou as chaves da vila e o acompanhou a pé na forma costumada.

Receberam a El-Rei com pálio em Serpa, sendo vila e não notável, foi mercê particular que El-Rei quis fazer a João de Melo e a D. Martinho Pereira e a Manuel Quaresma, que são naturais desta vila. Isto diziam os

²⁵⁸ Os versos referidos não voltarão a ser mencionados por João Cascão, talvez por lapso.

praguentos, e também diziam que soltaram alguns presos que tinham partes.

El-Rei foi levado por uma rua mui comprida e toda armada, e com algumas moças bem-parecidas, até ao castelo,²⁵⁹ onde estava aposentado, acompanhado de tudo acima dito. E com mais cinco danças, três de mulheres moças e muito feias, duas de homens, e duas pélas. Aqui achou El-Rei recado da Rainha. Serpa é de 1300 vizinhos. À noite, no castelo desta vila, [havia] muitas luminárias. O pátio deu-o o Estribeiro-mor ao Porteiro-mor, para o Santíssimo Sacramento.

7 de fevereiro – Serpa / Moura

Sábado, 7 de fevereiro, ouviu El-Rei missa em Serpa, o senhor D. Duarte [648] a ouviu com ele. Depois de jantar lhe correram touros, andou a eles, e o senhor D. Duarte e o Conde do Vimioso e Cristóvão de Távora e o Alferes-mor e D. Pedro de Meneses. Houve dois touros muito arrazoados a que todos fizeram sortes, e a que de mais gosto houve, assim em El-Rei como em todos, foi uma que fez um moço da estribeira do senhor D. Duarte, que tomando-o o touro lhe rompeu com um corno uma algibeira²⁶⁰ que trazia bem provida de cartas de jogar e de tentos,²⁶¹ e algum dinheiro, e lhe espalhou tudo pelo corro. Fica a história sendo mais formosa a quem souber a inclinação que este homem tem a este exercício de cartas, e bem se enxergou nele ser-lhe afeiçoado, porque muito devagar as tornou a apanhar todas.

Um homem velho, por festejar a El-Rei, fez algumas sortes ao touro pesadamente, como velho, e El-Rei, por sua idade não ser para andar no corro, houve que estava bêbado, e depois que soube que era querer-lhe

²⁵⁹ Castelo de Serpa, fundado no século XII, que depois conheceu sucessivas renovações.

²⁶⁰ Original: «aliubeira».

²⁶¹ Tinto, peça usada para marcar pontos num jogo.

fazer festa, fez-lhe mercê de uns ofícios que tinha para um filho seu. Os touros acabados, partiu [El-Rei] entre as 2 e as 3 [horas] para Moura pela posta, com o senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro e todos os fidalgos que quiseram correr, que são quatro léguas de jornada. Chegou El-Rei a uma fonte e esteve bebendo por um chapéu de tafetá do filho do Conde do Vimioso, e mataram um adem²⁶² em uma alagoa às coladas,²⁶³ a qual, com medo do falcão que lhe tinha dado uma pancada, se veio ali meter. No caminho, vindo correndo a posta, caiu o cavalo com D. Rodrigo Lobo e o tratou muito mal, e de Moura mandou El-Rei que se fosse para Évora. D. Álvaro, filho do Conde do Vimioso, deu outra queda, mas não fez nada.

Um pedaço fora de Moura o veio receber o alcaide-mor Rui Teles de Meneses,²⁶⁴ com 100 de cavalo, de capas e espadas, e com 11 bandeiras de ordenança. E chegando à vila o receberam [com] danças, uma de homens e outra de moços, e à entrada da vila de Moura estava |649| um púlpito de madeira com um pano de seda por cima, em que lhe fez o Prior de São João,²⁶⁵ com seu capelo de mestre em Artes,²⁶⁶ de veludo azul forrado de branco, como teólogo, a fala que se segue.

«Muito alto e muito poderoso Rei e senhor nosso, gloriem-se os reinos de toda a Europa, jactem-se os reinos de todas as mais nações da esfera terrena, por serem reis com título de altos e poderosos, mas glorie-se a felicíssima e cristianíssima Lusitânia, por ter Rei a que se deve outro mais alto e eminente título, porque restituindo a Vossa Alteza o que nesta parte lhe é devido,

²⁶² O mesmo que 'pato-real'.

²⁶³ Esta palavra não registada nos dicionários talvez resulte de algum lapso do copista.

²⁶⁴ Nada de especial se consegue apurar sobre Rui Teles de Meneses (c.1520-?), que era filho de Brás Teles de Meneses (c.1485-?), que também fora alcaide-mor de Moura, além de camareiro-mor do infante D. Luís (1506-1555), irmão de el-rei D. João III.

²⁶⁵ O autor da oração foi Francisco Martins Monteiro (?-?), vigário-geral do arcebispado de Évora.

²⁶⁶ Original: «Mestre em Cortes», decerto lapso do copista.

acrescentando digo, miraculoso Rei e senhor nosso, e filho das lágrimas de vosso povo, não com menos lágrimas a Deus pedido que com grandíssima alegria dele impetrado. Os antigos egípcios, que em lugar de letras usavam de figuras, quando queriam significar a Deus, pintavam um cetro direito e levantado com um olho em cima, dando a entender por esta figura ser Deus justo e ver tudo. Na Sagrada Escritura, os reis se chamam deuses, não por natureza, mas por imitação. Para Vossa Alteza ser semelhante a Deus que os do Egito pintavam com cetro e olho, tem necessidade de ter o cetro de justiça direito, guardando-a em tudo a todos, como realmente o faz, e feito o 1º, ficavam o 2º, que é o olho para ver aos seus e a seu reino, como agora vê. E com estas duas partes fica Vossa Alteza na imitação semelhante a Deus. Grande dom e privilégio fora para esta Moura cristã e leal conceder-lhe a natureza que pudessem seus moradores mostrar a Vossa Alteza os corações abertos, ou Vossa Alteza conhecer em todos a suprema alegria que com vossa vinda de dentro das entranhas lhe arrebenta e sai ao exterior, como se mostra pelos sinais d[e] alegria e festas a que a brevidade do tempo pôs taxa. Comum é a todas as nações festejar a entrada de seus reis em suas terras, mas nisto tem a palma a Lusitânia, porque os outros fazem festas com as al- |650| faias de sua fazenda, porem nós com as fazendas e com os corações, que é a melhor alfaia com que servimos Vossa Alteza. Pelo que as outras nações fazem a seus reis festas simples, mas nós a Vossa Alteza duplas. Entre os povos deste reino que mais de coração serviram e servem a Coroa real, é este povo, o qual não somente foi leal, mas mostrou grande esforço de ânimo nas guerras dos reinos vizinhos, e com muita alegria os maiores dele tingem de seu próprio sangue esses largos campos de África, Índia e Mar Oceano, por serviço de Vossa Alteza e aumento do reino, para vos servir nascemos. Será, pois, felicíssima vinda a de Vossa Alteza a esta Moura tão leal e servidora, entre com Vossa Alteza toda a prosperidade, toda a paz e tudo o que tem nome de bem, e vós moradores desta terra,

comigo e com os corações e altas vozes, dizei: Viva El-Rei D. Sebastião, viva, viva, ámen.»

Acabada a fala e feitas as cerimónias costumadas, o receberam os Vereadores com um pátio de damasco carmesim, e o Alcaide-mor o acompanhou a pé na forma costumada. Quiseram os Vereadores levá-lo por uma rua que estava concertada, e na qual havia moças formosas e melhor vestidas e toucadas que as do Algarve, mas El-Rei mandou que o levassem por outra rua que fosse mais perto de sua casa, o que se fez. As damas o sentiram. E assim levaram El-Rei até a Igreja Matriz.²⁶⁷ Fazendo nela oração, se tornou a pôr a cavalo e se foi para suas casas, que eram no castelo,²⁶⁸ à porta do qual lhe entregou o Alcaide-mor as chaves. Aqui estava um moço para lhe dizer uns versos em latim. El-Rei passou depressa, não o ouviu, e depois mandou-o chamar a casa. O senhor D. Duarte, deixando a El-Rei em sua casa, foi ver a rua das [moças] formosas e um mosteiro de São Francisco que nesta vila há.²⁶⁹ Do pátio fez o Estribeiro-mor esmola ao mosteiro de São Francisco. A vila de Moura terá 1400 vizinhos.

8 de fevereiro – Moura

Domingo, 8 de fevereiro, ouviu El-Rei missa e pregação em Moura, em um mosteiro de freiras da advocação de Nossa Senhora da Piedade, da Ordem |651| do Carmo,²⁷⁰ pregou um apóstolo, de dois que ao presente se aqui acharam.²⁷¹ O senhor D. Duarte a ouviu com ele. Saindo da

²⁶⁷ Igreja de São João Baptista, construída na segunda metade do século XV, e posteriormente sujeita a sucessivas remodelações.

²⁶⁸ Castelo de Moura, cuja construção pode remontar ao final do século XIII, e que no século XVI foi objeto de ampliação.

²⁶⁹ Convento de São Francisco de Moura, construído em meados do século XVI.

²⁷⁰ Provável referência ao antigo mosteiro de Nossa Senhora da Assunção do Castelo de Moura, fundado em inícios do século XVI (mas que estava entregue aos Dominicanos).

²⁷¹ A referência aos 'apóstolos' poderia reportar-se a padres da Companhia de Jesus.

missa, foi ver o corro, donde haviam de correr os touros, e daí disse que o levassem pelas melhores ruas da vila. Vistas as ruas, se foi a sua casa jantar. Às 2 horas foi [El-Rei] ver os touros de um eirado, e o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro e muitos fidalgos. Os toureiros de cavalo foram o Alferes-mor, Cristóvão de Távora, Francisco de Távora, Luís Álvares de Távora, e Rui Teles,²⁷² moço da câmara de El-Rei, o qual fez algumas sortes boas, e os mais, os touros foram mansos. Acabados os touros, foi passeando El-Rei a cavalo até junto d[e] Odiana,²⁷³ que será da vila meia légua, e já de noite se recolheu. O senhor D. Duarte andou vendo as formosas,²⁷⁴ e o Duque d[e] Aveiro com ele, foi um pedaço fora da vila passeando. No castelo houve de noite muitas luminárias.

9 de fevereiro – Moura / Mourão

Segunda-feira, 9 de fevereiro, ouviu El-Rei missa em Moura, em um mosteiro de frades de Nossa Senhora do Carmo.²⁷⁵ Partiu pela posta para Mourão, cinco léguas de jornada. Um pedaço fora da vila de Mourão o recebeu o alcaide-mor, Francisco de Mendonça,²⁷⁶ e seus tios Tristão de Mendonça e Álvaro de Mendonça, com dez ou 12 de cavalo, e o receberam mais duas bandeiras de ordenança, e na vila os Vereadores. Depois do jantar teve touros, aos quais andou, e o senhor D. Duarte, o Duque de Aveiro, D. Pedro Diniz e o Conde do Vimioso. Houve dois touros muito estremados, a que El-Rei e o senhor D. Duarte fizeram muitas sortes e muito boas. E todos os mais as fizeram boas. Um touro destes ia para saltar uma bastida, aonde estava gente da ordenança, e um soldado lhe pôs um pique diante, que meteu por si uma grande parte, e a

²⁷² Nada de especial se consegue apurar sobre este personagem.

²⁷³ Referência ao rio Guadiana.

²⁷⁴ Não é claro se o cronista se refere aqui às ruas, se às mulheres.

²⁷⁵ Convento do Carmo, originalmente construído no século XIII, também designado como mosteiro de Santa Maria, que estava entregue à Ordem do Carmo.

²⁷⁶ Francisco de Mendonça Furtado (1545-1630), alcaide-mor de Mourão; ficaria cativo na batalha de Alcácer Quibir, sendo posteriormente resgatado. Sobre os dois tios, nada de especial se consegue apurar.

pouco espaço caiu o touro morto. El-Rei sentiu muito matarem-lhe este touro, e mandou prender este homem. Houve depois outro touro muito estremado, com que El-Rei folgou tanto que andou a ele até a noi- |652| te fechada, e mandou-o ir para Évora. Mourão tem 280 vizinhos. No castelo, por todas as torres houve luminárias.²⁷⁷ De alguns lugares de Castela vizinhos deste, vieram castelhanos e castelhanas ver a El-Rei.

10 de fevereiro – Mourão / Cheles / Olivença

Terça-feira, 10 de fevereiro, ouviu El-Rei missa em Mourão, e partiu para Olivença pela posta, que são sete léguas de jornada. Passou por um lugar de Castela que tinha obra de 200 vizinhos. É senhor desta vila, que chamam Cheles, D. Francisco,²⁷⁸ e sua mulher D. Teresa de Lima é irmã do Alcaide-mor de Mourão, onde ora reside. Deu muitos escritos aos portugueses que o dia d[e] antes passaram, para que os guardas não entendessem com eles nos cavalos nem nos escravos, que são perdidos se os não registam, pelo que se lhe[s] não fez alguma afronta, antes muito gasalhado, e o mesmo aconteceu aos que ao dia seguinte passaram.

Neste lugar de Cheles receberam El-Rei os clérigos com cruz alçada, e tinham pália de damasco carmesim. El-Rei lho agradeceu muito e escusou-se de ir nele, por ir pela posta. Aqui lhe saíram alguns homiziados portugueses, os quais mandou que viessem ter a Évora, e que seriam despachados. Chegou a Olivença, fora da vila o receberam 50 de cavalo e quatro bandeiras de ordenança, e na vila os Vereadores. Foi levado por uma rua concertada de móvel, e nela muitas portuguesas feias²⁷⁹ e algumas castelhanas formosas, até às casas do Bispo,²⁸⁰ aonde

²⁷⁷ Castelo de Mourão, que data do século XIV, e foi sucessivamente remodelado e ampliado.

²⁷⁸ Francisco Manuel de Villena (c.1500-??), senhor de Cheles.

²⁷⁹ Original: «frias», talvez por lapso de copista.

²⁸⁰ Olivença era sede do bispado de Ceuta desde 1512, e aí existia um paço episcopal.

pousou. Depois do jantar cavalgou, e foi fora da vila pelo campo um pedaço. Após ele foram a cavalo grande soma de castelhanos que aqui vieram de Badajoz, e alguns deles iam de dois em carga. Foram ter com El-Rei 16 de cavalo, bem concertados, os quais lhe haviam de jogar canas. El-Rei lhe[s] mandou que se tornassem para a vila, que como ele viesse os mandaria chamar.

El-Rei chegou à vila e lhes mandou recado, e eles vieram e lhe jogaram |653| as canas tão estremadamente e com tanta ordem e concerto que foi coisa muito para ver. El-Rei folgou em extremo de os ver, e soltou muitas palavras em seu louvor, deles. A própria ordem e concerto tiveram na escaramuça e no irem beijar a mão a El-Rei, no que sempre foram oito de cada banda.

O senhor D. Duarte foi ver o castelo e uma torre que nele há mui larga e mui alta e muito formosa,²⁸¹ e com tal escada e tão espaçosa que pode subir um homem a cavalo muito folgadoamente acima, e há muitos poucos dias que uma mulher fidalga subiu lá acima em uma mula em andilhas. Por guarda desta torre estava uma mulher moça mui formosa, que não era má guarda.

Foi o senhor D. Duarte também ver o mosteiro de São Francisco e algumas ruas da vila, e depois de recolhido em casa o veio visitar D. Pedro de Meneses, camareiro que foi de El-Rei, e Jorge de Melo,²⁸² seu genro. De noite houve nesta torre luminárias que arderam grande parte dela, e andaram pelas ruas alguns homens de cavalo vestidos de

²⁸¹ O castelo de Olivença foi originalmente construído no século XIII; possui uma elevada torre de menagem, que foi erigida em finais do século XV. A vila passou à posse de Espanha em inícios do século XIX.

²⁸² O D. Pedro de Meneses anteriormente referido, irmão de D. Duarte de Meneses, não teve descendência, de forma que se trata aqui de outro personagem, D. Pedro de Meneses (c.1510-?), senhor de Fermoselhe, cuja filha, D. Ana Manuel (?-?), casou com Jorge de Melo Coutinho (?-1578); este último morreria na batalha de Alcácer Quibir.

mourisca, com lençóis²⁸³ por cima dos cavalos e com tochas acesas nas mãos. Olivença terá 2000 vizinhos e a alcaidaria é do Conde de Tentúgal.

11 de fevereiro – Olivença / Elvas

Quarta-feira, 11 de fevereiro, antemanhã, mandou El-Rei pelos instrumentos dar alvorada ao senhor D. Duarte, e manhã clara ouviu missa e foi ver a torre.²⁸⁴ Partiu pela posta para a cidade de Elvas, que são quatro léguas de jornada; [n]a formosa ponte que chamam de Olivença, quando é o caminho meado e se passa Odiana, achou alguns cavalos que lhe mandavam de Elvas para se reformarem os que trouxessem cansados. O que feito na própria ordem, veio correndo até chegar perto de Elvas, aonde o vieram receber alguns fidalgos que na terra vivem, e perto de 200 de cavalo, sem nenhuma ordem, antes em bandos, e o receberam mais três bandeiras de ordenança, que fizeram salva de arcabuzaria, e nas hortas mais perto da cidade o recebeu o Bispo²⁸⁵ com o Cabido, e à porta da cidade os Vereadores, em um pálio de damasco carmesim com as franjas de ouro e retrós. Não houve fala, por ser o tempo breve.

El-Rei mandou |654| ao Alferes-mor que servisse de alcaide-mor, por ser António de Melo²⁸⁶ ausente, que é [alcaide-mor] desta cidade. O Alferes-mor desceu e acompanhou a El-Rei, depois de lhe entregar as chaves na forma costumada. Houve mais duas danças de ciganas que o festejaram até à Sé,²⁸⁷ no tabuleiro da qual o recebeu o Bispo e o Cabido com cruz alçada. El-Rei se pôs de joelhos depois do Bispo lhe deitar água benta, e beijou as relíquias, e daqui foi levado em procissão até à capela-mor, e daí se foi para a sua casa. O senhor D. Duarte o acompanhou, e deixando-o nela, foi para a sua, aonde foi visitado por alguns fidalgos da

²⁸³ Original: «lanções».

²⁸⁴ Referência à torre de menagem do castelo de Olivença.

²⁸⁵ António Mendes de Carvalho (c.1521-1591), 1º bispo de Elvas.

²⁸⁶ António de Melo (c.1550-?), alcaide-mor de Elvas.

²⁸⁷ Igreja de Nossa Senhora da Assunção, construída em inícios do século XVI e que a partir de 1570 foi erigida em Sé de Elvas.

terra. O Bispo mandou dar neste dia grande banquete aos moços da estribeira, aos reposteiros de El-Rei, e cevada para os cavalos, e à estrebaria de El-Rei mandou dar muita cevada, e ao senhor D. Duarte e ao Duque de Aveiro e a toda a Corte.

À tarde teve El-Rei touros, os quais viu da Câmara da cidade em uma janela, e o senhor D. Duarte com o Duque de Aveiro de outra. Os toureiros de cavalo foram o Alferes-mor, Cristóvão de Távora, Francisco de Távora e D. João de Castro. Os toureiros de pé foram uma suíça²⁸⁸ grande de castelhanos, que aqui vieram ter de Badajoz. Os touros não prestaram para nenhuma coisa, pelo que não houve sorte de que se escreva, e duraram muito pouco. Pôs-se El-Rei a cavalo e foi ver os mosteiros de São Francisco e de São Domingos.²⁸⁹ O senhor D. Duarte fez por sua via o mesmo, a quem as companhias [de ordenança] vieram à tarde dar vista. Elvas dizem que tem 3500 vizinhos e é dela alcaide-mor António de Melo.

12 de fevereiro – Elvas / Vila Viçosa

Quinta-feira, 12 de fevereiro, ouviu El-Rei missa na Sé de Elvas, e partiu pela posta para Vila Viçosa, que são quatro léguas de jornada. Passou por Vila Boim, lugar do Duque [de Bragança],²⁹⁰ o qual tem um castelo mui forte e mui guerreiro,²⁹¹ o qual El-Rei viu, e veio prosseguindo seu caminho até meia légua de Vila Viçosa, onde o recebeu o Duque, com a nobreza de muitos e mui honrados fidalgos de sua Casa. O senhor D. Duarte e o [655] Duque de Aveiro se adiantaram um pouco d[e] El-Rei, e vieram falar ao Duque, e todos se receberam com as cortesias entre eles costumadas. O Duque [de Bragança], depois de falar a estes

²⁸⁸ Original: «soisse».

²⁸⁹ O convento de São Francisco, em Elvas, foi fundado em inícios do século XVI; o convento de São Domingos data de meados do século XIII.

²⁹⁰ O duque de Bragança era à época D. João I (1543-1583).

²⁹¹ Castelo de Vila Boim (Elvas), edificado em inícios do século XVI.

senhores, se desceu e chegado El-Rei lhe beijou a mão, o que também fizeram os seus fidalgos. El-Rei lhe fez a sua cortesia e muito gasalhado, e tornou correndo prosseguir seu caminho, e vendo que o Duque não vinha, o qual se ficava pondo a cavalo, se deteve e começou de olhar para ele e dizer que o chamassem. O Duque chegou e, vindo correndo com El-Rei, lhe perguntou [este] pela Infanta²⁹² e pela senhora D. Catarina,²⁹³ e o Duque lhe quis beijar a mão e El-Rei a tirou, e assim.²⁹⁴

Entrou El-Rei na tapada,²⁹⁵ que na opinião de todos os que a viram pode competir com todas as defesas [e] bosques, porque qualquer príncipe, por grande que seja, é afeiçoado a coisas desta qualidade. Tinha chegado El-Rei às casas que àquele modo são as melhores e mais acomodadas que humanamente podem ser. Desceu-se nelas o senhor D. Constantino, [que] lhe beijou a mão. El-Rei dentro esteve um grande pedaço em pé, falando com o Duque, e pareceram-lhe as casas em extremo bem, e a estranheza do concerto delas muito melhor. O senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro foram para uma mui formosa varanda que está sobre o corro, e estava toda à roda armada de corrediças de tafetá verde. Para o senhor D. Duarte se foram os mais dos fidalgos, com quem esteve em conversação, aos quais, nem à gente de menor qualidade, não faltou quem lhe[s] tomasse os cavalos, nem gasalhado para eles. Porque disto havia tanto, que os moços e escravos com muita diligência os vinham buscar e lhe[s] tomavam os cavalos e os curavam, sem saberem deles até o tempo que lhes foi necessário.

²⁹² Referência a D. Isabel de Bragança, anteriormente mencionada, mãe do senhor D. Duarte e de D. Catarina (já de seguida referida).

²⁹³ Referência à mulher do Duque de Bragança, D. Catarina, infanta de Portugal (1540-1614), que era neta de el-Rei D. Manuel I e irmã mais velha de D. Duarte, o duque de Guimarães.

²⁹⁴ A frase parece incompleta.

²⁹⁵ Referência à Tapada Real de Vila Viçosa.

E tornando às casas, nelas não faltavam riquíssima tapeçaria, nem ricos dosséis de brocado em lugares convenientes, nem cama preciosíssima para El-Rei, e cheiros gloriosíssimos, no que tudo se começavam já a enxergar as verdadeiras insígnias da real magnificência [da] Casa de Bragança, que a todas as outras faz uma grande ventagem. E porque meu fraco juízo não é capaz de particularizar |656| tanto, ponho tudo em suma, e receio de danar com a rudeza de minha linguagem e fraqueza de palavras o que com muitas e muito diferentes se não pode compreender, nem entender o menos que do muito se ali viu, que é o mais que pode ser.

Aos fidalgos e gente de menor qualidade lhe não foi necessário pedirem água, nem lhes faltou sobre que bebessem, porque eu inferi de todos os que se nisto acharam que não tinham deixado a sela quando persuadidos da diligência e gosto com que Gaspar de Góis,²⁹⁶ escrivão da cozinha do Duque [de Bragança], isto fazia a todos. Me vi em uma casa tão juncada de tantas e tão diversas coisas de doces, que ficando eu de as ver admirado, não soube com qual me determinasse, mas, todavia, as ofendi e deixo de as particularizar, por não ser aos leitores molesto e por acabar coisa que tanto me custa, e que tão mal poderei fazer.

Começaram de correr muitos e mui grandes pratos de excelentíssimas coisas doces, e muita água em estremados vasos. O senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro, a que foi muito disto, comeram e beberam; os fidalgos o fizeram por muitas vezes. Houve nisto um caso grande de admiração que eu notei, e na verdade escrevo, o qual foi que, vindo pratos mui grandes e mui cheios destas coisas, os quais traziam tantas que ainda que comessem muitas delas de necessidade havia de ficar uma grande parte, era tal a diligência dos que as administravam, e dando-as a quem as queria, que quando chegavam em casa donde tantas havia, não levavam nos pratos alguma. E não era, como digo, franqueza sua, mas pura

²⁹⁶ Provável referência a Gaspar de Góis do Rego (c.1550-1528), que morreria na batalha de Alcácer Quibir.

liberalidade e grandeza que mana do senhor aos servos, não eram por isso repreendidos dos oficiais, antes creio lhe[s] louvavam sua honra e diligência. Nem os pratos deixavam logo de ser reformados com outras coisas tais e tão boas como as gastas, e tanto de umas como de outras, em que se enxergou bem a superabundância que delas havia. E os moços d[e] esporas e escravos são boas testemunhas, que depois de bem fartos de vinhos que iam tomar à bica, e dos muitos e diversos pescados que andavam a rodo, jogavam com eles |657| às laranjadas. Houve muitas empadas de salmonetes e de lampreias, não faltou solho; não trato de sável, nem da diversidade de outros muitos pescados, por não fazer a história comprida, ainda que lícito fora, visto o pouco termo que houve no aperceber, o que não faltou a pragueiros para dizerem que 'na casa cheia depressa se faz a ceia', do que os absolvo, porque só esta é verdadeiramente cheia.

El-Rei jantou de uma galinha e de um capão, que comeu e gabou muito. À mesa lhe foram muitas e também concertadas coisas doces, como é de crer, pois era ele a quem e cuja devoção se faziam todas as iguarias que à mesa lhe vieram, e mandava ao Alferes, e à volta foram as de carne, que ele não comia.

Estando o senhor D. Constantino em conversação com alguns fidalgos, chegou Lopo Roiz, e o senhor D. Constantino lhe fez muita festa e o abraçou. E neste tempo acertou de vir um prato de coisas doces que vinham para os fidalgos, o senhor D. Constantino mandava dar deles, ele antes meteu a mão no prato, o senhor D. Constantino lho estranhou, ele lhe respondeu que vinha muito mimoso, ao que o senhor D. Constantino tornou que não lhe diziam assim. Lopo Roiz, vendo que este mal lhe vinha dos fidalgos, se virou para alguns dizendo que os madraços que aquilo vinham dizer que mentiam muito grande mentira.

Gastado um pouco de tempo, uns nestas e em outras galanterias, e outros, melhor aconselhados, em se aproveitarem do pescado e coisas

doces, chegou hora de se correrem os touros. Veio-se El-Rei para a varanda, aonde os havia de ver, na qual lhe concertaram bem o lugar de que os visse. Houve toureiros de cavalo e em formoso corro, os quais foram o Alferes-mor, Cristóvão de Távora, Francisco de Távora. Os touros eram grandes e formosos, e entre eles um que foi o extremo de quantos vi- |658| mos nesta jornada. Este, além de muito bravo, era em tanto extremo ligeiro que por longe que saísse aos cavalos, em muito pouco termo os alcançava, aparelhado era para se fazerem a ele muitas sortes, como se fizeram, e uma fez o Alferes-mor, em que o touro deu-lhe rijo no cavalo, e estiveram ambos mui perto do chão. As garrochas também eram braganças,²⁹⁷ e os que as davam mais liberais que os vereadores das vilas ou cidades em que os houve, porque eles davam uma por jubileu, e estes carregavam os meninos delas. Diverti-me tanto nesta miudeza por estar escandalizado de em algumas partes as não haver, sendo necessárias. Este touro, depois de ter dado muito gosto a todos, o recolheram dentro para deitarem outro que saiu, e foi muito manso, o qual recolheram logo, e querendo deitar outro, saiu o muito bravo, e achando Vicente²⁹⁸ descuidado, lhe deu uma estremada revolta, que ainda que fora de razão, o não pudera fazer mais a propósito.

Duraram os touros pouco, por o tempo ser curto. Pôs-se El-Rei a cavalo, e o senhor D. Duarte e o Duque de Aveiro, e foi ver a tapada, que lhe pareceu em extremo bem, e disse, gabando-a, que a batizassem e lhe não chamassem ‘tapada’. E deste parecer são muitas pessoas que entendem que merece ela outros melhores epítetos. Posto El-Rei a cavalo, pôs-se formosa mesa de pescado a alguns fidalgos que quiseram jantar.

Gastando El-Rei algum tempo em ver a tapada e coisas dela, se veio para Vila Viçosa, e entrando no formoso terreiro do paço, fez a fortaleza

²⁹⁷ Jogo de palavras alusivo à liberalidade dos Bragança.

²⁹⁸ Não se consegue apurar quem seria este personagem.

grande salva d[e] artilharia, e os instrumentos do Duque o festejaram.²⁹⁹ Na derradeira porta da sala, sobre a escada, o recebeu a Infanta³⁰⁰ e a senhora D. Catarina, acompanhadas de damas formosas, e todas de muita qualidade. E depois de feitas as cortesias costumadas, se veio El-Rei diante até à antecâmara, onde a senhora D. Catarina tem seu estrado, aonde estava uma riquíssima cama d[e] estado para El-Rei. El-Rei, assentado em uma cadeira de brocado, |659| debaixo de um dossel da mesma sorte e da própria cama, tinha a cadeira no estrado, e a Infanta e a senhora D. Catarina em almofadas, e a[s] senhora[s] Maria e Serafina³⁰¹ [também]. As damas e as donas estiveram um pouco em pé, e El-Rei as mandou assentar. O senhor D. Duarte e o Duque [de Bragança] e o Duque de Aveiro estiveram na própria casa, em conversação com alguns fidalgos.

Os paços estavam estranhamente tapeçados, e no aposento de El-Rei, em que havia cinco casas formosíssimas e um oratório estremadamente concertado, havia uma casa alcatifada e três dosséis de brocado e tela de prata, com suas cadeiras do próprio arreio, o que não particularizo nem me corro de em meu fraco juízo não ficar a ideia de tanta grandeza, pois dela não foram capazes os de mui rara memória, antes deixo este cuidado aos praguentos, que tendo tanto que invejar, não lhes ficará que grosem. Havia aposentos riquíssimos para o senhor D. Duarte e para o Duque de Aveiro, e para os mais, todos tão cheirosos e bem concertados quanto em tão breve tempo não era possível. As mais casas estavam armadas de mui ricos dosséis de diferente invenção e arreio, e tapeçadas de panos de seda e ouro, de histórias modernas e assaz honrosas, para memória do progenitor desta grande casa. E não é de esquecer que, estando alguns castelhanos de Badajoz, e alguns deles fidalgos, muito enlevados em ver a

²⁹⁹ Referência ao castelo de Vila Viçosa, que até à construção do paço ducal, iniciada em 1577, era a residência dos duques de Bragança.

³⁰⁰ D. Isabel de Bragança, anteriormente referida.

³⁰¹ Referência às filhas do Duque de Bragança, D. Maria de Bragança (1565-1592) e D. Serafina de Bragança (1566-1604).

história destes panos e gabando-a muito, chegou um português e lendo o epitáfio do pano alto, dizia «Batalha que Nuno Álvares Pereira venceu em Badajoz»,³⁰² os castelhanos ficaram perdidos quanto no que era, e na sala houve grande festa. Aqui houve também grande abundância de coisas doces, e quase parecia quererem exceder o modo aos da tapada, se isto podia ser.

Na senhora D. Catarina se enxergou bem a grandeza de seu real ânimo, porque, pouco satisfeita de quantas mercês neste dia fez, quis com outra maior dar o remate a todas, que tendo uma casa que é todo o seu mimo |660| e seu regalo e gosto estremadamente rica, assim na qualidade dos brincos como no concerto deles, rogou a Pedro d[e] Andrade Caminha³⁰³ que da sua parte a oferecesse a quem dela quisesse alguma coisa, o que ele fez com muita liberalidade, pois sendo pródigo do seu, não havia de ser avarento do alheio.

A casa, como digo, foi oferecida e os fidalgos entraram nela, mas houveram ser culpa desconcertar coisa tão posta por ordem. Mas lá lhe ficou em que se aproveitasse[m], que ainda que os brincos eram de prata e ouro, havia outras coisas de mor valia, estremadas luvas de âmbar em grande quantidade, pastilhas e pivetes oferecidos com tanta liberalidade que pegavam dos homens e lhas faziam tomar por força, e houve tal que tomou seis pares de luvas.

El-Rei esteve grande pedaço com a Infanta³⁰⁴ e a senhora D. Catarina, e despedido, foi por dentro ver a duquesa D. Brites,³⁰⁵ na guarda-roupa da

³⁰² Referência a Nuno Álvares Pereira (1360-1431), condestável de Portugal, cuja filha D. Beatriz Pereira de Alvim (1380-c.1414) casou com D. Afonso (1380-1461), filho ilegítimo de el-rei D. João I, que seria o 1º duque de Bragança.

³⁰³ Pêro de Andrade Caminha (c.1520-1589), fidalgo e poeta que estava ao serviço da Casa de Bragança.

³⁰⁴ D. Isabel de Bragança, anteriormente referida.

³⁰⁵ D. Brites ou Beatriz de Lencastre (1542-1623), viúva de D. Teodósio I, 5º duque de Bragança (1505-1563).

senhora D. Catarina. Por onde El-Rei passou, havia muitas moças da câmara, muito formosas e lustrosas, deviam de parecer bem a El-Rei, porque depois disse ao Couto que bem se podia ali fazer outra Alfama. A senhora D. Catarina lhe fez um rico presente na qualidade das coisas, de lenços de trancinhas de largos e formosos lavores, e ricas guarnições, e de luvas de âmbar.

Foi também El-Rei ver a duquesa D. Joana,³⁰⁶ e antes de fazer estas visitas, viu o aposento que lhe tinham para ele, e lhe pareceu em extremo bem. Todos os senhores e fidalgos, e gente de menor qualidade cortesã, vieram beijar a mão à Infanta e à senhora D. Catarina, a que satisfizeram a cada um conforme a seu estado, com aquelas honras e mercês que tanto estas duas princesas têm por costume e por natureza, e os que as recebiam, lhe[s] davam os louvores que sempre tiveram em suas coisas.³⁰⁷

³⁰⁶ D. Joana de Mendonça, anteriormente referida, viúva de D. Jaime I, 4º duque de Bragança.

³⁰⁷ Aqui termina o manuscrito da *Relação*. El-rei D. Sebastião chegaria a Évora em 14 de fevereiro de 1573.

ESTUDOS COMPLEMENTARES

MARIA AUGUSTA LIMA CRUZ

LUÍS COSTA E SOUSA

A viagem de D. Sebastião ao Alentejo e Algarve

MARIA AUGUSTA LIMA CRUZ *

A digressão do rei D. Sebastião (1554-1578) pelo Alentejo e pelo Algarve, iniciada, a partir de Évora, a 2 de janeiro de 1573, constituiu um longo circuito, que só quarenta e quatro dias mais tarde, a 14 de fevereiro do mesmo ano, traria D. Sebastião de regresso a Évora. O número de povoações visitadas quase se poderia contar pelos dias de viagem, muito embora os tempos de paragem em cada local tenham sido bastante desiguais. Localidades houve que tiveram de se contentar com ver passar o rei.

* Professora aposentada da Universidade do Minho & Investigadora do CHAM, NOVA FCSH. E
Estudo enquadrado no projeto exploratório financiado pela FCT «MOVING CITY. Cidades para a guerra: um exército europeu em Marrocos no século XVI» (EXPL/HARHIS/ 1521/2021).

Foi um certo João Cascão, cronista de D. Duarte, a registar o périplo do monarca através do Alentejo e do Algarve. Este D. Duarte (1541-1576), sempre designado nas fontes coevas como «senhor D. Duarte», era o filho mais novo de Isabel de Bragança e do infante D. Duarte, era por isso neto do rei D. Manuel I. Sendo treze anos mais velho que D. Sebastião, ocupava o segundo lugar na linha varonil de sucessão ao trono, logo a seguir ao cardeal D. Henrique. Além disso era, ao tempo, condestável do reino, ou seja, a segunda personagem na hierarquia militar, depois do rei. É nesta qualidade de condestável que terá um papel proeminente na jornada de D. Sebastião ao Alentejo e Algarve.

Nesta viagem, D. Sebastião fez-se acompanhar de uma comitiva restrita constituída, sobretudo, por senhores titulares e fidalgos, entre outros, o já citado senhor D. Duarte; o duque de Aveiro e seu irmão D. Pedro Dinis de Lencastre; o conde de Vimioso, D. Afonso de Portugal, e seus dois filhos; o conde de Sortelha, D. Diogo da Silveira; o conde da Vidigueira, D. Vasco da Gama;¹ D. Álvaro de Castro; Luís da Silva; Manuel Quaresma Barreto; e Simão Gonçalves da Câmara, quinto capitão donatário da Madeira e irmão dos padres Luís e Martim Gonçalves da Câmara; além de membros da Casa do rei e de alguns oficiais superiores. Entre estes, D. Luís de Meneses, o alferes-mor, D. Martinho Pereira, o vedor da Fazenda, Baltasar Faria, o almotacémor, Belchior do Amaral, o corregedor da Corte, D. João de Castro, o capelão-mor, e Miguel de Moura, o secretário de Estado. A destacar, ainda, nesta companhia, o chocarreiro Zuzarte do Couto. Segundo a literatura que consigna anedotas e ditos graciosos, este bobo seria um sapateiro de profissão, natural do bairro da Alfama, em Lisboa.² Presença constante junto do rei, Zuzarte do Couto revelar-se-ia o cúmplice de

¹ Este só ingressou no cortejo real em Cuba.

² Christopher L. Lund (ed.), *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista: Istorias e ditos e ditos galantes que sucederão e se disseram no Paço* (Coimbra: Livraria Almedina, 1980), p. 117.

várias travessuras e partidas feitas por D. Sebastião no decorrer da jornada.

Já D. António, prior do Crato (1531-1591), filho ilegítimo do infante D. Luís, também ele, embora por via bastarda, neto do rei D. Manuel I, supomos que a sua não participação nesta jornada se devesse à circunstância de ainda se encontrar em Tânger, para onde partira em 1571. E, embora tivesse abalado sem autorização régia, sabemos que D. Sebastião «folgara muito dele» pela decisão tomada.³ Não conhecemos a data do seu regresso a Portugal, mas sabemos que no final do ano, a 8 de dezembro de 1573, já acompanhava o rei, em Santarém, na abertura do Capítulo Geral da Ordem de Cristo.

Quanto à ausência do influente conselheiro Lourenço Pires de Távora não pode ser estranhada. Devia estar já retirado na sua quinta da Caparica, onde viria a falecer, a 15 de fevereiro, um dia depois do regresso do rei a Évora. Mas, na comitiva, não faltavam membros da sua família, a começar pelo seu próprio filho Cristóvão de Távora, já em vias de se tornar um dos validos prediletos de D. Sebastião, ou ainda Francisco de Távora, reposteiro-mor, e Luís Álvares de Távora.

De maior significado acabariam por revestir-se outras ausências de peso, sobretudo se quisermos ver nesta digressão um primeiro passo para o progressivo distanciamento de D. Sebastião em relação ao cardeal D. Henrique (seu tio-avô) e aos padres Câmara, a saber, Luís Gonçalves da Câmara, mestre e confessor de D. Sebastião, e Martim Gonçalves da Câmara, o poderoso escrivão da puridade. Em todo o caso, pensamos que tais ausências terão sido ditadas pelos objetivos específicos da viagem e não por qualquer congeminação premeditada. O Cardeal e os dois irmãos Câmara teriam, pois, ficado em Évora, como ficaram os tribunais, a chancelaria e outros funcionários superiores.

³ Carta de D. Juan de Borja a Filipe II, 13 de fevereiro de 1571, Archivo Geral de Simancas, Estado, leg. 388, doc. 77.

A ronda de D. Sebastião pelo Alentejo e pelo Algarve obedecia a objetivos eminentemente militares. Tratava-se, desde logo, de verificar o estado das fortificações costeiras, e de fiscalizar no terreno o andamento da implantação e da organização das Companhias de Ordenanças. A criação destes corpos de infantaria, na sequência da «lei das armas» de 1569, impondo obrigações militares a todos os homens entre os 20 e os 65 anos, foi sem dúvida o projeto militar mais emblemático de D. Sebastião. Criadas por regimento, datado de 10 de dezembro de 1570, traduziram-se, como sublinha Joaquim Romero de Magalhães, por hábil aproveitamento sacado de uma realidade já implantada e diretamente subordinada à Coroa: a rede do poder local das Câmaras municipais. Concluindo que a relação entre o rei e as oligarquias locais, passando a dispensar a mediação dos senhores das terras e arredando-os, assim, dos seus vassallos, implicava uma alteração na cadeia do poder político cujas consequências permitem a este historiador concluir que «um neomunicipalismo estava a tomar forma».⁴

Como se disse, seria João Cascão, o cronista do senhor D. Duarte, a registar a jornada do monarca por terras alentejanas e algarvias. Além de muito interessante, o relato de Cascão acaba ainda por revelar-se de extrema importância para a biografia de D. Sebastião, em especial no respeitante aos seus comportamentos e aos traços da sua personalidade. E isto, não apenas graças às capacidades de registo minucioso do autor, mas sobretudo, e chamamos a atenção para o facto, por se tratar de uma narrativa redigida antes de Alcácer Quibir, quer dizer, não enfermando dos vícios de crónicas posteriores à batalha, tendentes a seleccionar episódios e a interpretar comportamentos do rei em função do trágico desenlace final da sua vida. Acresce que, neste relato, D. Sebastião, sendo o centro das atenções devido à sua qualidade de rei, não é, ainda assim, a personagem principal. Esse papel reservou-o João Cascão ao senhor

⁴ Joaquim Romero Magalhães, *História de Portugal – Volume III: No Alvorecer da Modernidade* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1993), pp. 109-110.

D. Duarte, naturalmente por ser o seu cronista, mas também porque, sendo D. Duarte o condestável do Reino, lhe coube protagonizar algumas vitórias a tropas ou a fortalezas, mesmo sem a presença do rei.

Num registo pautado por grande vivacidade, João Cascão vai descrevendo, dia a dia, o percurso da comitiva régia, conseguindo, ao mesmo tempo, incorporar uma profusão de dados e informação de vários tipos sobre as localidades visitadas. Entre os momentos altos do relato figuram, como é natural, as chegadas a cidades e a povoados. Precedida pelo som de trombetas, atabales e charamelas anunciando a aproximação do rei, a comitiva era normalmente recebida à entrada das povoações, pelas autoridades civis e religiosas e pela gente grada da terra. Em alguns casos, era feita uma alocação de boas-vindas e, quase sempre, a presença do rei ficava assinalada com folias, danças, simulações de combates ou outro tipo de festejos. Mas, atendendo ao objetivo da visita, o momento mais importante não podia deixar de ser a parada militar das gentes de cavalo e das ordenanças a pé. E, a esse respeito, a minúcia de João Cascão revela-se preciosa, permitindo avaliar a aplicação das recentes reformas militares, em terras alentejanas e algarvias. Ficamos, assim, a saber que, das cerca de trinta localidades visitadas, só em Entradas, Castro Verde, Almodôvar, Odeceixe e Aljezur não houve apresentação das ordenanças a pé. Nas restantes, ou seja, em Viana do Alentejo, Cuba, Beja, Ourique, Messejana, Vila Lobos, Odemira, Lagos, Vila Nova de Portimão, Alvor, Monchique, Silves, Alcantarilha, Albufeira, Loulé, Faro, Tavira, Castro Marim, Alcoutim, Mértola, Serpa, Moura, Mourão, Olivença e Elvas, o cronista recenseia 103 bandeiras, num total de 20.600 homens a pé.

João Cascão regista também as diferenças de vários tipos que marcaram o percurso alentejano e o percurso algarvio. Ditadas, antes do mais, pela morfologia das zonas percorridas, essas diferenças decorreram, concomitantemente, do carácter específico dos dispositivos militares implantados em cada região. Mas até questões de carácter económico,

cultural e etnológico marcaram essa diversidade. Assinale-se, por exemplo, o facto curioso de no Algarve muitos soldados andarem vestidos à mourisca. Os próprios meios de transporte utilizados falam das características dos trajetos. Enquanto no Alentejo, a viagem é feita a cavalo, aproveitando-se muitas vezes as deslocações entre localidades para umas caçadas, no Algarve, a montada cede, muitas vezes, o lugar à embarcação marítima ou fluvial. Aí, a melhoria do alojamento torna-se também perceptível, já que em algumas localidades mais pobres do Alentejo o monarca chega a dormir em tendas muito velhas ou em casas térreas e pequenas, motivo de reparo por parte de João Cascão. Os divertimentos proporcionados nessas localidades, revestem-se da mesma modéstia, passando o rei muitos fins de dia a jogar às cartas com alguns fidalgos, a ouvir música, ou a conversar com os «marmanjos», designação reservada pelo cronista aos humildes interlocutores ocasionais.

Só com a chegada da comitiva ao litoral algarvio começam a surgir notícias de inspeções a fortalezas e a obras de fortificação, registando-se também alguns raros momentos consagrados ao despacho. Datam de então, a elevação da vila de Lagos a cidade e a da aldeia de Monchique a vila, um grande número de perdões concedidos a homiziados e condenados a degredo, e a uniformização do comprimento da légua, fixando-o em seis mil passos, para obviar à disparidade dos valores que lhe eram localmente atribuídos. Medida que o rei completaria ordenando a implantação de marcos indicativos, de modo a facilitar a avaliação das distâncias percorridas.

Se alguma constante se verificou ao longo de todo o recorrido da caravana real, ela foi, sem dúvida, a exteriorização das manifestações de alegria e de submissão das populações perante a presença do rei. Muita gente se ajoelhou à sua passagem, ou ergueu as mãos ao céu, em oração. Em Ourique vários homens lhe foram beijar os pés. Em algumas localidades algarvias, esperavam-no verdadeiros banhos de multidão. Afirmam-se que, a Lagos, toda a gente do Algarve acudiu a vê-lo. E a

Tavira, acorreram, inclusivamente, muitos castelhanos. Em muitos locais, a presença do rei era assinalada com velas nas janelas ou nas portas e com tochas ou barris de alcatrão acesos sobre os muros. Até, ao penetrar no Guadiana, quando o bergantim real se abeirou da margem esquerda, «acudiu à praia toda a gente de Aiamonte, e às janelas e eirados de sobre o rio». ⁵ E, dias depois, mesmo em Cheles, entre Mourão e Olivença, mas já em terras castelhanas, D. Sebastião seria acolhido com uma receção. Em suma, parecia na verdade que, tal como exclamara um mareante inspirado pelo aparecimento de uma baleia, durante um giro de barco entre Vila Nova de Portimão e Alvor, «até os peixes do mar lhe vinham fazer festa». ⁶

Mais discretas, embora, a vários títulos, muito mais marcantes, foram as visitas do rei aos locais ligados à memória de dois dos seus prediletos antecessores: D. Afonso Henriques e D. João II. No sítio onde teria ocorrido a batalha de Ourique, situado por João Cascão no lugar de Cabeços, D. Sebastião apeou-se e proferiu algumas palavras, recusando-se a pisar a cavalo aquele chão “sagrado”. E, a crer no que acrescentam outros cronistas, teria ali mandado erigir um arco do triunfo, com uma inscrição em latim, da autoria de André de Resende, a realçar o valor militar da batalha e a aparição de Cristo a D. Afonso de Henriques. ⁷ Em Alvor, o rei quis ver a casa onde morrera D. João II, visitando-a demoradamente apesar de já se encontrar bastante danificada.

Data também desta digressão, a ligação que D. Sebastião não mais deixaria de ter ao mosteirinho dos franciscanos capuchos de Sagres, no

⁵ *Relação da jornada*, p. 99.

⁶ *Relação da jornada*, p. 75.

⁷ Sobre o assunto, ver, entre outros, frei Manuel do Santos, *Historia Sebastica* (Lisboa Ocidental: Oficina de António Pedrozo Galram, 1735), p. 279, Diogo Barbosa Machado, *Memorias para a Historia de Portugal que comprehendem o governo delrey D. Sebastião*, 4 volumes (Lisboa: Oficina de Joseph António da Sylva, 1736-1751), vol. III, pp. 482-484. A inscrição latina de André de Resende é publicada pelo próprio na sua obra *De Antiquitatibus Lusitaniae* (Évora, 1593).

Cabo de S. Vicente, em cujas casas junto ao mosteiro construiria um cirado e um miradouro, «onde ia estar algumas vezes, afeiçoado ao lugar e sítio, ali conversava com tanta familiaridade e benevolência com os religiosos como se fora um deles».⁸ Depois de, no dia do seu aniversário (21 de janeiro), ter celebrado o mártir São Sebastião na ermida de Nossa Senhora da Piedade, junto a Lagos, o rei chegaria ao mosteirinho ainda a tempo de participar nas Vésperas do mártir São Vicente, numa igreja pejada de mulheres, vindas em romaria das aldeias da região. Dada a exiguidade das casas do mosteiro e as consequentes dificuldades de alojamento, o rei fez-se acompanhar apenas por D. Diogo da Silveira, D. Fernando Álvares, Felipe de Aguilar, D. Álvaro, filho de D. Aleixo de Meneses e pelos músicos, ficando os restantes membros da comitiva na Raposeira. Findas as cerimónias religiosas, D. Sebastião visitou o mosteiro, onde pernoitaria, «a fortaleza, que disparou toda a artilharia, e viu o Cabo a que os antigos chamaram Sacro Promontório».⁹

No dia seguinte, e de novo com o resto da comitiva, foi a Sagres ver a fortaleza, que o Senhor D. Duarte inspecionara pela manhã, e onde já estavam em construção dois novos baluartes. Descendo ao chamado Miradouro do Infante, D. Sebastião não esconderia o seu agrado pelo que vira, tecendo elogios quer ao local quer à fortaleza. E, ao separar-se do grosso da comitiva, que voltaria a ficar na Raposeira, o rei, a caminho de São Vicente, onde devia pernoitar, acabaria por deixar-se estar, até à hora da ceia, «ao longo do mar, debaixo de uma lapa, ouvindo música»¹⁰ e vivendo, porventura, o momento mais intimamente emotivo de toda a viagem.

Este gosto de D. Sebastião pela música constitui uma das principais revelações trazidas por João Cascão. Conta, por exemplo, que, em

⁸ Frei Manuel de Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade (...)* (Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1751), p. 200.

⁹ *Relação da jornada*, pp. 68-69.

¹⁰ *Relação da jornada*, p. 72.

Portimão, o rei esteve uma tarde inteira a ouvir música, enquanto o senhor D. Duarte ia com outros fidalgos inspecionar as fortificações. Ou que, em Lagos, embarcado só com três membros da comitiva, e acompanhado por outro batel onde iam os músicos, D. Sebastião «Foi ao longo da costa, até chegar a Alvor, o qual esteve vendo do mar, sem se desembarcar».¹¹ Mas ao longo de toda a crónica não faltam registos de que o rei esteve a ouvir música, sozinho ou acompanhado, por vezes após a ceia, outras enquanto assinava o despacho.

Outros traços da personalidade de D. Sebastião vêm-se também confirmados por João Cascão quando assinala o acanhamento do rei perante as mulheres, a sua relutância pelas manifestações ruidosas e pelas concentrações de população ou as suas «fugas» a cavalo ou de barco, em busca de isolamento.

Mas o cronista revela também a paixão de D. Sebastião pelas lides taurinas. As touradas, surgem, de resto, como os eventos mais saudados no decorrer da digressão real, o que se explica pelo recente levantamento da proibição papal decretada por Pio V. É que, ao serem autorizadas de novo por Gregório XIII, precisamente a pedido de D. Sebastião, as corridas de touros voltavam a poder realizar-se, mas ficavam sujeitas a duas condições: que os touros tivessem as pontas dos cornos serradas e que fossem lidados na presença do rei.

Seria Beja a conhecer a primeira tourada, de uma série que João Cascão descreve com indisfarçado prazer e notória autoridade de conhecedor. Praticamente em todas as localidades, onde a comitiva se deteve o tempo suficiente, correram-se touros. O espetáculo, onde cada participante procurava ostentar a sua bravura, toureando a cavalo ou a pé, consoante a sua condição social, destinava-se fundamentalmente a ser visto pelo rei. O que não impediria D. Sebastião de, em diversas ocasiões, praticar

¹¹ *Relação da jornada*, p. 74.

algumas sortes, perante um ou outro touro mais bravo. Dir-se-ia mesmo que, para ele, o único fascínio do espetáculo residia no próprio touro. Aliás, entre os raros incidentes a enfurecer o rei durante toda a viagem, contam-se as mortes de dois touros provocadas por espectadores que se defenderam de investidas. Em Moura, quando um touro avançou para a bastida onde estava a gente da ordenança, um soldado trespassou-o com um pique. E, escreve João Cascão: «El-Rei sentiu muito matarem este touro, mandou prender ao homem».¹² Episódio idêntico já sucedera em Tavira, onde, manifestando idêntico pesar, o rei mandara também prender o autor da proeza. Mas em Moura, pelo menos, a tarde do rei não ficaria completamente estragada, pois, segundo acrescenta o cronista, «Houve depois outro touro muito estremado, com que El-Rei folgou tanto que andou a ele até a noite fechada, e mandou-o ir para Évora».¹³

Na penúltima etapa da digressão, a caravana real fez alto no palácio do duque de Bragança, em Vila Viçosa. Logo à chegada D. Sebastião manifestou, com algum alvoroço, o seu anseio de ver imediatamente a tia, D. Isabel de Bragança (viúva do Infante D. Duarte), e a prima, D. Catarina, mulher de D. João, sexto duque de Bragança, as companhias da sua infância, de quando habitara os aposentos da avó, a rainha D. Catarina, nos Paços da Ribeira. Aproveitando a curta estadia, passaria com elas, e com as suas damas de companhia largo tempo, a conversar e a matar saudades.

Quanto ao acolhimento dispensado pelo duque de Bragança à comitiva real, constituiu uma tão desmesurada demonstração de opulência que, por vezes, João Cascão mostra alguma dificuldade em não se revelar chocado. Aliás, a riqueza das habitações, o requinte e o exagero do banquete servido, o passeio à tapada e, até, o inevitável espetáculo da tourada fizeram o espanto de todos. Ali, os próprios touros eram

¹² *Relação da jornada*, p. 95.

¹³ *Relação da jornada*, p. 110.

«grandes e formosos»¹⁴ e não escasseavam as garrochas, ou seja, os ferros para os picar, como acontecera nas restantes touradas. Mesmo o rei parece ter ficado impressionado pois, como já notara o secretário do cardeal Alexandrino, aquando da sua vinda a Portugal, em finais de 1571, a casa do duque de Bragança mostrava-se bem mais luxuosa do que os paços reais que viera a conhecer em Lisboa.¹⁵

A 14 de Fevereiro, ao fechar o seu circuito, D. Sebastião chegava a Évora com uma visão necessariamente mais precisa da realidade nacional, não só na sua dimensão social como na sua vertente militar. E é bem provável que algumas alterações pontuais ao «Regimento das Ordenanças», apesar de só virem a ser publicadas em 1574, tenham resultado da verificação do modo como estavam a funcionar as Companhias de Ordenanças, sobretudo nas terras mais pequenas. Passou, assim, a dispensar-se a existência de capitão-mor nas localidades onde só houvesse uma companhia, salvo se tal cargo fosse exercido pelo senhor da terra ou pelo alcaide-mor, dando-se, ao mesmo tempo, instruções para, na medida do possível, se evitar fazer recair sobre quem já tinha cargos na administração municipal as funções de oficiais das companhias. Por outro lado, o monarca ter-se-ia mostrado sensível às queixas daqueles que, sendo embora considerados “pessoas de qualidade”, mas não tendo posses económicas, eram obrigados a integrar as ordenanças a pé. Determinou-se, por isso, a formação de esquadrões específicos para integrar todos os que, tendo um estatuto de escudeiro de linhagem ou superior, se encontrassem naquela situação.¹⁶ Também não será de excluir das consequências desta viagem a perceção de uma carência premente de normas orientadoras, necessárias para ajudar a ultrapassar problemas relacionados com o funcionamento e organização

¹⁴ *Relação da jornada*, p. 117.

¹⁵ «Viagem do Cardeal Alexandrino», pub. por Alexandre Herculano, *Opúsculos*, tomo VI (Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão Editores, 1897), pp. 89-91.

¹⁶ «Provisão sobre as ordenanças», 14 de maio de 1574, *Leyes e Provisões, que el rey D. Sebastião (...)* (Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1816), pp. 213-228.

das Ordenanças e com a falta de preparação militar de muitos dos seus oficiais. Certo é que, poucos meses depois, em Évora, Isidoro de Almeida concluía *Das Instruções militares*, o primeiro manual português conhecido, dedicado, exclusivamente, à formação militar.¹⁷ E não terá sido por mero acaso que o autor, um engenheiro de fogos e minas com experiência em campanhas na Itália, na Alemanha, na Índia e em Marrocos, tenha posto a tônica da sua obra precisamente nos aspetos organizativos e disciplinares.

A consciência efetiva da importância da região algarvia e das reais condições locais teriam, de resto, tradução política na instituição de um governador para o Algarve, cargo para o qual, em 21 de julho de 1573, seria nomeado D. Diogo de Sousa, o mesmo que na jornada de Alcácer Quibir assumiria ao comando geral da armada.

Por outro lado, o conhecimento direto do Algarve teria sido, por seu turno, um contributo importante para o próprio rei apreender toda a importância geoestratégica desta região como elo de articulação fundamental do seu projeto político. Por isso, esta jornada revelar-se-ia preparatória de uma outra, ao Norte de África, mais precisamente a Ceuta e Tânger, ocorrida logo no ano seguinte de 1574.

Sublinhe-se, por último, a circunstância de esta viagem ter sido a primeira a proporcionar um longo convívio do rei com gente fidalga que não via com bons olhos o «poder absoluto» de Martim Gonçalves da Câmara, convívio esse que acabaria por começar a corroer a sua total confiança no escrivão da puridade. Pensa-se ter sido D. Álvaro de Castro o principal mentor dessa campanha na qual os irmãos Câmara apareciam responsabilizados pela destruição do reino, sobretudo, devido às suas

¹⁷ Com dedicatória a Martim Gonçalves da Câmara, datada de 26 de junho de 1573, a obra sairia dos prelos do impressor André Burgos, de Évora, a 21 de novembro do mesmo ano, sob título *Quarto Livro de Ysidoro d'Almeida. Das Instruções militares*.

pragmáticas e lei sobre câmbios, onzenas e trapaças.¹⁸ Um episódio situado por alguns cronistas numa imprecisa estadia de D. Sebastião no Algarve, mas que pode muito bem ter ocorrido durante esta viagem, não deixa de ser ilustrativo do modo como os fidalgos que acompanhavam o monarca o atiçavam. Certo dia, já seguros de terem conseguido instilar a dúvida no espírito do rei, recorreram ao seu escrivão de câmara, João de Castilho, para, a pretexto de lhe apresentar uma petição, o confrontar com a sua dependência de Martim Gonçalves da Câmara. E, dando cumprimento ao encargo, João de Castilho, por natureza galhofeiro e gracejador e com grande acolhimento junto do rei, ao apresentar-lhe a petição, teria acrescentado, meio a sério meio a brincar, «que dali por diante olhasse Sua Alteza como punha os pés, pois entrava no reino de Martim Gonçalves».¹⁹ Mesmo que o episódio se tenha verificado noutra ocasião, o certo é que esta viagem marcaria o início da perda de influência de Martim Gonçalves da Câmara. Tão certo como D. Álvaro de Castro, que já era um assíduo conselheiro de D. Sebastião, ter passado, pouco depois, a ocupar-se dos assuntos da Fazenda.

Às razões de carácter político e militar, ter-se-ão juntado outras, do foro pessoal e decorrentes da personalidade de D. Sebastião, para determinar uma profunda e definitiva ligação do rei a lugares do Barlavento Algarvio, como Lagos, Sagres e o Cabo de S. Vicente, ligação que, a partir daí, acabaria por levá-lo ao Algarve praticamente todos os anos e geralmente por via marítima. Assim:

- Nos finais desse ano de 1573, mais precisamente entre 19 de setembro e 2/3 de outubro, deslocou-se novamente ao Algarve. Aí

¹⁸ Leis publicadas em Évora, 16 de janeiro de 1570, e Sintra, 30 de julho de 1570, *Leys e Provisões, que el rey D. Sebastião (...)*, pp. 27-33 e 122-123.

¹⁹ *Jornada del-rei Dom Sebastião à África / Crónica de D. Henrique*, ed. Francisco de Sales Loureiro (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1978), p. 21; e, com variantes no dito, José Pereira Baião, *Portugal cuidadoso e lastimado com a vida e perda do Senhor rey Dom Sebastião, o Desejado de saudosa memória (...)* (Lisboa Ocidental: Oficina de António de Sousa da Sylva, 1737), p. 366.

soube da morte de sua mãe, a princesa D. Joana, ocorrida em Madrid. Ao receber a notícia, D. Sebastião encerrou-se no mosteirinho do Cabo do S. Vicente, onde se manteve durante três dias. E foi aí que no dia 21 de setembro se armou a si próprio cavaleiro da Ordem de Cristo. Os restantes dias dessa sua estadia teriam sido passados num outro mosteiro em Lagos.

- Em 1574, entre 19 e 21 de agosto, a caminho da sua primeira jornada ao Norte de África (Ceuta e Tânger). Além das passagens por Sagres e Tavira, fez uma paragem em Lagos. No regresso de África, tendo desembarcado em Sagres a 1 de novembro, passou depois ao Cabo de S. Vicente, onde teria estado nove a dez dias, a que se seguiram cerca de três dias em Lagos.

- Em 1575, durante cerca de um mês (11 de agosto a 9/10 de setembro), andou entre Sagres e Cabo de S. Vicente. Esta estadia de D. Sebastião no Algarve ficaria marcada pela morte de D. Álvaro de Castro, ocorrida a 29 de agosto de 1575, no cabo de S. Vicente, vindo a ser sepultado na Aldeia do Bispo. Uma morte muito sentida por D. Sebastião, pois D. Álvaro, ao tempo vedor da Fazenda, foi um dos seus conselheiros mais constante e de maior aceitação, com o qual manteve uma relação estável, cuja explicação assentará porventura numa comunhão de projetos políticos e num certo pendor para o misticismo que os irmanava.

- Em 1576, entre 22 de agosto e 17 de setembro, nova deslocação ao Algarve. Pouco se sabe sobre as suas andanças, a não ser que falso rebate de galés turcas, a quatro léguas de Lagos, seriam pretexto para D. Sebastião se exercitar e congeminar estratégias para enfrentar o inimigo.

- Por fim, em 1578, a derradeira viagem que o levaria a Alcácer Quibir. Já com o grosso do exército, chegou a Lagos a 26 de

junho, onde se lhe juntaria o terço alentejano. Daí abalaria a 28 do mesmo mês, rumo a África.

Após o seu regresso da primeira jornada ao Norte de África, em 1574, D. Sebastião escreveu uma longa narrativa sobre esta sua viagem. Mais que uma relação objetiva, deixou-nos uma espécie de roteiro vivencial, escrito na primeira pessoa, onde se propõe expor a sua versão do sucesso. Sobre a sua paragem no Cabo de S. Vicente vale a pena transcrever o seu testemunho emotivo, em que está patente o fascínio sobre ele exercido por esta localidade algarvia:

*«Pondo-me no cavalo fui ao mosteiro do Cabo de S. Vicente, que está na ponta da terra do Cabo, tão estranho, formoso e grave, como realçado, entendido e celebrado dos mortos vivos que foram, e mais aprovado, engrandecido e lembrado de ser ignorado dos vivos mortos que, de serem indignos dele, o não hão podido entender, nem compreender; onde estive nove ou dez dias, só com dois oficiais meus, vendo a vista das manhãs e tardes, dias, e noites, e o muito que se nelas viam daquele grande porto e sítio, vendo nascer o Sol no Oriente do horizonte no mar, e seu ocaso no Ocidente por o horizonte no mesmo mar, que é estranha vista e rara, donde se veem duas costas e dous mares, demandado este Cabo de todos os navios que navegam de Levante a Ponentes».*²⁰

²⁰ D. Sebastião, «Relação da primeira jornada que fez a Africa no anno de 1574», in Diogo Barbosa Machado, *Memorias para a Historia de Portugal que comprehendem o governo delrey D. Sebastião*, tomo IV, Apêndice, pp. 1- 53 (citação, com ortografia atualizada, colhida na p. 53)

Do Algarve para Marrocos: a *Jornada* de 1573

LUÍS COSTA E SOUSA *

No dia 2 de janeiro de 1573, uma sexta-feira, o rei D. Sebastião saiu de Évora com uma “luzida” comitiva. Ao longo de quase dois meses percorreu as principais localidades do Alentejo e Algarve, com o objetivo de avaliar o estado da organização militar nesta região. Trata-se de uma viagem inédita no contexto português, pois nenhum outro monarca se havia deslocado tão demoradamente ao sul do reino, nem alguma vez havia procedido pessoalmente a uma tão detalhada inspeção do aparelho militar. Assim, para entendermos as motivações da iniciativa régia conhecida como “jornada ao Alentejo e Algarve”, designação atribuída pelo cronista João Cascão, será necessário recuar ao início do reinado do “desejado”.

* Investigador do CHAM, NOVA FCSH.

Mal tomou nas mãos o governo, D. Sebastião dirigiu a atenção para a preparação militar do reino português. Certamente que aproveitou as estruturas militares que vigoravam durante o reinado de D. João III; é de crer que este monarca, tão a par do que sucedia no resto da Europa, não tenha deixado de seguir semelhantes formulações, nomeadamente a existência de uma força organizada em vários lugares do reino, como várias situações o demonstram; em 1559, quando um contingente significativo de corsários berberescos desembarcou no Algarve, foram mobilizadas as companhias de ordenança das povoações costeiras até Silves. Outro exemplo surge num manual militar escrito durante a época sebástica, que refere a existência de companhias de ordenança em Valença, cujos soldados já mantinham uma elevada prontidão para contrariar este tipo de ataques.¹ Outras localidades possuíam estas estruturas, e naturalmente existiam nas principais urbes como o Porto e, obviamente, Lisboa. Continuava a faltar um aspeto essencial a toda esta rede: a articulação institucional, nomeadamente o suporte legislativo que estabelecesse um regime de recrutamento e adestramento a todo o território.

Esta falta foi colmatada pelo conhecido diploma, o “Regimento dos Capitães-Mores e mais Capitães e Oficiais das Companhias da gente de cavalo e de pé e da ordem que terão em se exercitarem”, que estabeleceu o padrão organizativo português, que definiu a estrutura organizativa das companhias, nomeadamente o número de soldados e a hierarquia militar associada, a forma de recrutar os homens, como deveriam preencher os efetivos das novas estruturas organizativas, e o regime de treino a que todos os soldados deveriam ser sujeitos. Ignora-se a quem se deve a redação do “Regimento dos capitães-mores”, mas o diploma foi moldado pela experiência espanhola e italiana.²

¹ Ana Paula Avelar & Luís Costa e Sousa (eds.), *Um tratado português do século XVI revisitado: O Regimento de Guerra de Martim Afonso de Melo* (Lisboa: Colibri, 2023).

² Luís Costa e Sousa, *Construir e Desconstruir a Guerra em Portugal (1568-1598)* (Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares, 2015).

No entanto, conhecemos os nomes de vários dos homens que, de uma forma ou de outra orbitaram em torno do rei, constituindo a sua “entourage” em assuntos militares: o mais conhecido será Isidoro de Almeida, veterano das guerras de Itália, especialista em fortificação, protagonista da defesa de Mazagão durante o cerco de 1562, e tratadista militar autor do primeiro impresso sobre arte militar em Portugal; Diogo Álvares Correia, veterano da Flandres e também tratadista,³ que será capitão de companhia no “terço” de D. Miguel de Noronha na derradeira expedição sebástica de 1578. Outro era João da Fonseca, outro veterano da Flandres e autor de um tratado “de re militari”, e que em 1573 seria nomeado sargento-mor da recém-criada capitania do Algarve.⁴ Finalmente, um nome esquecido deste conjunto de entendidos da “milícia” foi Giovanni Antonio Levo, sargento-mor do duque Emanuel de Saboia e um dos responsáveis pela reorganização militar do ducado, e que terá servido como capitão das “ordenanças” em Portugal, entre 1572 e 1575.⁵ A estes «homens da profissão da guerra»⁶ com quem o rei adquiria conhecimento da “milícia”, juntavam-se as chamadas pessoas de qualidade, como o “Senhor D. Duarte duque de Guimarães”, condestável do reino, o duque de Aveiro e outros fidalgos de nomeada, que aliás viam com algum desdém os profissionais de baixa extração que orbitavam em torno do rei. Foram, aliás, os fidalgos que, em maior ou menor grau, colocaram os principais entraves à transferência do poder de recrutamento para os oficiais régios nomeados ao abrigo do novo diploma.

³ Ana Paula Avelar & Luís Costa e Sousa (eds.), *O livro de Valo. Um tratado militar português do século XVI* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2023).

⁴ A capitania do Algarve foi criada em 1573, logo após a “jornada” de 1573.

⁵ Walter Barberis, *Le armi del Principe. La tradizione militare sabauda* (Torino: Einaudi, 1988).

⁶ Francisco de Sales Loureiro (ed.), *Crónica do xarife Mulei Mahamet e Del-Rei D. Sebastião* (Odivelas: Europress, 1989), p. 141.

A lei de 1570 foi antecedida pela reativação das companhias de ordenança no Porto e em Lisboa. Esta forma progressiva de impor as obrigações militares a todos os homens válidos do reino foi, aliás, uma constante da reforma militar sebástica. A jornada de 1573 segue nesta esteira, e consistiu no passo seguinte do processo de reorganização iniciado em 1568: a avaliação, *in loco*, da implementação do processo legislativo.

Sinalizado o seu contexto bélico, a viagem de D. Sebastião ao Alentejo e Algarve torna-se numa gigantesca parada militar. Na guerra, os soldados devem «vestir-se de panos alegres»,⁷ lê-se no *Quarto livro das instruções militares de Isidoro de Almeida*, cuja publicação o autor preparava em Évora, nesse mesmo ano de 1573. Martin de Erguiluz, tratadista espanhol mais tarde divulgado em Portugal, confirma que o «soldado deve de andar vestido de cores para ser conhecido»⁸ no campo de batalha. Assim iam vestidos os fidalgos mais notáveis da comitiva de D. Sebastião, «cada um vestido de sua cor»;⁹ «El-Rei levava gibão e roupeta, e calças de raxa cor de rosmaninho [...]. O senhor D. Duarte [levava] gibão e capotilho, e calças de raxa verde de Mescara», e o duque de Aveiro «gibão, roupeta e calças de raxa de cor de pinha e muito verde».¹⁰

Descrições como esta sucedem-se ao longo do relato do cronista da jornada, que nos dá um retrato da corte sebástica, onde o exercício da guerra coexiste com a observância de atitudes mais mundanas. Pelas palavras de João Cascão assistimos a várias das atividades a que a fidalguia se dedicava como forma de preparação para a guerra: à saída de Beja, caça com o falcão; em Messejana, correr touros “em sorte” e “à

⁷ Isidoro de Almeida, «Quarto liuro de Isidoro de Almeida das Instruções Militares» in A. Faria de Moraes, *Arte Militar Quinhentista* (Lisboa: Separata do Boletim do Arquivo Histórico Militar, 1953), pp. 123-204.

⁸ Martin Erguiluz, *Discurso y regla militar*, ed. F. Andujar del Castillo (Madrid: Ministerio de Defensa, 2001).

⁹ *Relação da jornada*, p. 32.

¹⁰ *Relação da jornada*, p. 32.

carreira”, como em Messejana; e em Odemira, caça ao javali “à lançada” e com espingarda. Estas formas de treino divergiam daquele ministrado aos soldados das “ordenanças”. Estas atividades de cariz bélico, mas também conotadas com o lazer, um pouco à semelhança da espada que coabitava com o vestuário comum, contrastava com a “opressão” imposta aos homens abrangidos pela lei de 1570. A diferente vivência das obrigações militares nos vários estratos sociais da população encontra-se, aliás, claramente plasmada nas “provisões” publicadas no ano seguinte á “jornada” de 1573. A coexistência de gente “de qualidade” com a *arraia miúda* nas companhias de ordenança desapareceu; neste capítulo, as “provisões” de 1574 determinaram que “pessoas sejam escudeiros de linhagem ou daí para cima” servissem juntas e ocupassem o “melhor e mais honrado lugar da Companhia”.¹¹ Clara separação, que se pode confirmar aquando da organização da segunda expedição a Marrocos. Para a jornada de Alcácer Quibir, para além dos 4 “terços” de gente de ordenança, foi organizado um “terço” composto exclusivamente de gente de linhagem.

Mas qual foi a reação dos povos às extensas e inéditas obrigações militares que foram impostas a partir de 1570? No que respeita à região do Alentejo e Algarve, não há dúvida de que algo substancial foi conseguido. Em primeiro lugar, foi levada a cabo a incorporação de todos os homens considerados válidos para a guerra, entre os 18 e os 60 anos de idade, na estrutura militar de referência da época, a companhia.¹² O cronista da “jornada” registou 103 companhias nas 43 povoações que a comitiva régia visitou; atribuindo um efetivo médio de 200 soldados para cada companhia,¹³ trata-se de cerca de 20.000 homens. Relativamente ao segundo objetivo do “Regimento” de 1570, “a ordem

¹¹ «Provisão de 15 de maio de 1574», in N. G. P. Borrego, *As ordenanças e as milícias em Portugal: Subsídios para o seu estudo* (Lisboa: Guarda-Mor, 2006), pp. 876-881.

¹² «Regimento dos capitães-mores de 10 de dezembro de 1570», in N. G. P. Borrego, *As ordenanças e as milícias em Portugal*, pp. 867-876.

¹³ A lei de 1570 preconizava que cada companhia tivesse 250 homens, pelo que o valor referido toma em consideração que o efetivo máximo não fosse atingido.

que terão em se exercitarem”, as companhias apresentaram-se ao rei razoavelmente organizadas e fazendo, quase invariavelmente, grandes “salvas de arcabuzaria”. Portanto, é notório que os soldados para além de estarem equipados com este tipo de armamento, “já haviam perdido o medo do arcabuz”. Podemos assim concluir que o adestramento tinha lugar senão regularmente, pelo menos com alguma frequência.¹⁴ Algumas destas paradas – os chamados “alardos” – deixaram mesmo uma impressão especialmente favorável, como foi o caso da ordenança na cidade de Ourique, «a melhor ordenança que em todos estes lugares achámos»,¹⁵ e a ordenança de Tavira, com cem homens de cavalo «muito bem concertados» e cujas «sete bandeiras de ordenança» fizeram «sua salva [de arcabuzaria] muito bem feita». ¹⁶ Em Faro, apesar dos 1.800 soldados apresentados pelo experimentado capitão-mor da cidade Rui Barreto¹⁷ ficarem aquém do número de companhias da cidade de Moura (2.200), teve lugar uma das mais elaboradas de todas mostras apresentadas durante a “jornada” de 1573, e da qual se encontram eventuais vestígios na organização da ordem de batalha do exército sebástico que combateu em Alcácer Quibir.

Na segunda e derradeira expedição de D. Sebastião a Marrocos encontramos a confirmação de que o processo de reorganização militar se encontrava em fase de consolidação. Embora os chamados “livros de matrícula”, onde os soldados eram registados – dando, aliás, cumprimento ao estipulado pelo regimento de 1570 –, continuem desaparecidos, outras fontes fornecem pistas quanto à proveniência do

¹⁴ Os acidentes com armas de fogo eram frequentes entre recrutas inexperientes, como o refere Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. Manuel Lopes de Almeida (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1953), p. 51.

¹⁵ *Relação da jornada*, p. 49.

¹⁶ *Relação da jornada*, p. 90.

¹⁷ Nuno Vila-Santa, «Rui Barreto e D. Sebastião: percursos de um reformador militar nas vésperas de Alcácer-Quibir (1563-1574)», in Ana Paula Avelar & Luís Costa e Sousa (eds.), *Representações do campo de batalha em Portugal (1521-1621): Imagens e textos* (Lisboa: Colibri, no prelo).

recrutamento efetuado para a fatal expedição. É o caso das listas dos resgates dos frades trinitários após o desastre de 4 de agosto de 1578, elaboradas entre 1579 e 1607.¹⁸ Ainda que constituam apenas uma pequena amostragem do total do exército de D. Sebastião, parecem confirmar aquilo que o rei e a sua comitiva haviam presenciado 5 anos antes. Mas comecemos pelo início.

Nas listas de resgates é possível identificar, com grande margem de certeza, cerca de 1.300 cativos provenientes da batalha de Alcácer Quibir, portanto a amostragem não vai muito além de 5% do total do exército. Esta amostragem carece de estudo mais aprofundado, até porque o número total de resgatados ascende a quase 5.000 indivíduos, sendo que não é possível identificar todos como estando presentes na batalha. Mas mesmo com estas limitações, a comparação entre o efetivo inspecionado em 1573 e os 55 resgatados provenientes do Algarve revela semelhanças interessantes. No geral, as duas comarcas do sul do reino, Tavira e Lagos, têm um peso semelhante nos alardos de 1573 e no recrutamento de 1578. As diferenças revelam-se numa análise fina da situação na comarca de Lagos. Algumas das cidades não têm resgatados; noutras, a percentagem relativa segue tendência inversa, como em Portimão e Silves. Ainda que este seja um trabalho longe de uma conclusão, parece, contudo, apontar para uma estabilização no potencial de recrutamento na região do Algarve nos 5 anos entre 1573 e 1578.

¹⁸ O trabalho sobre estas listas de resgate encontra-se em fase de desenvolvimento no âmbito do projeto exploratório financiado pela FCT «MOVING CITY. Cidades para a guerra: um exército europeu em Marrocos no século XVI» (EXPL/HAR-HIS/1521/2021).

Alardos no Alentejo e Algarve (1573)
e gente do Algarve nos resgates de Alcácer Quibir (1579-1607)

Região	Jornada de 1573	%	Resgates 1579-1607	%
Algarve	12.500 soldados		55 indivíduos	
Comarca de Tavira	7.250 soldados			
Albufeira	500 soldados	7	33 indivíduos	12
Alcoutim	1.250 soldados	18	4 indivíduos	12
Castro Marim	50 soldados	7	4 indivíduos	12
Faro	2.250 soldados	32	9 indivíduos	28
Loulé	750 soldados	11	3 indivíduos	8
Tavira	1.750 soldados	25	9 indivíduos	28
Comarca de Lagos	5.250 soldados			
Alcantarilha	250 soldados	5		
Alvor	500 soldados	9		
Lagos	1.250 soldados	24	7 indivíduos	32
Luz			1 indivíduos	4
Marmelete			2 indivíduos	9
Monchique	250 soldados	5		
Portimão	750 soldados	14	9 indivíduos	41
Raposeira				
Silves	2.250 soldados	43	3 indivíduos	14

A “jornada” de 1578 continua a ser uma fonte de preciosos detalhes que abrangem temáticas tão diversas como corografia do sul de Portugal e a cultura material da corte portuguesa da segunda metade do século XVI. No caso da situação militar do sul do reino português e a sua importância na segunda “jornada a África” de 1578, é um documento imprescindível para um estudo comparativo com outras fontes que, sem dúvida, trará uma perspectiva renovada sobre um tema que se julgava praticamente fechado.

BREVE GUIA DE LEITURAS

RUI MANUEL LOUREIRO & DANIELA NUNES PEREIRA

Breve Guia de Leituras

RUI MANUEL LOUREIRO & DANIELA NUNES PEREIRA

O leitor interessado em conhecer mais aprofundadamente a história do reinado de el-rei D. Sebastião, tem hoje à sua disposição uma relevante bibliografia, que aqui se apresenta muito sumariamente. Cada um dos títulos referenciados de seguida, apresentará outras pistas de leitura, de forma que cada leitor poderá traçar os seus próprios caminhos de investigação, ao sabor de interesses mais específicos. Em cada secção, os títulos são listados por ordem cronológica de publicação.

A segunda edição da *Relação da jornada d'el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora*, desde logo, merece ainda consulta atenta, sobretudo pela sua extensa introdução:

- Francisco de Sales Loureiro, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve: A alteração das linhas de força da política nacional* (Lisboa: Livros Horizonte, 1984). A introdução figura nas pp. 7-75, enquanto o texto da obra de João Cascão, transcrito a partir do manuscrito da Biblioteca da Casa de Cadaval, ocupa as pp. 77-136.

De entre os estudos que se debruçam sobre a vida de el-rei D. Sebastião e sobre a sua época, valerá a pena consultar:

- Joaquim Veríssimo Serrão, *Itinerários de El-Rei D. Sebastião (1568-1578)* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1987). Trata-se da 2ª edição, corrigida e aumentada, de uma obra originalmente publicada em dois volumes, em 1962-1963. Baseada numa amplíssima pesquisa documental, a obra segue dia-a-dia os itinerários de el-rei D. Sebastião.
- Francisco de Sales Loureiro, *D. Sebastião e Alcácer Quibir* (Lisboa: Publicações Alfa, 1989). Trata-se da 2ª edição de um estudo originalmente publicado em 1978, da autoria de um dos mais conceituados historiadores da vida e da época de el-rei D. Sebastião.
- Maria do Rosário Themudo Barata de Azevedo Cruz, *As Regências na Menoridade de D. Sebastião: Elementos para uma História Estrutural*, 2 volumes (Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992). Estudo fundamental sobre a situação política em Portugal durante as regências da rainha D. Catarina e do cardeal-infante D. Henrique.
- Jacqueline Hermann, *No reino do Desejado: A construção do sebastianismo em Portugal – séculos XVI e XVII* (São Paulo: Editora Schwarcz – Companhia das Letras, 1998). A autora debruça-se não só sobre el-rei D. Sebastião e o seu reinado, mas também sobre a posterior construção do *sebastianismo*.
- Maria Augusta Lima Cruz, *D. Sebastião* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006). A mais rigorosa e mais atualizada biografia do

monarca português, que enquadra a real personagem no contexto do seu tempo.

Relativamente à batalha de Alcácer-Quibir, que teve lugar no dia 4 de agosto de 1578, e durante a qual el-rei D. Sebastião perdeu a vida, existe muita bibliografia, mas poucos estudos recentes. Valerá a pena partir dos seguintes títulos, que fornecem numerosas indicações bibliográficas:

- Pierre Berthier, *La bataille de l'oued El-Makbazeen dite bataille des Trois Rois (4 Août 1578)* (Paris : Centre National de la Recherche Scientifique, 1985). Uma obra já antiga, mas que continua a merecer atenção, pelo tratamento abrangente e pela diversidade de fontes utilizadas.
- Luís Costa e Sousa, *Alcácer Quibir 1578: Visão ou delírio de um rei?* (Lisboa: Tribuna da História, 2009). Um estudo recente, sintético, documentado e original sobre a famosa batalha, amplamente ilustrado e com muitas pistas de investigação.

Relativamente ao tema específico da arte da guerra, que está na base da jornada de el-rei D. Sebastião e do seu relato por João Cascão, valerá a pena consultar dois títulos recentes, muito rigorosos, documentados e inovadores:

- Luís Costa e Sousa, *A Arte na Guerra: A Arquitectura dos Campos de Batalha no Portugal de Quinhentos* (Lisboa: Tribuna da História, 2008).
- Luís Costa e Sousa, *Construir e Desconstruir a Guerra em Portugal (1568-1598)* (Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares, 2015).

De resto, está disponível um exaustivo repertório bibliográfico sobre el-rei D. Sebastião e a sua época, que valerá sempre a pena consultar:

- Vítor Amaral de Oliveira, *Sebástica: Bibliografia geral sobre D. Sebastião* (Coimbra: Biblioteca geral da Universidade de Coimbra, 2002).

